

PARO

DIOGO PIÇARRA
MURAI

TÂMARA ALVES
TAROT



BLAYA

Momentos em que não te sentes nada deste tempo?

BLAYA Quando vou sair e quase 80% do club não está a dançar. Quando percebo que há poucos artistas na área da música excêntricos. Às vezes nem é o tempo mas é o lugar! Portugal acaba por ser um pouco fechado, mas há países mais liberais.

Momentos em que gostarias de estar já no futuro?

BLAYA Carros que voam. Poliamor é normal.

Momentos preciosos do teu presente?

BLAYA Estar com a minha filha, ter concertos, viajar.

O teu top 10?

BLAYA A minha filha
Os meus cães
Tailândia
Melância
Feijão com arroz
Rihanna
Cardi B
Praia
Café com leite
condensado e gelo
Fat Freedy's drop



texto Francisco Vaz Fernandes
fotografia + 3D Andy Dyo @andy_dyo
styling Rubén de Sá Osório @rubendsosorio
ass. fotografia Hugo José @gimboe
mu Sara M. de Oliveira @dapperfish
hair Afrobraids @afrobraids_official
estúdio Playground @theplaygroundpt

headpiece de KATERYNA KORNILOVA
@oldskullembroidery

DIOGO PIÇARRA

Momentos em que não te sentes nada deste tempo?

DIOGO Muitas vezes olho para as redes sociais e sinto que por momentos não pertencço a este tempo. Mais de metade das polémicas, hate, clickbait, fake news e discussões não aconteceriam se não houvesse redes sociais. E sinceramente, se o meu trabalho não envolvesse exposição, muito provavelmente nem sequer teria um smartphone, como sempre assim o foi, antes de começar a minha carreira.

Momentos em que gostarias de estar já no futuro?

DIOGO Com esta pandemia, acho que todos nós gostaríamos de avançar pelo menos uns meses até ao dia em que estejamos todos na rua, sem máscara e de regresso à normalidade.

Momentos preciosos do teu presente?

DIOGO A nossa filha é o melhor presente que a vida nos podia ter dado. Todos os dias são uma alegria pois há sempre uma palavra ou uma brincadeira nova, e nós cada vez mais apaixonados.

O teu top 10?

PEDRO Praia Verde
Restaurante de sushi
Hikidashi
Without you –The Kid Laroi
Bar Royal Morango
Quinta Pedagógica Olivais
Homo Deus de Yuval Harari
Pastelaria Bolo D'Ouro
Contratiempo de Ramiro
Medina Flores
Oceanário Lisboa
Série Startup



texto Francisco Vaz Fernandes
fotografia + 3D Andy Dyo @andy_dyo
styling Rubén de Sá Osório @rubendsosorio
ass. fotografia Hugo José @gimboe
mu Sara M. de Oliveira @dapperfish
estúdio Playground @theplaygroundpt

Periodicidade
Bimestral
Depósito legal
272758/08
Registo ERC
125392
Edição
Conforto Moderno Uni, Lda.
NIF
508 399 289
Propriedade
Conforto Moderno Uni, Lda.
Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq.
1000-251 Lisboa, Portugal
Telefone
00351 218 473 379

Impressão
Suspensa. Disponível edição on-line.
Distribuição
Conforto Moderno Uni, Lda.

Director
Francisco Vaz Fernandes
francisco@parqmag.com
Editor
Conforto Moderno
Design
Valdemar Lamago
www.valdemarlamago.com

Textos
António M. Barradas
Carla Carbone
Carlos Alberto Oliveira
Daniel Bento
Diogo Graça
Francisco Vaz Fernandes
João Pereira
Liliana Almeida
Luís Sereno
Maria São Miguel
Mirai
Patrícia César Vicente
Rafael Moreira
Rafael Sousa Vicente
Rafael Vieira
Rita Ramos
Roger Winstanley
Sara Madeira

João Barreiros
João Luís
João Paulo
Julie Dimitrova
Nádia Correia
Pedro Afonso
Sara de Jesus Bento

Ilustração
Nicolae Negura

Styling
Ana Magalhães
Andrea Soares
Andreia Valente
Beatriz Cardoso
Caetana Agrela
Carolina Canas
Cybertokio
Daniela Gil
Joana Marques
Mafalda Rocchi
Rubén de Sá Osório
Sara Soares
Sofia Carvalho

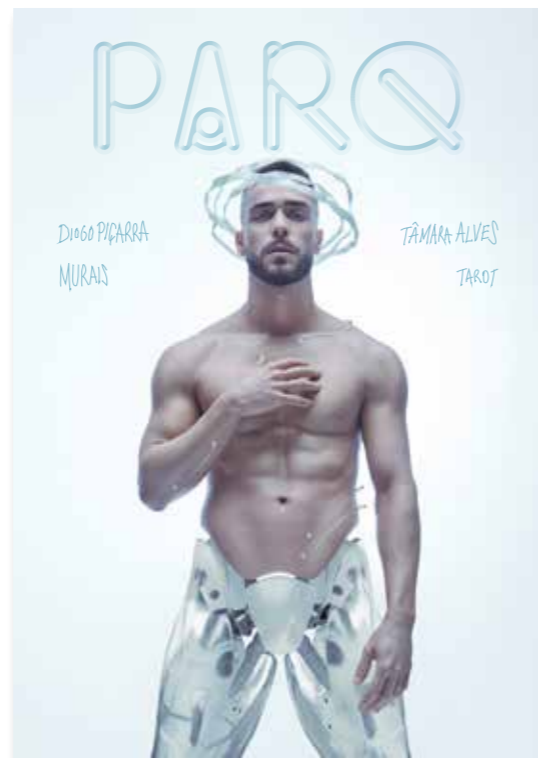
www.parqmag.com
facebook
instagram
youtube

/parqmag
/parqmag
/parqmag

A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da PARQ. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2021 PARQ.

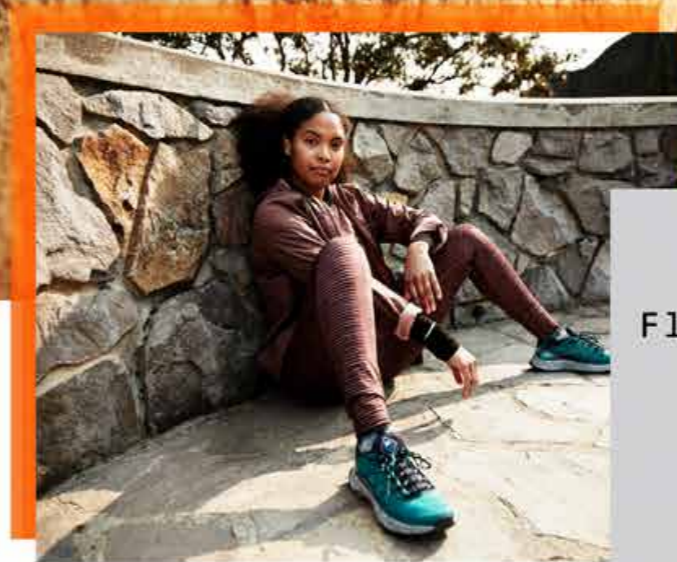
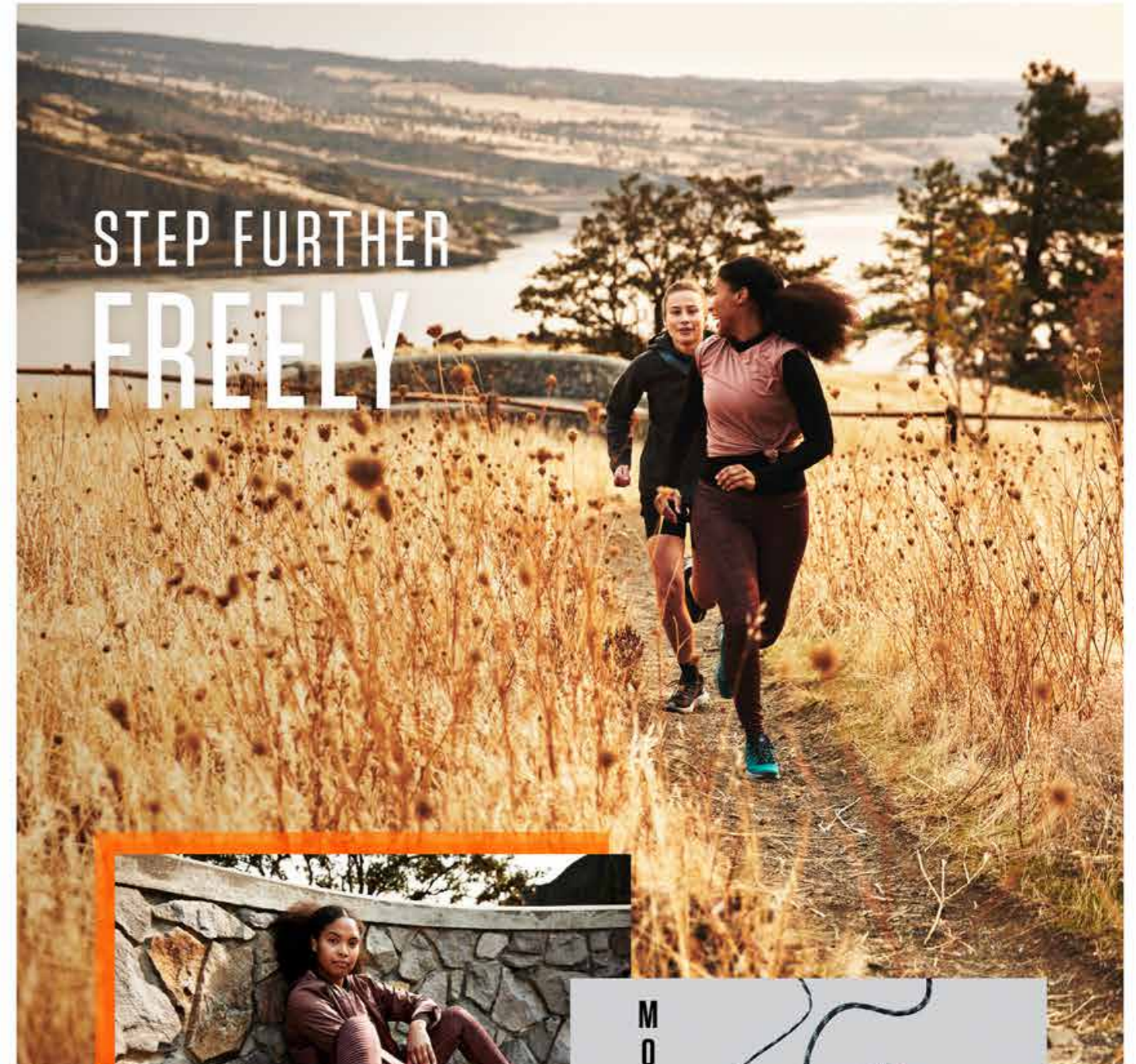


headpiece de KATERYNA KORNILOVA @oldskullembroidery

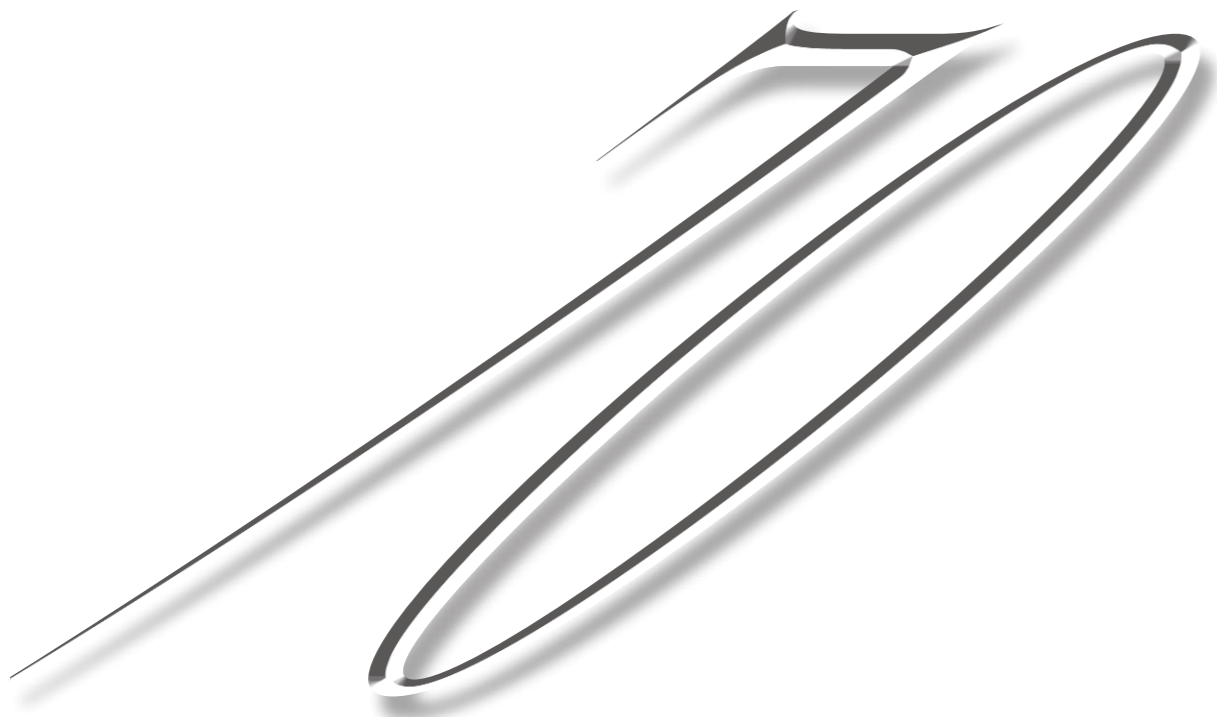


texto Francisco Vaz Fernandes
fotografia + 3D Andy Dyo @andy_dyo
styling Rubén de Sá Osório @rubendsosorio
ass. fotografia Hugo José @gimboe
mu Sara M. de Oliveira @dapperfish
hair Afrobraids @afrobraids_official
estúdio Playground @theplaygroundpt

MERRELL.



Sente leveza nos trilhos com uns Moab
construídos para te levarem um passo adiante.
merrell.pt



GOU MUSC

- 08 Depression Cherry
- 09 Summer Cds
- 10 Louise Burgeois
- 16 Jorge Queiroz
- 20 Shell Game
- 26 Natureza Morta
- 30 Earthship
- 32 Noé Duchaufour
- 34 As Horas
- 36 Nádia Correia - Portucalense
- 42 Cleópatra e os ícones da Levi's®
- 48 Jaci Duarte
- 50 Better Together - Vans
- 56 Primeiríssimo Mundo
- 66 Maria Carlos Baptista
- 76 Mil Jewellery
- 78 Beleza
- 82 110 - Fila
- 86 40 anos - Merrell
- 90 Sneakers & Sunglasses

SOUNDSTACION

- 102 Murais
- 110 Domi

CENTRAL PARQ

- 114 História do Cinema Documental
- 118 Tâmara Alves
- 128 David J. Amado
- 134 António Castro
- 140 Tarot Hoje

FASHION EDITORIAL

- 148 New Era
- 162 Into the Rose Garden
- 178 Forward
- 194 BFFS
- 206 Allone

PARQ HERE

- 224 André Ópticas
- 226 WOW - Museu da Moda e dos Textéis
- 227 Colectivo Coral - Valsa
- 228 Otro
- 230 Bomau
- 232 Crónica



GANT

FOOTWEAR

O bilhete dourado para viajar sem sair do sítio
DEPRESSION CHERRY

texto António Barradas

Não existiu verbo mais em voga nos últimos tempos do que: viajar. Vivemos um período crítico e dá-nos a sensação de não sairmos do mesmo sítio. Fecham-se fronteiras, exigem-se testes, encarecem-se meios de transporte e o medo toma conta de nós. Ansiamos por uma viagem, a qualquer lado, só desejamos afastar-nos do bicho-papão do desconhecimento, tantas vezes misturado com a solidão. Não existe pior cocktail, neste bar onde pululam inseguranças. Depositamos a nossa crença, mais ou menos apurada, num qualquer pozinho com réstias de magia, a oferecer-nos aquela mão nas costas para sairmos daqui. Seja isso onde for. Falta-nos um botão de “ejectar” para flutuarmos algures acima da realidade.

Na altura, quase sempre inóspita, em que a ansiedade faz das suas e me troca os b's, pelos v's e a sensatez pela desconfiança, entra em campo o meu bilhete dourado, a dar-me a hipótese de me transportar para lugar algum ou nenhum lugar, como me for aprazível. Chama-se *Depression Cherry*, o quinto álbum dos BEACH HOUSE, onde durante 44:45



(por um segundo a mais não se torna obra do destino) me posso aconchegar em qualquer foguetão, máquina do tempo, canoa ou tractor agrícola e deixar-me ser. Sem muralhas, nem ameaças para qualquer fim não anunciado. É uma terapia que transcende a audição e se fixa no sensorial.

Sejam quantas forem as vezes nas quais vou colocar os phones, relaxar o pescoço e colocar a placa do “volto já” nos olhos, a travessia muda sempre. É uma imersão do tamanho de um iceberg a partir-se em slow motion quando me deparo com *Levitation*. Percorro ruas felizes de dedos roídos e de cabelo sem volta. São recordações a levitarem-me ao passo de um caracol surpreendido pelo sol. Passeio-me em pés de veludo, para não assustar a serenidade ali ao virar da esquina. Hoje são ruas, amanhã estou no mesmo acorde numa escala diferente. Já viajei para Este e fiquei por lá. Tudo se suaviza com *Sparks* e a sua vibe aterradoramente triste, onde, por curiosidade, só me escorrem pingos de felicidade. É o condão da música: reinventa-se aos ouvidos de quem a sente. A viagem prossegue com *Space Song* e o foguetão partiu. Não para o espaço, mas para um finito espaço de coisas serenas. Toca e toca e toca. No fundo, toca-me.

Não há um Pantagrúel a fixar quantidades dos nossos sentimentos quando a música nos eleva. Trocamos os rés pelos mis e não seguimos a receita certa para o timbre singelo e passageiro de VICTORIA LEGRAND a sussurrar-nos ao ouvido. Queremos polvilhar com dor, peneirar o desejo e colocar q.b de ilusão em todo e qualquer travessia feita na altura de entrar um falsete. Os pêlos arrepiam-se e sabemos estar seguros. É assim com *PPP*, *Beyond Love* ou *Bluebird*. O puzzle completa-se sem lhe tocarmos, estando tudo tão intrincado como melódico.

Há vários álbuns para as mais determinadas fases da vida. Existem músicas a escorrer com o vento, outras a ajudar na tempestade. Vêm-se as imperfeições em cantores, detectam-se linhas descosidas em concertos, mas não deixemos ninguém dizer-nos o que sentir quando nos palpitam as veias e nos aproximam os horizontes.

**SUMMER
SUMMER
SUMMER
SUMMER** CDS

texto Carlos Alberto Oliveira

A promessa de tempos solarengos, languídos e dias felizes está aí com a chegada do verão. E a música a acompanhar-nos. Sempre. Estas são as oito propostas para este verão.



O single dos JAPANESE BREAKFAST “*Be Sweet*”, fortemente inspirado no movimento New Romantic dos anos 80, foi a primeira amostra do seu novo álbum *Jubilee*, que será editado a 4 de junho pela editora Dead Oceans.



Decorridos quatro anos, os WOLF ALICE regressam com um novo disco *Blue Weekend*. O álbum, que tem data de saída marcada para 11 de junho, pela Dirty Hit/RCA, explora de forma intimista a sensibilidade da banda, como demonstra o single “*The Last Man On Earth*”.

O novo disco de JOHN GRANT dá pelo nome *Boy From Michigan* e será lançado a 25 de Junho pela Partisan/Bella Union. O ambiente post-punk do single “*Rhetorical Figure*” e os sintetizadores que lembram os anos 80 de “*Boy from Michigan*” espicaçam a curiosidade sobre o disco.



Inspirados pelos clássicos duetos da Country Soul, BOBBY GILLESPIE dos PRIMAL SCREAM e JEHNNY BETH das SAVAGES reuniram-se para lançar um disco, *Utopian Ashes*, que sairá a 2 de julho pela mão da editora Third Man Records.



A estridente pop açucarada de THE GO! TEAM regressam em força com *Get Up Sequences Part One*. O álbum tem data marcada de saída a 2 de julho pela Memphis Industries.



Fortemente movidos pelo noise-pop/surf-rock, os WAVVES editam o seu novo disco *Hideaway* a 16 de julho pela Fat Possum. O single “*Help is On The Way*” retrata na perfeição o espírito da banda.



JOSÉ GONZÁLEZ regressa aos discos com *Local Valley*, o primeiro em seis anos. O single “*Visions*” segue a extraordinária matriz musical, e já habitual, do artista. *Local Valley* tem data marcada para 17 de setembro e será editado pela Mute.

LOUISE BOURGEOIS

texto Francisco Vaz Fernandes

Do ponto de vista tático das cidades, oferecer uma retrospectiva de LOUISE BOURGEOIS (Paris, 1911, Nova Iorque, 2010) é sem dúvida um grande trunfo, para o Porto e para SERRALVES que se permite a equiparar-se aos palcos de maior prestígio. Esta competição entre instituições culturais centrada muitas vezes no programa de Verão é cada vez mais, uma maior evidência, pensada de forma estratégica, na maior parte das vezes a partir do poder político e cultural da cidade ou do país. Tal como acontece com qualquer grande evento cultural, este implica avultados investimentos e esta exposição, não é exceção. Conta com a produção de mais dois museus, o GLENSTONE MUSEUM, no estado de Maryland nos Estados Unidos, em colaboração com THE EASTON FOUNDATION, em Nova Iorque, e o VOORLINDEN MUSEUM & GARDENS, Wassenaar na Holanda. A directora do GLENSTONE MUSEUM, EMILY WEI RALES é a curadora de LOUISE BOURGEOIS, *To Unravel a Torment* (deslaçar uma tormenta) que podemos ver na FUNDAÇÃO DE SERRALVES até 19 de setembro.

A exposição reúne peças que vão desde os anos 40, período que coincide com a fase em que a artista se radica em Nova Iorque deixando para trás o ambiente cultural de avant-garde parisiense que a formara e que é de certa forma herdeira direta. Apesar de manter uma produção ativa o meio cultural nova iorquino teve dificuldade em reconhecer o valor do seu trabalho e só de forma tardia o fez. Ou seja, até aos anos 90, quando tinha mais de 60 anos a obra de LOUISE BOURGEOIS era quase desconhecida do grande público e mesmo da imprensa especializada e só a partir dessa altura é que ganha uma audiência internacional, tornando-a numa das artistas mais influentes na passagem para o novo milénio.

De certa forma é compreensível a desatenção da crítica dos Estados Unidos, uma vez que o pós-guerra reforçou um modelo de sociedade americana assente na produção de massas, que reclamava eficácia e simplificação dos meios para atingir objetivos. Esta mentalidade refletia-se na valorização de uma arte igualmente objetiva, mecânica, serial, minimal nos



seus processos de produção. Pretendia-se que a carga autoral do artista fosse idealmente mínima e, nesse ponto, como em tudo o resto, era o contrário da produção de LOUISE BOURGEOIS, que arrastava a sua vida pessoal para o centro da sua produção dentro de parâmetros explorados pelo universo Dada e Surrealista parisiense. Toda a sua obra é, pois, baseada em elementos subjetivos, e formalmente, resulta sempre de uma expressividade manual que confere ao seu trabalho uma grande organicidade.

A sua obra tem uma componente narrativa forte tendo por base as suas memórias que, segundo a artista, são um lugar sombrio de ordem e desordem mas que se tornam o motor e centro da sua produção artística. As suas memórias aparecem descritas e representadas de forma simbólica e referem-se a experiências traumáticas e íntimas. Tornam-se num enredo que participa na constituição da sua própria identidade da artista. Ou seja, todas as interrogações sobre si, enquanto artista, enquanto mãe, enquanto mulher saltam amplamente para o centro da sua obra. Objetos que coleciona, reorganizados e expostos participam na construção de uma linguagem simbólica, criada pela artista, mas que, em geral, referem-se a situações de agressão e proteção.

Das muitas perspetivas por onde se pode abordar a obra de BOURGEOIS, uma das que foi

colocada com maior relevo, foi em torno do género feminino em oposição ao masculino. Esta temática despertaria o interesse das feministas americanas, nos anos 90. Foram as primeiras que colocaram a sua obra em relevo sublinhando, no essencial, todo o processo de construção de identidade que atravessa a obra da artista. Ser mulher, ser artista eram questões realçadas que orientavam o seu processo construtivo. Acabavam por inserir-se em temáticas em torno das identidades e dos processos de diferenciação, discursos que apaixonavam na época os meios artísticos americanos.

Apesar da sua considerável idade na altura, o reconhecimento público, permitiu-lhe acelerar a sua produção e explorar com maior densidade aspetos narrativos convocando os seus medos e a sua memória traumática. Numa época caída nos dilemas da representação, que questionou a faculdade e legitimidade de um indivíduo falar do outro, a sua capacidade de falar de si, tornou-se então uma referência para as gerações seguintes. As suas dores traziam temas que ampliados falavam de todos nós. Como refere, as suas memórias são, no essencial, documentos de onde retira emoções, mais do que factos, tal como eles foram. Mais que um sentido de verdade, a artista procura extrair das suas memórias um sentimento de emancipação e alcançar uma liberdade criativa.

É nesta fase que a artista, contando com espaços expositivos e budgets mais amplos, desenvolve as suas peças de maior dimensão que implicam a ideia de instalação. Entre as mais importantes estão as suas “cells” construídas, em geral, por materiais usados, como podem ser portas, janelas elementos que também tiveram as suas histórias, que transportam igualmente uma carga emocional. SERRALVES apresenta três dessas peças. Todas elas apresentam espaços circunscritos, que têm implícito a ideia de célula, de clausura. Definem um espaço circular fechado a partir do qual o espetador apenas pode espreitar para o seu interior. Neles cria-se uma espécie de palco de teatro do mundo, onde se colocam objetos que são catalisadores das suas memórias. Muito frequentemente são incluídas mensagens, escritas ou bordadas que conduzem o espetador para um ato inquisitivo sobre si próprio. São, em geral, peças com uma grande carga dramática, inquietantes, tal como pode ser uma guilhotina que paira sobre a “cell *Choisy*”, uma das obras expostas, aquela onde é mais evidente a referência à memória da sua casa de infância. Em geral, as suas obras não se fecham numa interpretação simples e única, estão abertas à especulação e à interpretação do observador.

A série das *Aranhas* que começa também a ser produzida com mais constância a partir dos anos 90, é também um dos temas recorrentes que ganham maior relevo no conjunto de peças selecionadas para Serralves. Aparece em desenhos dos anos 40, em instalações dos anos 90 e chegam praticamente à primeira década do novo milénio. A peça que coroa a exposição é uma das suas aranhas gigantes que paira sobre uma das artérias principais do JARDIM DA CASA DE SERRALVES. Intitulada *Maman*, só por si diria muito sobre a totalidade da obra de LOUISE BOURGEOIS. Ela representa obviamente uma ameaça, desperta o medo mas está aberta a uma dualidade de perspetivas. O medo que desperta em alguns pode representar o sentimento de proteção para outros. Essa dualidade e trânsito de sentimentos é muito presente na sua obra que explorou muito a questão dos opostos que além de serem vistos como antagónicos podiam ser simultaneamente complementares.





LOUISE BOURGEOIS, *Le Défi*, 1994, móvel de madeira eletrificado com vidros, na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, 2021. © Filipe Braga



LOUISE BOURGEOIS, *Cell 1*, 1991, na Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, 2021. © Filipe Braga





Deslaçar um tormento
Exposição Louise Bourgeois

Museu de Serralves
Rua D. João de Castro, 210
Porto

Seg. → Dom.
10:00 → 19:00

→ 19.09.2021

www.serralves.pt

Tanto tempo e vice-versa
JORGE QUEIROZ

texto Francisco Vaz Fernandes

Em Portugal a par do mundo ocidental, a geração de JORGE QUEIROZ pouco se confrontou com os novos dilemas da pintura que, herdeira de um processo niilista, encalhava num estado zero em profunda crise de representação. Nos anos 80, ainda assistimos a um processo reativo do sentido único modernista e observámos um retorno da figuração com um contorno revisionista. Era uma pintura desinibida com inspirações clássicas e historicista dentro de um quadro pós-moderno. Porém, rapidamente restrições identitárias assombram o panorama artístico geral e também a pintura é questionada na sua legitimidade e poder de representação, comparando com outros processos de maior alcance narrativo. Nesse percurso, a própria cor e até a matéria da pintura entram em falência e pouco mais sobrava para além do desenho que a florava na tela, muitas vezes tímido, quase imaturo, na maior parte das vezes sobreposto por textos narrativos, esses sim sempre abundantes e em expansão.

Antes de referir o conjunto de obras expostas na GALERIA BRUNO MÚRIAS, talvez fosse útil aludir que, para além da prática da pintura, o desenho tem tido também um papel importante na obra de JORGE QUEIROZ. No período em que reside em Nova Iorque experimentou muitas técnicas diferentes, no qual o desenho também é presente, não só um carácter experimental, como define muito daquilo que hoje reconhecemos na sua pintura. Nessa época em que questiona a representação, o seu desenho era subsidiário de muitos estilos, nomeadamente a BD, o cartoon e elementos vindos da cultura da rua. Cruza-os com referências de tradição erudita. No essencial, essa diversidade de referências convocadas no desenho não estabelecem qualquer hierarquia e permitem até o espetador sair das suas próprias hierarquias culturais.

Faz sentido recriar este panorama, para melhor compreender as circunstâncias do trabalho de JORGE QUEIROZ, nomeadamente o conjunto de pinturas que apresenta na GALERIA BRUNO MÚRIAS, sob o título geral *“Tempo para Tudo e vice-versa”*. No seu conjunto apresenta títulos de quadros que se referem a estados imensuráveis, estados efémeros, difíceis de quantificar e de dimensão abstrata. São já à partida um indício de que a própria dimensão espacial seja também difícil de nomear na

sua composição. No fundo é uma obra que resulta de uma colisão de elementos díspares que perdem o seu ponto de origem e ficam muitas vezes deslaçados e das suas referências. O seu interesse não está tanto em exhibir a capacidade em que pode dominar vários géneros de pintura, nem de os colocar lado a lado, como repetidamente foi feito por outros artistas. O seu interesse está no choque entre esses diferentes géneros num estado de explosão que permite novas perspetivas ao artista. São elementos que saídos de uma decomposição, encontram o seu lugar e reposicionam-se. Os próprios aspetos abstratos da pintura são tratados como substância, elementos concretos reproduzíveis. São géneros de pintura, formas de tratar, ao final de contas, restos de traços de sociedades, que podem ser tratados como representações, tal como uma silhueta humana.

No campo da composição a pintura de JORGE QUEIROZ cria, em geral, uma alusão a diferentes perspetivas, horizontes às vezes povoados por silhuetas humanas, árvores ou animais. No seu conjunto levam-nos a percorrer a sua superfície, cheio de acidentes tal como podemos fazer perante uma vista ao nosso alcance. Apesar da sugestão, a ideia de paisagem na sua pintura é longínqua e não é um fim em si. Mais do que a representação de um mundo real, a sua pintura procura criar um pathos que só diz respeito a matéria pictórica. Suspensa por uma qualquer força concêntrica e gravitacional a matéria encontra as circunstâncias e as formas de se agregar num processo de revelação. É como se toda a pintura fosse apenas “uma” e em trânsito, e como tal, o artista pudesse convocar caminhos e encontrar sentidos para si, seja visitando um sentido de composição de HIERONYMUS BOSCH, a emoção da cor de ODILON REDON, a materialidade de PER KIRKEBY, para apenas referir alguns ao longo do tempo. Muitos outros estarão dentro desse processo porque se trata de tráfego que está em constante renovação sempre que se experimenta a prática da pintura, para que a possa chamar de sua. Implica pois, um processo em que cada um no seu tempo, seja esse tempo. É assim, essa vontade de marcar o seu tempo que faz com que a pintura de JORGE QUEIROZ seja então, ainda uma matéria vibrante e que permita o artista insistir sobre os seus despojos.



Tanto tempo e vice-versa
Exposição Jorge Queiroz

Galeria Bruno Múrias
Rua Capitão Leitão, 16
Xabregas, Lisboa

Ter. → Sáb.
14:00 → 19:00

→ 26.06.2021

www.brunomurias.com



SHELL GAME

ANDREIA SANTANA + ANNA-SOPHIE BERG

texto Carla Carbone

Não é possível falar da atual exposição “*Shell Game*”, patente na GALERIA FILOMENA SOARES, sem voltar ao passado e mencionar “*The Outcast manufacturers*”, decorrida em 2019, ou “*The Skull of the Haunted Snail*”, realizada um ano depois, no espaço Hangar. Em todas elas, ANDREIA SANTANA, apresenta um fio condutor, o ferro que se estende pelo espaço da galeria e se contorce no ar até caminhos insuspeitados. Em “*Shell Game*” o vidro pausa sobre a estrutura em ferro. Como contentor, compreende uma função de recetáculo de vida. Vida que se concebe como detentora, tal como o Homem, de uma essência espiritual. A artista pretende, com estas esculturas, testar as propriedades dos objetos, enquanto potencial abrigo de seres vivos, como bactérias, insetos e fungos.

SANTANA terá relatado que, a um dado momento, na exposição do Hangar, observou a instalação de pequenos insetos, justamente no interior desses recetáculos de vidro, e que os mesmos se acomodaram e habitaram o espaço de modo tão natural. Para SANTANA a obra não se esgota no momento em que é concebida. Tão pouco termina o seu ciclo de vida no instante em que é fruída pelo visitante. Ela estende-se para lá do espaço da galeria, e do próprio lugar museológico. Com os pequenos seres vivos as peças ganham outras vidas, e para a artista não constitui problema que as peças se extingam, ou até se deterioreem. A vida para lá da obra interessa-lhe muito mais.

Outra preocupação da artista é o alcance ecológico das suas peças. Para SANTANA existe uma preocupação ambiental. Por esse motivo há um critério de seleção dos materiais, e é por isso que se tem vindo a verificar o uso, e a permanência, do ferro nas suas obras, para além da mais recente utilização do vidro.

As formas escultóricas, que se vão revelando, ao longo do espaço, tornam-se, cada uma delas, um desafio perceptivo em relação às anteriores. Na exposição “*The Skull of the Haunted Snail*”, por um lado, o efeito era de uma matéria viscosa. As formas vítricas pareciam derreter e pousar sobre o material duro do ferro negro. Suporte dessas mesmas formas aquosas. Em “*Shell Game*”, por outro lado, o espaço é mais luminoso e envidraçado. As mesmas formas vêem-se agora diluídas, tornam-se transparências,

vidros translúcidos que proporcionam um “ver através de”.

E é nesse “ver através de” que a artista nos oferece um novo esforço do olhar, diverso e múltiplo. Quem esperar encontrar consensos, um repouso no olhar, não o vai encontrar facilmente. Cada peça que surge diante dos nossos olhos, questiona a seguinte.

Esse exercício que nos desafia a percepção é reforçado pelas instalações de ANNA-SOPHIE BERGER, também presente na exposição “*Shell Game*”. Um retrato, colocado sobre a parede, põe à prova o visitante, pela estranheza que causa. Trata-se de um perfil, ou de um rosto representado de frente? O lado esquerdo do rosto, no retrato, parece o espelho do lado direito. Porém o rosto não parece representado na totalidade. Cada parte aparenta estar inacabada e depois unida. Falta algo. Pretenderá, a artista, reforçar, cientificamente, algum princípio gestaltiano? Ou, pelo contrário, no conflito perceptivo que desperta, põe a nú a nossa impossibilidade de obter um conhecimento absoluto sobre as coisas? E em que o mesmo conhecimento depende do ângulo em que nos situamos, e do contexto em que nos encontramos? Pois dizia MERLEAU-PONTY “A física da relatividade confirma que a objetividade absoluta é um mero sonho, demonstra como a observação se encontra rigorosamente associada à localização do observador e de como não pode ser abstraída dessa situação particular”.

Shell Game
Exposição Andreia Santana
+ Anna-Sophie Berger

Galeria Filomena Soares
Rua da Manutenção, 80
Xabregas, Lisboa

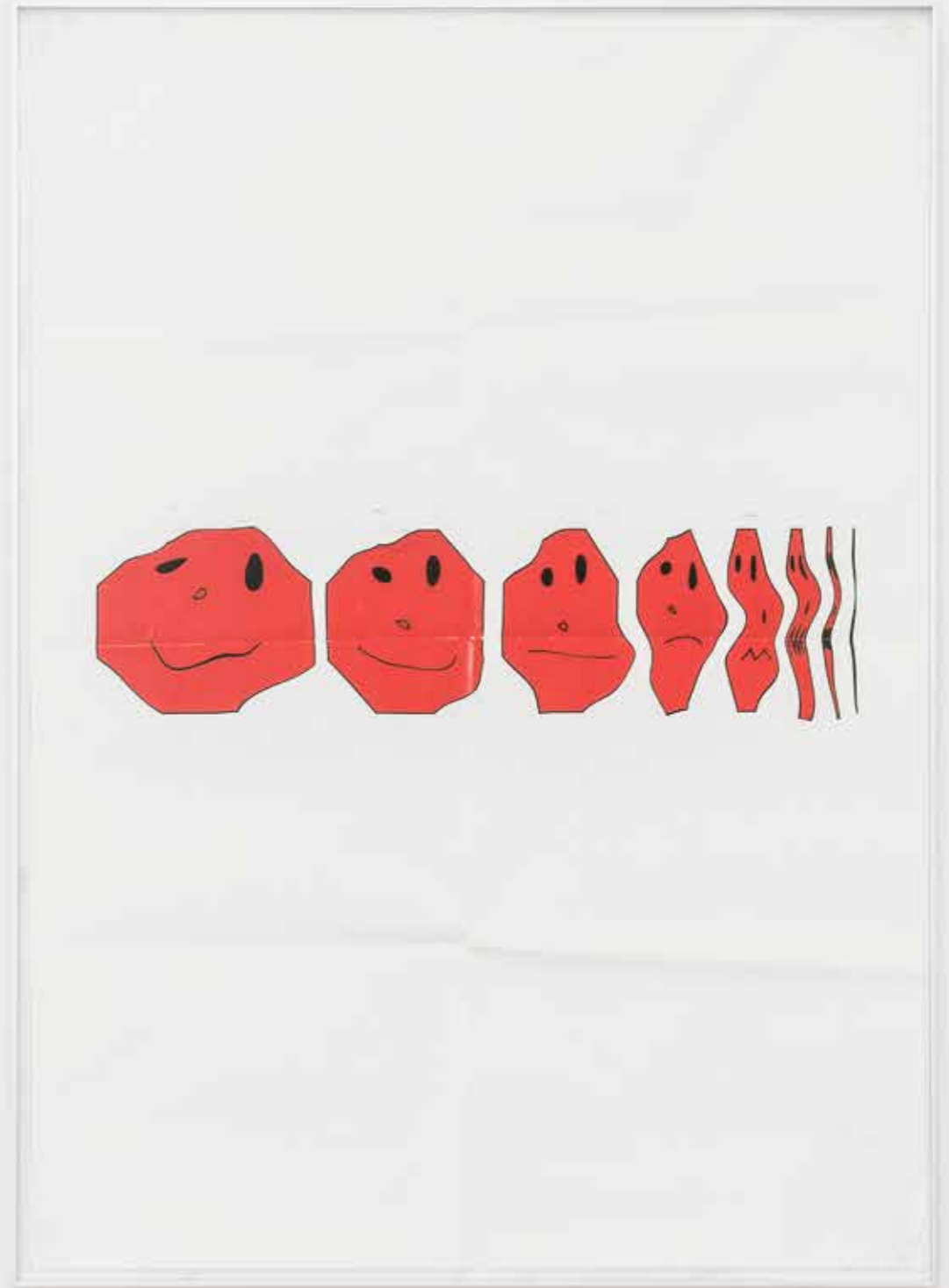
Ter. → Sáb.
10:00 → 19:00

→ 29.05.2021

www.gfilomenasoares.com







NATUREZA MORTA

ANDRÉ RIBEIRO
+ JUAN CARMONA

texto Carla Carbone

O Homem sempre olhou a natureza através do filtro dos seus olhos. Atribuiu aos outros seres vivos uma posição secundária no que diz respeito ao direito à vida, e ao reconhecimento da sua dor.

A sua visão antropocêntrica permitiu que, durante gerações e gerações, se generalisasse a ideia de que a natureza nos pertencia, e que podíamos decidir por ela. Com o rasto deixado pela pandemia estamos, talvez, além dos efeitos climatéricos e do aquecimento global, a chegar à conclusão que, não só a natureza não nos pertence, como somos nós que pertencemos a ela, e estamos sujeitos às suas leis primordiais, largamente mais misteriosas e grandiosas do que as nossas. Como podemos observar na intrincada raiz de eucalipto, e no seu iridiscendente raiar, que mais não faz do que relembrar a qualidade autodeterminada da natureza.

Em uma leitura recente BOAVENTURA SOUSA SANTOS evocava *“Los Caprichos de Goya”* para melhor expressar os fundamentos da razão, e de como essa mesma razão era responsável pela construção de monstros. Monstros estes capazes de reduzir os outros seres vivos a meros

gabinetes de curiosidades, ou wunderkammern, onde, ainda assim, inanimados, fariam as delícias dos seus proprietários. Muitas vezes por caprichos, outras por interesses científicos, mas frequentemente por vontade de poder e manifestação de domínio, traduzido em forma de troféus de caça.

A taxidermia é o modo, encontrado por ANDRÉ RIBEIRO e JUAN CARMONA, para melhor traduzir a relação que os humanos têm vindo a estabelecer com a natureza. *Natureza Morta, “Steal-life”*, segundo a dupla de artistas, “é uma interpretação artística de interação humana com toda a matéria viva, ficando-se na exploração e numa falsa sensação de controle de poder que exortamos”.

A exposição foi desenvolvida, na íntegra, ainda antes da chegada da pandemia, mas não deixa de reforçar o debate, tão presente, sobre o encarceramento e exploração dos animais. Parecendo, por isso, ter-se invertido os papéis, sendo o ser humano, neste momento, o mais encarcerado dos seres vivos.

Por esse motivo vemos insetos pregados em caixilhos de madeira e debruados com matérias finas, como ouro, cristal ou prata. Alguns dos insetos foram acompanhados por lupas, a fim de satisfazer, ainda com mais profundidade, o nosso olhar voyeur, ou potenciar, por meio do zoom, a morbidez dos nossos apetites. Podemos ver, sempre confortáveis e seguros, as variantes de espécies *Chrysina resplendis*, *Eupholos chevrolati*, *Megaloxantha bicolor*, *Xilocopa sonora*, entre tantas outras. São evocados, também, paradoxais e obscuros poemas como *“To-day, This Insect”*, de DYLAN THOMAS, em que se destaca o verso: “The insect fable is the certain promise”.

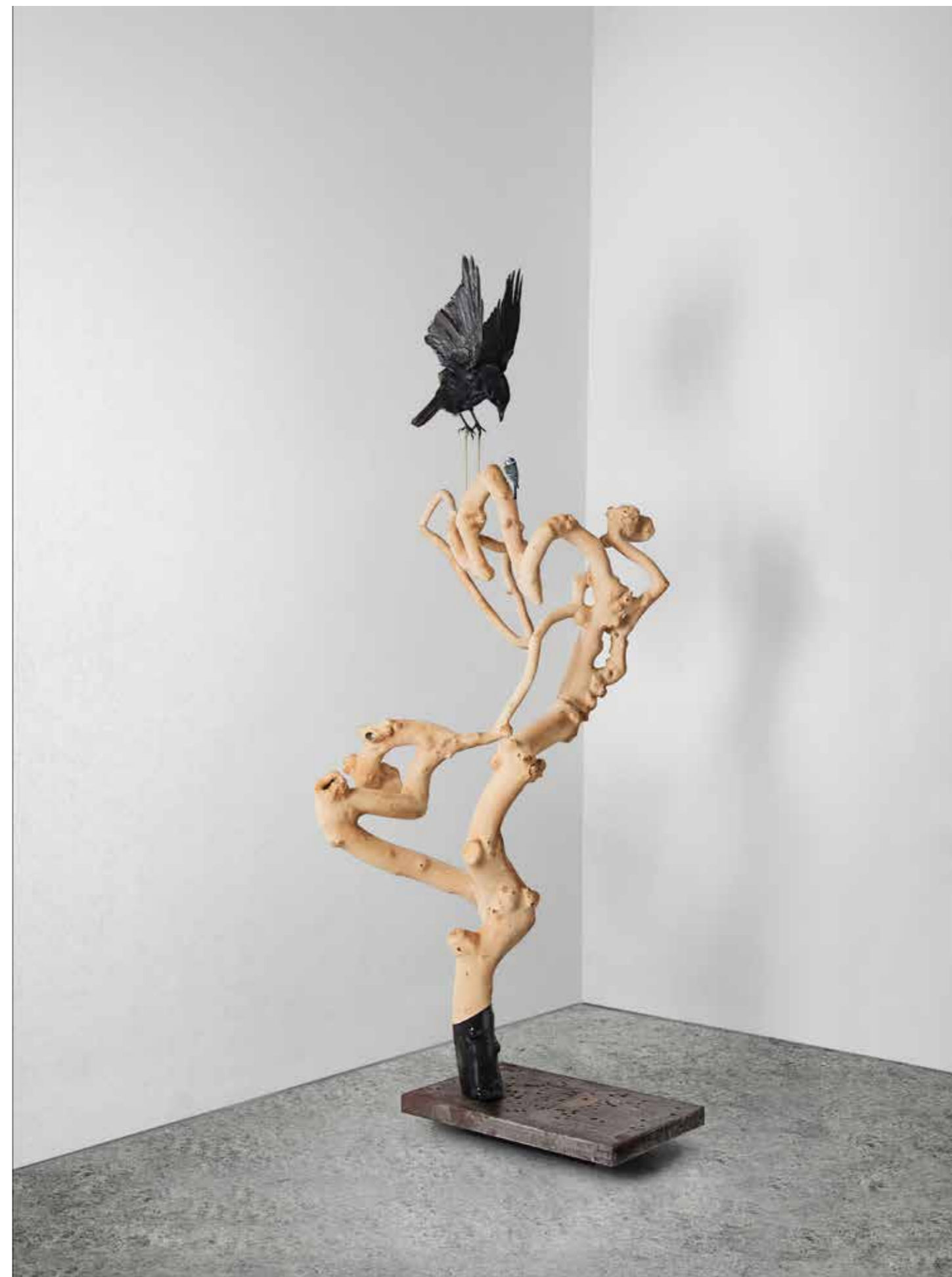
Still Life
Exposição André Ribeiro
+ Juan Carmona

Muñoz Carmona Gallery
Rua do Alecrim, 109
Lisboa

Ter. → Sáb.
12:00 → 20:00

→ 31.08.2021

www.munozcarmonagallery.com



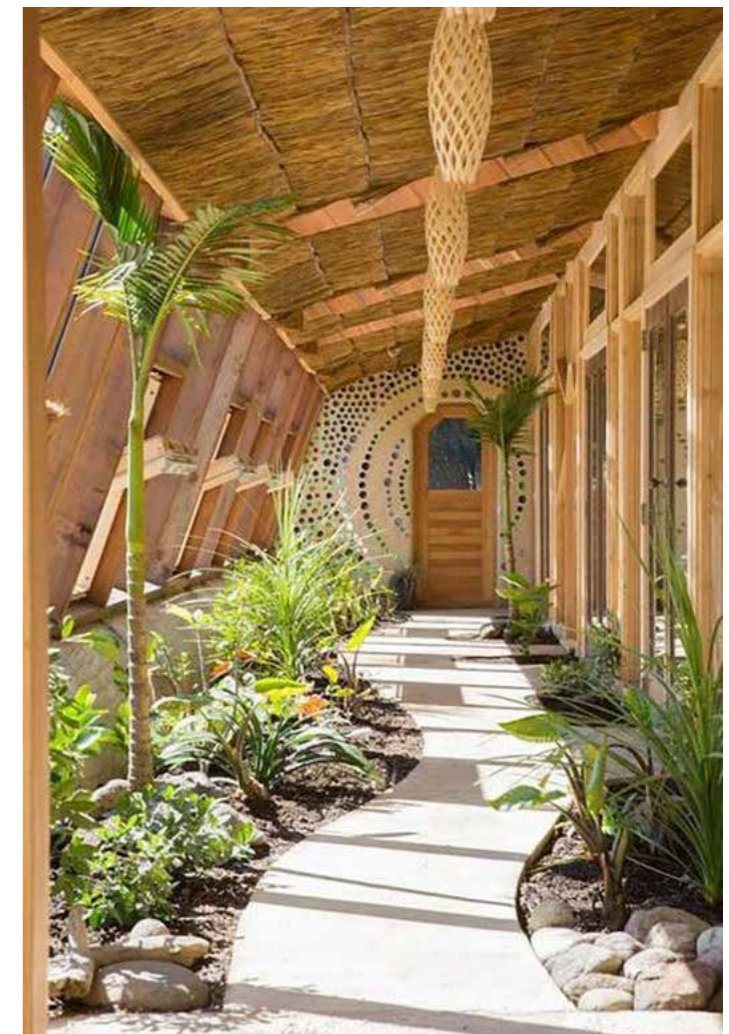


EARTHSHIP

texto Rafael Vieira

O arquitecto MICHAEL REYNOLDS criou o conceito de bioconstrução *Earthship* na década de 70. Aprimorou-a ao longo dos anos até atingir a maturidade actual, prometendo não mudar o mundo, mas certamente providenciando uma alternativa capaz às técnicas de construção convencional. E se a ideia de autonomia está reflectida no nome –de spaceship, ilha, como uma entidade autónoma– este extravasa a palavra e apresenta-nos um ideal assente em soluções energéticas e construtivas eficientes e sustentáveis. MÁRIO RORIZ, engenheiro fundador da *Earthship Experience*, responsável pela implantação das *Earthship* em Portugal, considera-as não apenas «um conceito de construção, mas um conceito de vida. A harmonia nos princípios em que assenta a *Earthship* faz com que as pessoas melhorem claramente a sua qualidade de vida». Isto é tão verdade quanto nos aproximamos do conceito, ao percebermos o sereno diálogo que a construção estabelece com o local onde se localiza e pela integração de tecnologias verdes e do upcycling. MÁRIO RORIZ sintetiza as *Earthship*: «O uso eficiente de materiais que em condições normais seriam

descartados [como pneus, por exemplo], o uso das energias verdes sol e vento, o cultivo de alimentação biológica, as questões térmicas passivas e o não recurso a máquinas, o aproveitamento da água da chuva para vários fins e o tratamento passivo dos resíduos que o espaço produz são os fundamentos em que a *Earthship* assenta. Tudo de uma forma perfeitamente harmoniosa». Há diversas *Earthship* a despontar em Portugal, algumas já em construção, outras ainda no estirador ou em consulta camarária, a fase mais complexa, assinala MÁRIO. Ainda que o conceito não seja recente, de longe, já é antigo de décadas, é uma alternativa inovadora e cada vez mais credível.



NOÉ DUCHAUFOR- -LAWRANCE

texto Carla Carbone

O designer francês NOÉ DUCHAUFOR-
-LAWRANCE estabeleceu-se
em Portugal com o intuito de
desenvolver o seu mais recente
projeto, *Made In Situ*. Trouxe, com ele,
além da vontade de explorar novas
possibilidades materiais no design,
a convicção de que iria encontrar,
em território nacional, uma certa
condição de pureza, uma certa
conexão com a simplicidade, e com o
humano. Para o designer ainda existe,
em Portugal, na sua opinião, uma
oportunidade de estabelecer uma
ligação com o “ecossistema humano”.

A estadia em Portugal permitiu-lhe
embarcar numa viagem de
sentidos, que o conduziu a uma
descoberta sobre a cultura
material, misteriosa e rica para ele,
oferecendo por isso um manancial
de oportunidades criativas.
Num projeto sustentado pelas
premissas: materialidade + pessoas
+ contexto, não esqueceu também
uma preocupação ecológica, de
impacto dos objetos produzidos.

É recente a elevação, a património
da humanidade, do barro negro.
Temos, em Portugal, dos poucos
lugares do mundo, em que ainda
se continua a produzir deste
barro. Em forno aberto, as peças
cozidas, adquirem a tonalidade
negra, provocada pela queima.
Porém, esta atividade continua
em risco. DUCHAUFOR-LAWRANCE
permite, de forma positiva,
alongar a longevidade desta
técnica, que tanto nos define,
enquanto país, último reduto de
tradições milenares, e únicas.

A DUCHAUFOR-LAWRANCE interessa,
também, a relação que estabelece
com o artesão, e como essa troca
de saberes enriquece tanto o
designer, como o próprio artesão.
O designer pela sua criatividade,
o artesão pelo seu saber fazer.
No caso das peças em barro,
DUCHAUFOR-LAWRANCE trabalhou,
de perto, com artesãos de Moledo.

Na prática criativa de DUCHAUFOR-
-LAWRANCE, o designer privilegia
uma atividade mais ampla e
total. Em jogo estão escolhas
que envolvam criações mais
diversificadas e plurais. Abertas
aos saberes da terra e da cultura
autóctone. Num esforço de aliar,
com humildade e abertura, o
novo ao conhecimento oferecido
pela prática tradicional.



Made in situ
Espaço de exposição

Travessa do Rosário, 16
Lisboa

Ter. → Qui.
15:00 → 18:00
Sob marcação

www.madeinsitu.com



O aconchego que não nos deixa dormir

AS HORAS

texto Rita Ramos

MICHAEL CUNNINGHAM tinha apenas 15 anos quando leu *"Mrs Dalloway"* de VIRGINIA WOOLF. O romance da escritora britânica tocou-o de tal forma que lhe serviu de inspiração para a sua própria carreira literária. Em 1998 decidiu homenagear o livro da sua vida escrevendo ele próprio um livro que se intitularia *"As Horas"*. O filme com o mesmo nome, foi realizado em 2002 pelo realizador STEPHEN DALDRY. Não é normal o filme baseado no livro que por sua vez é inspirado em outro livro. É em triângulo equilátero que a história ganha forma. 24 horas de 3 dias em anos distintos, na vida de 3 mulheres que a única coisa que têm em comum é um livro e o efeito que este tem nas suas vidas. A vida da sua escritora, a vida da sua leitora e a vida da sua protagonista.

Num ponto de vista mais simplista, vivemos 3 planos de realidades paralelas. A primeira cena do filme reporta-nos diretamente para o final e é neste registo que se vai desenrolando toda a ação. Saltamos de ano para ano para conhecer 3 mulheres que se revisitam em detalhes e pormenores quotidianos e que nos passam uma sensação confortável de familiaridade. Em 1923, VIRGINIA WOOLF começa a escrever o seu mais famoso romance *"Mrs Dalloway"*, atormentada por fantasmas e prescrita a uma vida suburbana, luta contra si própria com a ajuda do marido devoto. VIRGINIA WOOLF, no filme *"As Horas"*, é magistralmente interpretada por NICOLE KIDMAN. O seu desempenho foi de tal forma extraordinário que lhe valeu o Óscar de melhor atriz principal.

Virginia Wolf, interpretada por Nicole Kidman.



Em 1951, Laura Brown vê no livro *"Mrs Dalloway"* uma escapatória a um casamento oco e uma vida sem sentido. Presa a uma família que não deseja e confusa relativamente às suas escolhas sexuais, Laura Brown tenta escapar mas o livro acaba por travá-la. Esta personagem foi interpretada por JULIANE MOORE que mais uma vez se afirma como uma das melhores atrizes da sua geração. Esta interpretação valeu-lhe a nomeação para o Óscar de melhor atriz secundária. Já em 2001, Clarissa Vaughn editora de sucesso e lésbica assumida, personifica a própria Mrs Dalloway ao tentar organizar uma festa para um amigo poeta doente em estado terminal. Clarissa Vaughn é interpretada, de forma irrepreensível, por MERYL STREEP. Também STREEP foi nomeada para o Óscar de melhor atriz secundária. Ao todo foram 9 nomeações para os Óscares (ganhou apenas um) e mais de 120 nomeações para outros prémios cinematográficos.

Com uma banda sonora perfeita, o filme não complica o que é simples, apenas explora e mostra o que atormenta e o que dói. Genialmente realizado, *"As Horas"* fica na história como uma das melhores adaptações literárias ao cinema. Um filme intimista, sensível e feminino que volvidos 20 anos ainda nos chega como uma afirmação de mudança das mulheres ao longo da história, mudança essa que à luz dos dias de hoje ganha ainda mais protagonismo. *"As Horas"* aconchega-nos mas não nos deixa adormecer.

Clarissa Vaughn (Mrs Dalloway), interpretada por Meryl Streep.



Laura Brown, interpretada por Juliane Moore.



NÁDIA CORREIA

Photographer **Nádia Correia** @nadiacorreiaphotography
Hair Stylist **Edgar Venâncio** @edgarvenanciohairstylist
Make Up Artist **Beatriz Texugo** @beatriz.texugo
Stylist **Raquel & Sofia Rodrigues** @thecongruenceproject
Retoucher **Callum James Lewis** @callum.jameslewis
modelo **Beatriz Ferreira** (@weare_models)
Anália Graça (@elite_lisbon)

Fotógrafa, mulher, emigrante —vivo fora de Portugal há mais de dez anos. Não me apercebi o quanto me tinha distanciado da minha cultura para me aproximar daquela que me recebeu. Durante este tempo afastei-me das minhas raízes, tornei-me mais maleável, absorvi mais de uma outra língua. Dez anos depois, voltei a sentir-me próxima da minha terra natal.

Não tem sido fácil estar longe, mas também não é fácil estar perto. Cresceu um sentimento de estranheza a um lugar tão familiar sem eu perceber como. Neste processo de repensar “o meu ser português” recorri a elementos únicos ligados à minha identidade pessoal. A praia, a música, a religião (ou a sua negação) e a natureza. Estes elementos unidos à imagem tradicional da mulher portuguesa levam-me numa viagem pela história e pelos lugares que me são familiares.

Portugal é revolução, flores e fado, saudade e praia/ varina e campo mas também é a água que lava a alma... Assim surge Portucalense, uma pequena interpretação da minha identidade portuguesa.

PORTUCALENSE



COLETE @joaosousabrand
CAMISA COM PADRÃO @huartestore
CAMISA BRANCA @ritaafonsooficial
CALÇAS @imauveofficial
BOTAS @lemonjellyshoes



CAMISA AZUL @alexandra.moura
CAMISA BRANCA @sizbrand
CAMISA VERMELHA, CALÇAS E LENÇO @feliciano.design
JÓIAS @ritaafonsooficial
BOTAS @lemonjellyshoes

COLETE @joaosousabrand
CAMISA COM PADRÃO @huartestore
CAMISA BRANCA @ritaafonsooficial
CALÇAS @imauveofficial
BOTAS @lemonjellyshoes



COLETE @joaosousabrand
CAMISA E CALÇAS @opiarstudio



CAMISA AZUL @alexandra.moura
CAMISA BRANCA @sizbrand
CAMISA VERMELHA, CALÇAS E LENÇO @feliciano.design
JÓIAS @ritaafonsooficial
BOTAS @lemonjellyshoes

CLEÓPATRA E OS ÍCONES DA LEVI'S®

A Levi's® não terá tantos anos quanto a lenda de Cleópatra, mas já conta com alguns e os seus jeans definiram a nossa forma de vestir. Tão ou mais conhecidos que a "rainha do Nilo", os jeans e os ícones Levi's® são praticamente intemporais. Foram usados, adorados e celebrados a cada geração, que os adapta às suas novas formas de estar. Damos sempre um cunho pessoal a todas as peças que vestimos e mesmo acontece quando vestimos Levi's®. Por isso a nossa roupa acaba por ser uma extensão das nossas histórias, estilo e personalidade.

Foi exatamente por isto, que a equipa da Levi's® Portugal se juntou ao LEFT., ao YANAGUI e ao EXTRAZEN no lançamento do "Cleópatra" —o seu novo single que promete animar este verão e já está disponível em várias plataformas digitais.

Pela primeira vez, os três artistas da nova geração de músicos portugueses resolveram criar uma música em conjunto, que é definida pelas letras despreocupadas do LEFT. e do EXTRAZEN, e às quais se juntou a produção cool e descontraída do YANAGUI.

No videoclip lançado em maio deste ano, os músicos vestiram Levi's® explorando o seu estilo pessoal através de três novos modelos de calças da marca, aos quais se juntaram outras peças mais tradicionais Levi's®. A experiência foi tão positiva, que acabou por ser levada mais além, dando origem a uma série de vídeos e fotos que podem ser vistas nas redes sociais da Levi's® Portugal e dos três jovens artistas.

texto Francisco Vaz Fernandes





O EXTRAZEN, também optou por uma vibe go's mas rendeu-se aos chinos –o modelo que marcou o final do milênio. Usou os novos Levi's® XX Pleated Crop Chino, uma das grandes apostas da Levi's® para este verão e que se propõe a cumprir as três necessidades básicas de umas calças perfeitas para os dias de sol e calor: a leveza, a descontração e a informalidade. Pensadas para os dias de hoje, os Pleated Crop Chinos Levi's® são produzidos em algodão e Tencel™, um novo material amigo do ambiente, muito suave e feito a partir de polpa de madeira. Tudo para satisfazer os desejos e anseios da tua alma e estilo vintage.

EXTRAZEN veste Levi's® XX Pleated Crop Chino



O LEFT. optou pelas renovadas Levi's® XX Taper Cargo. Inspiradas nos go's –a década das calças com bolsos dos lados, são feitas em materiais sustentáveis e têm um ar super moderno. Com grandes bolsos laterais nas pernas e um bolso interior secreto, têm um corte amplo na parte de cima e afunilado dos joelhos para baixo. Como nenhuma outras cargo, combinam o estilo retro, com o conforto e a inovação que apreciamos nos nossos dias.

LEFT. veste Levi's® XX Taper Cargo Chino



O YANAGUI, que se popularizou recentemente na Eurovisão e até deu origem a um meme europeu, preferiu uns jeans com corte reto e inspirados nos 60's. Vestiu os novos Levi's® 551z™ Authentic Straight, um modelo sustentável feito com cânhamo suavizado e que foi criado a partir das lendárias Levi's® 551 de 1961, as primeiras calças com braguilha zip da marca.

YANAGUI veste Levi's® 551z™



A barbeira

JACI DUARTE @being_jaci

texto Liliana Almeida @lilianaalmeidamusio

foto Ana Rocha Nené @cachonda.pt

styling, produção e makeup

Andrea Soares @andresoares.styling

estúdio Brandfire @brandfire.pt

vestido e arnez DINO ALVES



JACI DUARTE é afrodescendente, nasceu em Quarteira no Algarve em 1989, onde viveu até realizar o que estava escrito no topo da sua bucket list, viver nos Estados Unidos. Concretizou o desejo através de uma proposta de trabalho como aupair.

Viveu em dois estados, Maryland e Washington State e foi no primeiro que decidiu mudar o visual, cortou o cabelo. A partir desse dia passou a frequentar barbearias 2 vezes por mês, onde residia, e pelos lugares que visitava. Era quase sempre a única mulher sentada na cadeira do barbeiro, exceto um dia numa das suas habituais visitas a barbearias em que vê uma mulher de navalha e tesoura em punho, cheia de estilo e confiança e na sua direção estavam 3 clientes à espera para serem atendidos.

Definitivamente esse encontro inspirou-a para seguir arte da barbearia, mas a perda do seu irmão mais velho fá-la regressar a Portugal, deixando esse sonho por concretizar. Voltar para os Estados Unidos já não fazia parte da sua bucket list. “Decidi ficar perto da minha família, era o que me fazia sentido. Ao longo do tempo a pergunta —o que eu vou fazer a nível profissional em Portugal, estava cada vez mais presente.”

Passado este momento doloroso da sua vida, acende a sua antiga paixão inscreve-se num curso de barbeiro que durou 11 meses e terminado o curso, surgiram rapidamente oportunidades para começar a trabalhar como barbeira. Impunham-se então as dificuldades iniciais; a primeira, ganhar a confiança dos clientes e por consequência, a segunda, criar a famosa carteira de clientes, pelo simples facto de ser mulher.

As atitudes de alguns clientes promoviam o embaraço para que se sentisse desmotivada a fazer o seu trabalho, dito por eles: um “trabalho de homem”. Mas a determinação que a caracteriza e a ajuda dos colegas que acreditavam nas suas capacidades, superou os obstáculos e lutou contra o estigma social, afirmando que só por ser mulher deu mais visibilidade ao movimento de empoderamento feminino.

Há 3 meses a trabalhar como barbeira e a lidar com a perda do seu irmão chega a esperança através do seu primo DINO D’SANTIAGO com uma proposta: Se ela teria interesse em fazer um casting/workshop de

duas semanas em Londres, para integrar a tour internacional da MADONNA. Imediatamente disse que sim, e dessa forma foi-lhe dada a oportunidade de voar por áreas com as quais sempre conviveu e praticou, a dança e o canto. Rumo a Londres ficou duas semanas em ensaios intensos de avaliação às suas capacidades. “O que não sorri nos últimos meses, sorri no dia em que recebi a notícia que fazia parte das 14 integrantes da Orquestra de batukadeiras (grupo tradicional de música cabo-verdiana-Batuko), daí para a frente o meu coração voltou a sentir alegria e prazer de viver.”

A *Madame X Tour* durou 11 meses. Começou com 3 meses de ensaios feitos de 10 a 12 horas, 6 dias por semana e foram concretizados 75 shows entre os Estados Unidos e Europa. “Tive o prazer de conviver com a MADONNA nos diferentes contextos da sua vida e posso dizer que ela é um ser humano admirável —tem o coração no lugar certo. A magia nos palcos e a união desta que já considero uma família, tornou esta experiência avassaladora.”

JACI DUARTE deixou as portas da sua primeira barbearia D’ART XTUDIOS em Quarteira semiabertas e retoma neste mês de junho com serviços diversificados e um conceito mais inovador. A barbeira que tocou, dançou e cantou com MADONNA está motivada a romper os padrões do mercado. E refere que a palavra barbeira já devia estar no dicionário.

“O lugar da mulher é onde ela quiser.”



vestido verde em cabedal RICARDO ANDREZ



BETTER TOGETHER

PARQ VS VANS

Esta Primavera, a VANS relembra o otimismo de uma geração que no final dos anos 90 e início do milénio, faziam do espírito cool um statement de moda que se traduzia num streetwear que, com códigos novos, ia ganhando cada vez mais adeptos. *Better Together* é pois a celebração desses tempos de felicidade em que a fraternidade se construía na rua, propondo então a VANS uma coleção de calçado e vestuário feminino que evoca as tendências da época a partir de um olhar nostálgico.

texto Liliana Almeida
fotografia João Barreiros
styling Mafalda Rocchi
makeup Mafalda Rocchi
modelos Ana Catarina e Jéssica Leitão
(NXT models)

jóias JESSICA DIAS

www.vanseurope.com

COLECÇÃO BETTER TOGETHER

A coleção *Better Together* da VANS remete para os dias felizes do final dos anos 90 e início do milénio. Em termos de calçado propõem as silhuetas do *Classic Sk8-Hi*, *Era*, *Old Skool* e *Slip-Oncom* num padrão que conjuga unicórnios, borboletas, corações com o icónico design checkerboard da marca, tudo, em tons pastel, que fazem sonhar.

A variedade de vestuário para mulher sintetiza o estilo cool girl em dois visuais essenciais para esta estação. É proposto um vestido *Together Forever*, canelado e de corte justo com detalhe costurado nas costas e logótipo bordado à frente a combinar na perfeição com o casaco *Together Forever* em ganga lavada. Este look é ainda composto de acessórios, uma mini mochila *Together Forever* em veludo preto, perfeita para o uso diário. Tem um logótipo

bordado e a corrente é inspirada nos colares BFF. Um chapéu de veludo preto e umas meias com folhos Orchid compõem o visual.

O segundo visual chave presta homenagem à loucura do veludo nos anos 00. Este tecido regressa na camisola com capuz e nos calções *Together Forever*. A camisola curta com capuz tem fecho de correr à frente e bolso canguru dividido, puxador de fecho elegante e logótipo bordado, enquanto os calções elásticos na cintura têm cordão e logótipo bordado na abertura das pernas. Junta-os com o top sem mangas *Together Forever*, em Orchid, que combina com o bordado da camisola com capuz e os calções.

A coleção *Better Together* já está disponível em revendedores VANS selecionados e em vans.pt.







PRIMEIRÍSSIMO MUNDO

texto João Pereira



Todos os anos, as mais conceituadas maisons de moda têm a tarefa hercúlea de tentar agradar a Gregos e a Troianos. Ora somos presenteados com trabalhos maravilhosos, ora somos presenteados com coleções medíocres. Este artigo não pretende entender o que torna uma coleção esteticamente aprazível, mas sim olhar para os produtos que comprovam que indústria é tão "Kim, People are dying". Parta connosco à descoberta dos produtos que não sabíamos que precisávamos e que, possivelmente, jamais iremos adquirir –porque temos dois dedos de testa.

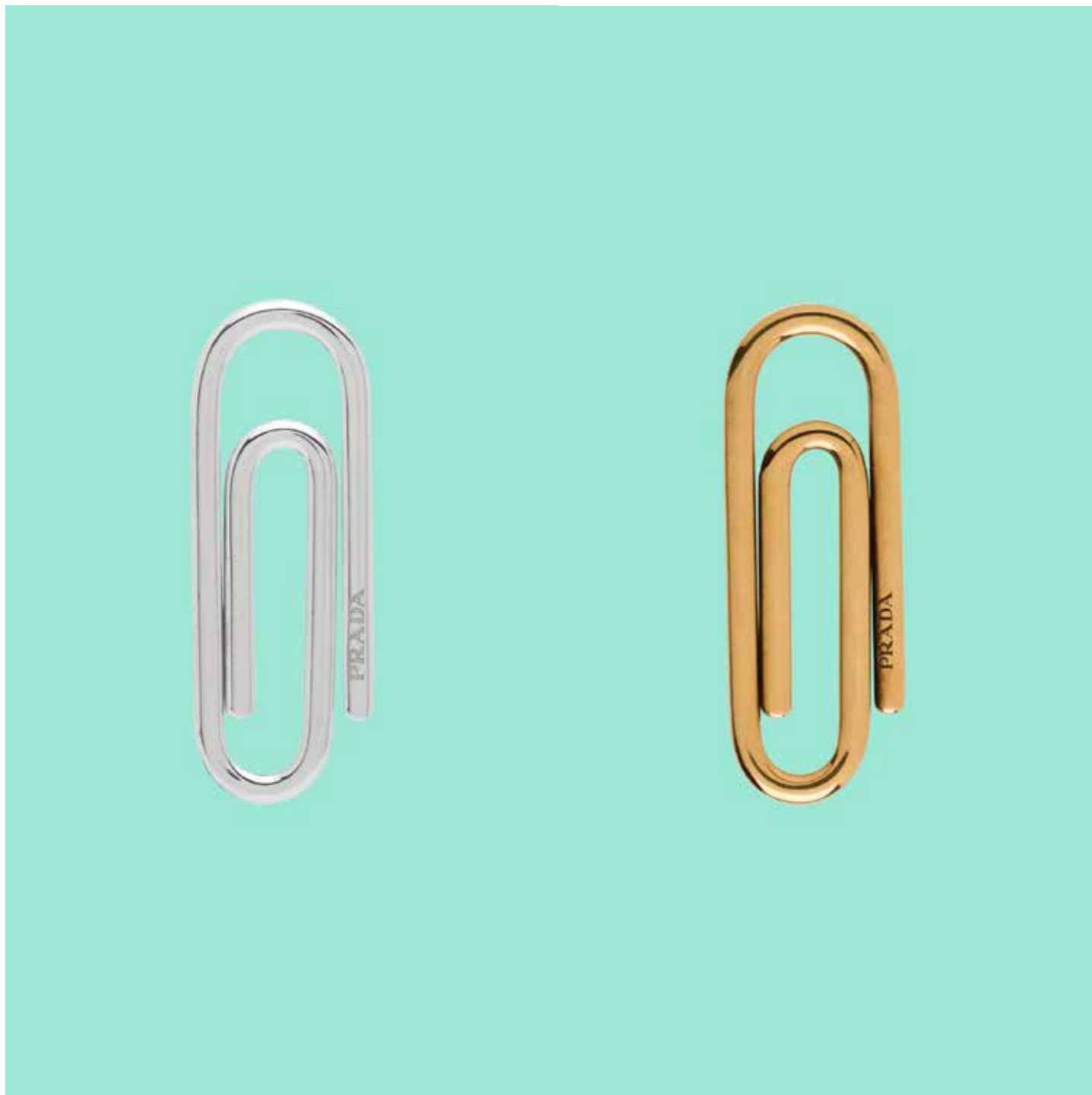
TIJOLO DA SUPREME

Saiba que no inverno de 2016 podia possuir um tijolo SUPREME por apenas \$40. Como esperado, o tijolo esgotou rapidamente. Atualmente, este artigo apenas pode ser encontrado no mercado secundário por valores superiores a \$200. Por norma, um tijolo custa menos 100x o preço –40 cêntimos– que a marca pedia inicialmente. Segundo um utilizador do reddit construir uma casa, de tamanho médio, apenas utilizando tijolos da Supreme ficaria por 20 milhões dólares. A questão impõe-se: que "calhau" irá adquirir este calhau?!



BALENCIAGA IKEA TOTE BAG

A BALENCIAGA, liderada por DEMNA GSVASALIA, recebeu muita atenção da imprensa pela sua versão do saco da IKEA em carteira em pele. Como consequência, os sacos da IKEA tornaram-se uma peça indispensável para os jovens fashionistas. Este é o perfeito exemplo da expressão do lixo –\$1 da Ikea– ao Luxo –\$2200 da Balenciaga.



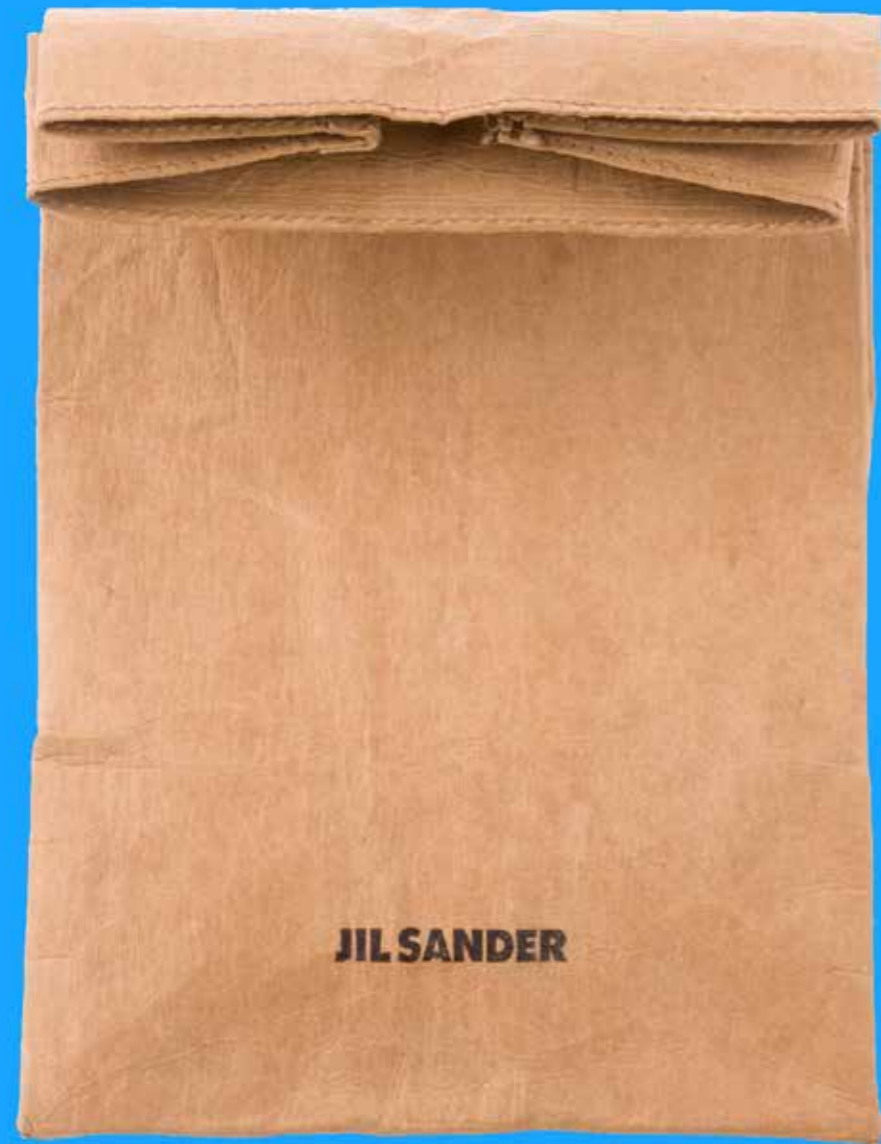
CLIFE DA PRADA

Afinal o regresso às aulas não é só no Continente, a PRADA MILANO é a nova empresa a entrar na indústria do material escolar. Para além de carteiras e sapatos desportivos, a grife comercializa agora cliques para papel –por apenas 320 euros. A empresa está comprometida em impedir que o maior pesadelo de cada pai se torne realidade, que os seus filhos percam as suas fichas de Estudo do Meio. Todavia, caso esteja numa fase de poupança, saiba que pode comprar 32 cliques por menos de 1 euro na Staples mais próxima de si!



PASTA D&G

Volta e meia somos assoberbados por uma necessidade inexprimível de acrescentar alguma extravagância imprescindível à nossa vida. Foi precisamente nestas problemáticas que a verdadeira italiana, DOLCE&GABBANA, pensou quando criou uma coleção limitada de pasta. Desfrute da Dolce Vita com pasta de Martino, com um packaging D&G, que lhe sairá por uns meros 100 euros.



**SACO DE PAPEL
JIL SANDER**

O mundo não acabou em 2012 mas a JIL SANDER deu-nos este (quase) inútil saco de papel. Faça-me um favor. Quando vir alguém a passear na rua com um saco de papel de \$290, atravesse para o outro lado. Afinal, uma pessoa que ache razoável gastar quase \$300 num saco de papel pode ser perigosa para a sociedade.



**FITA ADESIVA
RAF SIMONS**

Infelizmente, a CALVIN KLEIN 205W39NYC de RAF SIMONS já não se encontra entre nós. Apesar de as suas coleções serem um sonho, os seus preços eram dignos de pesadelos e de noites mal dormidas. Na coleção Fw18, o designer utilizou fita adesiva como cinto dos seus casacos. Esta foi colocada no mercado à venda pela módica quantia de \$200. Se optar pela Leroy Merlin, que ainda está de portas abertas, pode adquirir um produto similar por menos de 3 euros.



PALHAS REUTILIZÁVEIS DA DIOR

A DIOR, liderada por MARIA GRAZIA CHIURI, apresenta, para muitos críticos de especialidade, coleções desinteressantes. Tal não invalida, contudo, que a empresa seja um caso notável de um sucesso comercial. É possível que este elã de prosperidade tenha conduzido os marketeers da empresa a tomar decisões insanas, eufóricas extravagantes. Então não é que a DIOR comercializa palhas reutilizáveis por \$150?! O planeta agradece mas a carteira não.



MARCADOR DE LEITURA HERMÈS

A HERMÈS mostra-se cada vez mais determinada em apoiar o Plano Nacional de Leitura. A maison francesa não quer que percamos pitada do nosso romance de Valter Hugo Mãe, Oscar Wilde, Agustina Bessa Luís, Milan Kundera, entre outros. Os marcadores de livro HERMÈS, que custam \$370, são o artigo perfeito para guiar a sua leitura pretensiosa e burguesa.



SALTAR À CORDA EM VUITTON

As cordas “Christopher” são a sugestão da LOUIS VUITTON para um work out de luxo. Por apenas \$545 pode ser o “atleta” que sua com mais estilo do seu clube. O que será pior: suar em bica com cardio ou aparecer no ginásio com estas cordas LV?



COLAR DE CORDA BOTTEGA VENETTA

A BOTTEGA VENETTA, empresa que organiza festas no Berghain apesar de Berlim estar sob recolher obrigatório devido à Covid-19, decidiu dar um twist às bugigangas que costumávamos usar quando éramos crianças. O valor destes simples acessórios ronda os \$2000. Isto é, \$2000 a mais das quantias que, na altura possuíamos, para os adquirir. Na Etsy, por sua vez, estes artigos podem ser encontrados à venda –quicá com melhor qualidade- por menos 400% do preço dos da marca italiana.



MARIA CARLOS BAPTISTA

texto Rafael de Sousa Vicente

A outubro de 2020 vence o concurso *Bloom SS21* do Portugal. A 5 de março apresenta a sua coleção de outono-inverno 2021 “Espaço Negativo” na *Paris Fashion Week*, e a 18 de março abre o *Portugal Fashion The Sofa Edition*. Nas suas investigações, a designer de Coimbra, que trocou a cidade dos estudantes pela capital, tem procurado equacionar como é que o corpo, o movimento e o espaço se podem relacionar. Tem proposto conceções de silhuetas longas, volumes e formas acentuados, ao longo de uma paleta predominantemente escura, que começa a aceitar os tons claros e vibrantes como um complemento delicado. MARIA CARLOS BAPTISTA procura “intemporalidade”, mas vê o seu talento quebrar a barreira do tempo, começando a preencher um espaço na moda que só a si lhe poderá pertencer. Um espaço negativo.

Do *Bloom* para a *Paris Fashion Week*, e de volta para o *Portugal Fashion* – saltos grandes e rápidos. Conta-nos pormenores da transição e como te sentiste durante a mesma. Sentimentos e emoções, para alguém que está a dar os seus primeiros passos na moda desta forma.

MARIA Foi um conjunto de emoções. Desde felicidade a medo. Ter sido uma das vencedoras do *Concurso Bloom* abriu-me muitas portas, e foi um ponto de viragem para o caminho que neste momento quero dar à minha vida. Enquanto estudava não pensava sequer ser designer de Moda e criar marca, tinha definido que iria tentar trabalhar para uma marca e ganhar experiência e que o tempo diria qual seria a trajetória a seguir.

MARIA O *Bloom* veio mudar tudo, com a receptividade e curiosidade que tenho tido, a minha perceção do que o meu contributo para a indústria pode ser, ganhou peso e abriu-me os olhos para poder focar-me no meu processo criativo e valores que defendo relativamente à produção e criação de produto.

MARIA Ter participado na *Paris Fashion Week* foi um convite inesperado, mas que ainda validou mais a minha visão, e não tinha como não aproveitar a oportunidade. Foi uma fase muito turbulenta, foram muitas emoções ao mesmo tempo. Eu tanto estava feliz, como ficava ansiosa pela responsabilidade de ter aceite o desafio de fazer uma coleção em meu nome numa semana de Moda como a de Paris.

MARIA Ter aberto o *Portugal Fashion* foi mais um momento que me deixou radiante, não há melhor retorno que ter o meu trabalho reconhecido como criadora, não podia estar mais grata pela oportunidade e por ver o meu nome no cartaz das duas edições deste ano.

Fala-nos da coleção “Espaço Negativo” – processo conceptual, o que significa para ti e o que pretendes transmitir?

MARIA O “Espaço Negativo” surgiu durante a criação de um projeto na escola, e acho que ficou comigo desde aí. O “Espaço Negativo” é todo o espaço que nos rodeia e que não está preenchido fisicamente. Na minha realidade, esse espaço é preenchido por imagens e memórias, como uma “cloud” de vivências, desde as mais recentes e que ainda são claras e visíveis, até às mais distantes e turvas.

MARIA Este “espaço”, surgiu como consequência do confinamento do ano passado, pela constante obrigação de lidar com a minha cabeça diariamen-

te, e não ter escape. A finalidade não é necessariamente transmitir uma ideia, mas que individualmente seja feita uma leitura pessoal da coleção e de como a quis apresentar, ou seja, tudo o que for recepcionado está correto, por consequência de sermos todos unidade e termos um trajeto de vida único. O “Espaço Negativo” é um pedaço de mim, foi uma forma de o começar a trabalhar, e foi a forma que arranjei de passar um bocado de mim a quem o experienciou.

Como foi criar esta coleção, não só num ano atípico, mas em tempo limite e com recursos limitados?

MARIA Desafiante não é suficiente para definir o processo de execução da coleção. O processo criativo foi fácil, porque estava bem sedimentado e a ideia já existia, a parte de confeção é que foi o verdadeiro desafio. Fiz a coleção toda sozinha, em casa, confinada com as minhas máquinas de costura num quarto que estava vago em minha casa em Lisboa. Com a coleção a ser apresentada em Paris, vi-me com ainda menos tempo para materializar a coleção, pelo que meti logo mãos ao trabalho. Tratei de moldes, fazer os prints, contactar com fornecedores, aguardar encomendas, tudo em tempo recorde. Olhando para trás nem sei como é que consegui tratar de tudo, devido às limitações, mas acho que quem corre por gosto não cansa e agarrei-me muito ao voto de confiança que foi feito em mim.

MARIA Era acordar às 7h da manhã, fazer as refeições em frente à máquina de costura, não dar pelo tempo a passar, e foi este loop várias semanas a fio. Mas não fazia nada diferente, o processo e as limitações ajudaram muito a ver que tudo o que aprendi ficou comigo, e que a resiliência é um fator muito importante nesta área.

O quão importante é uma plataforma como o *Bloom* e o apoio do *Portugal Fashion* aos designers emergentes?

MARIA Acho que todos os jovens designers, mesmo que não saibam o que querem fazer dentro da área devem arriscar e candidatar-se a concursos. Surgem imensas oportunidades, ganha-se visibilidade e contactos de uma forma que geralmente um designer emergente dificilmente consegue ter, e há imenso talento em Portugal que não é visto nem reconhecido. Havendo este tipo de plataformas que apostam em nós e nos ajudam, é de extrema importância e relevância todo o apoio que nos dão.





A mudança da área de dança para a moda: como lidaste com o processo? E atualmente, transportas a dança para a moda de alguma forma em particular?

MARIA A mudança foi uma resposta ao não poder fazer da dança a minha vida. Inicialmente foi de difícil aceitação, mas o tempo cura tudo. Tenho a certeza que a dança será um fator que me definirá como criativa e estará sempre, direta ou indiretamente, em tudo o que crio. Foi um complemento que me fez crescer a ver as coisas de outra forma, a criar um mundo muito próprio, a absorver tudo de forma diferente. Há 3 fatores que me influenciam imenso na criação: o corpo, o movimento e o espaço, e são pontos nos quais vou sempre ter atenção, pelo conforto das peças, pelo caimento do tecido, pela resposta da peça ao movimento, pela forma como a peça se encaixa visualmente no espaço que o rodeia, de que forma a roupa condiciona ou não o movimento.

Entras no mundo da moda, numa moda digital: apresentações digitais – O que achas deste formato?

MARIA É um novo formato, e estou muito recetiva a esta nova dimensão que se está a criar. Apesar de ser um void devido à quantidade de informação a que estamos sujeitos, é uma oportunidade do nosso trabalho chegar a mais pessoas, mais rapidamente. Mas estou ansiosa a aguardar pelo dia do meu primeiro desfile.

E como foi a tua experiência de realização de uma apresentação digital?

MARIA Foi extremamente gratificante. Desde início, e ainda por cima com as limitações do confinamento, toda a disponibilidade e agilização do processo foi extraordinária por parte de toda a equipa envolvida. Tive a oportunidade de trabalhar com pessoas que realmente queriam saber de que é que o “Espaço Negativo” se tratava e de como eu queria que a ideia ganhasse vida. Foi muito bom ver o esforço conjunto que foi feito para materializar a minha ideia e de garantir que tudo estava de acordo com o que tinha idealizado. Foi uma experiência que vou guardar comigo porque apesar de todo o distanciamento, houve uma aproximação e entreaajuda muito grande.

Para além de entrares na era da moda digital, entras também já num mundo de moda sustentável. Como a vês e como a aplicas na tua moda?

MARIA Acho que a nossa missão como novos designers é reeducar o modelo de consumo. Não podemos continuar a viver em excesso, e temos de parar e valorizar mais o que é feito localmente e por criadores. A sustentabilidade sempre foi uma preocupação da minha parte, e tento ser sustentável na escala em que produzo. Desde as matérias e a sua composição, até reutilização de peças que já não teriam uso através de processos de upcycling.

Desde a coleção, às apresentações em si, que referências criativas, culturais, na indústria te inspiraram?

MARIA Muito do que me inspira vem das experiências que vivencio, das pessoas que me rodeiam, dos espaços que frequento, da música que oiço, e da leitura que faço de todas estas referências.

MARIA Acho que assim é pela noção de que o nosso contributo como criadores é um elemento diferenciador, e todos somos únicos, por isso acho que a forma de acrescentarmos algo a esta indústria é sermos fiéis a nós mesmos. Em termos de referências, desde fotografia a dança, da arquitetura a pintura. HELMUT NEWTON, ANNE THERESE KEERSMAEKER, JULIÃO SARMENTO, MARK ROTHKO, MARK BORTHWICK, JURGEN TELLER, MIKE PARR, SHIGEO OKAMOTO, são alguns nomes que me surgem agora.

Iniciaste a tua carreira agora, num período em que a moda atravessa um contexto extraordinário. Que questões, desejos, preocupações, objetivos tens em mente?

MARIA Tudo são preocupações e questões neste momento. O meu objetivo é encontrar o meu lugar na indústria, continuar a ter recetividade do público, e poder continuar a criar porque é o que me dá mais prazer.

Estás a criar a tua identidade da tua marca com base em algo específico, numa narrativa ou linguagem visual em particular?

MARIA Acho que a identidade da minha marca se baseia muito na perceção que tenho do mundo e de como manifesto e mostro como pessoa, isso cria o personagem que é a marca.

MARIA Há muitos pontos que definem a marca, mas acho que intemporalidade é um dos mais importantes e que será sempre relevante.

Como estás a aguentar o desejo e entusiasmo de realizar um desfile no seu sentido clássico? Ainda não sentiste uns bastidores verdadeiramente ao rubro, imprensa a abordar-te, e a “caminhada da glória” com público a aplaudir-te no final do desfile.

MARIA Aguardo ansiosamente por esse dia. O mais importante em qualquer área são as pessoas, e o que se sente nesses eventos é inigualável, a correria e adrenalina, o stress, é o culminar de muito esforço e dedicação condensado em horas. Acho que vai ser o meu voltar a pisar o palco e receber calor humano através dos aplausos.









Movida pelo minimalismo, a marca de joalheria contemporânea MIL JEWELLRY tem, através de uma sensibilidade singular, definido a sua identidade no campo da joalheria em Portugal. CATARINA MILITÃO, a fundadora da marca, coloca a sua mente criativa na confeção de peças que são igualmente místicas e tangíveis.

No seu estúdio na vila da Nazaré, as peças são desenhadas e produzidas através da conjugação de designs modernos com um trabalho artesanal mais tradicional. Estas técnicas manuais permitem a manutenção de coleções eco-friendly, cruzando a beleza da joalheria com a importância da sustentabilidade.

As inspirações por de trás das criações são múltiplas. A numerologia e o gosto por padrões e formas geométricas, que surgem do fascínio pela arquitetura, são uma parte importante do ADN da marca. Com base na crença de que os números são impactantes nas vidas humanas, as coleções são frequentemente intituladas a partir de números e dos seus misteriosos significados.

A marca não se fica, contudo, pela criação das suas coleções. A partir do gosto pessoal do cliente, a MIL JEWELLRY permite que os clientes desenvolvam as suas próprias jóias. É o caso da *Couples Experience*, um workshop em que casais têm a oportunidade de, com a ajuda de profissionais, criarem as suas próprias jóias no estúdio da marca e tornar as alianças ainda mais pessoais.



BELEZA

texto Sara Madeira



PAT MCGRATH

PAT MCGRATH é uma das mais conhecidas maquilhadoras do mundo. Requisitada para todos os grandes desfiles de moda, realiza cada estação um universo gigantesco de tendências diferenciadas e sempre inovadoras o que a tornam uma figura mítica. Lançou em 2015 uma marca homónima, a PAT MCGRATH LABS, considerada uma coleção de cosméticos de alto desempenho, apenas acessível no comércio on-line, mas que chega agora a Portugal através da SEPHORA. Seguramente a testar, por enquanto só está disponível nas lojas do Chiado e Centro Comercial Colombo.

DIOR ADDICT LIP GLOW

DIOR *Addict Lip Glow* é o melhor dos produtos Backstage da DIOR para dar beleza aos lábios e despertar a cor natural. O primeiro bálsamo universal da DIOR com um resultado personalizado, que reage ao nível de humidade dos lábios, adaptando-se a cada tez e dando uma cor rosada natural aos lábios. Como que despertados a partir do interior, os lábios ficam frescos, carnudos e luminosos. A sua fórmula enriquecida em manteiga de manga, óleo de arando, protege e hidrata durante todo o dia.

ROUGE HERMÈS

A HERMÈS lançou uma edição limitada dos novos *Rouge Hermès*, perfeitos para os primeiros dias de sol. São recarregáveis, coloridos e verdadeiras armas de sedução.

ROUGE DIOR

Rouge DIOR é o batom DIOR com cores couture. São 75 cores intensas de acabamento acetinado, mate, metálico ou aveludado. Batom de longa duração, que concede aos lábios 16 horas de conforto. Agora recarregável, seguindo uma conceção ecológica da Maison DIOR.



II

texto Sara Madeira



LADY MILLION FABULOUS

A fragrância é uma criação da perfumista ANNE FLIPO, a mesma criadora do *Lady Million* original. Desta vez oriental floral, o *Fabulous*, em forma de diamante negro, é extravagante e viciante. Conta com estes ingredientes na sua composição: pimenta rosa fresca, mandarina, jasmim, ylang-ylang, fava tonka, baunilha, musgo.

212 HEROES

Este frasco rompe todos os moldes: é disruptivo, surpreendente e coloca a juventude em grande plano! Toda a produção da campanha põe em relevo Nova Iorque, o mundo do skate, e 14 talentosos artistas que podes conhecer no site. O nova *Eau de Toilette 212 Heroes*. é um aromático frutado e conta com ingredientes tais como: pêra, gerânio, sálvia, couro e almíscar. Esta fragrância masculina introduz novas moléculas, ao usar técnicas inovadoras de destilação, que respeitam o planeta com a sua fórmula vegan.

21 MILLESIME

É um clássico dos anos 60 que foi relançado em 2018 para ser um tributo à audacidade feminina. A GIVENCHY destaca um dos ingredientes chave do *L'Interdit* com a edição exclusiva *Millesime*: uma flor de laranjeira com caráter que irradia o bouquet branco hipnótico da fragrância.

BABYLON

PENHALIGON'S acaba de lançar uma nova fragrância, *Babylon*, que nos remete para as jornadas quentes e misteriosas das expedições ao oriente. Nela se conjuga fragrâncias de madeira com especiarias num lastro de baunilha que promete iluminar qualquer noite.



III

texto Sara Madeira



BRIGHT FIX

Com hialuronato de sódio e óleo de jojoba a *Bright Fix*, o novo produto estrela da FENTY BEAUTY by RIHANNA, é capaz de suavizar e reduzir instantaneamente a aparência de olheiras. Está disponível em 16 tons, incluindo quatro tons de correção de cor.

ZARA BEAUTY

A ZARA lança-se no mundo da maquilhagem e a estreia faz-se com uma coleção de mais de 130 produtos. A coleção tem produtos para os olhos, lábios, rosto e unhas e foi desenvolvida sob a alçada de DIANE KENDAL, a maquilhadora britânica que ajudou a desenvolver linhas de beleza para a MARC JACOBS Beauty e para a CALVIN KLEIN Cosmetics. As embalagens foram criadas pela agência criativa BARON&BARON.

RARE BEAUTY

SELENA GOMEZ celebra a beleza, lançando a sua marca de make-up RARE BEAUTY, disponível exclusivamente na Sephora. RARE BEAUTY é sobre usar a maquilhagem como uma ferramenta para celebrar o que torna as pessoas diferentes e chegar a um lugar de amor próprio e aceitação. O lançamento na Europa será no dia 1 de Julho.



IV

texto Maria São Miguel



BEAR

A FOREO lançou um novo produto, a FOREO *Bear*, a pensar nos músculos faciais do segmento mais jovem, porque prevenção é o ponto chave segundo MARIA CARAVAJAL, a skincare expert marca em Portugal.

Porquê orientar cada vez mais produtos de tratamento de pele para um público jovem? Para a FOREO e cada vez mais no mundo da cosmética e dos cuidados de rosto, a chave é a prevenção. Se pudermos evitar ou retardar os danos que ocorrem à nossa pele ao longo dos anos, será sempre melhor do que repará-los quando já estão presentes na nossa pele e são mais difíceis de combater. Desta forma, obtemos uma pele saudável por muito mais tempo e também podemos sentir melhor com ela, independentemente da época ou idade que tenhamos.

FOREO *Bear* é a nova proposta da FOREO, o que pode trazer de novo para o consumidor jovem? *Bear* é a mais recente revolução de cuidados de rosto da FOREO e proporcionar ao público jovem e maduro resultados espetaculares. Este dispositivo veio ajudar a tonificar os músculos do rosto e definir as feições naturais. No caso do público jovem, onde ainda não há ainda a necessidade de tratamento, apostamos na prevenção para conseguir um rosto com feições mais jovens durante mais tempo, retardando ao máximo os sinais de envelhecimento. Podemos dizer que *Bear* vai fazer com que o público jovem tenha uma aparência jovem por mais tempo.

FOREO *Bear* é um produto unisexo? Claro, as necessidades de homens e mulheres não são tão distantes quanto pensamos, e todos os dispositivos e produtos FOREO são unisexo. Na FOREO, concentramos a nossa atenção nas necessidades, preocupações e objetivos, não na idade ou sexo.

110

texto Maria São Miguel

Em 2024 a FILA está de parabéns e celebra os seus 110 anos! Para homenagear a sua herança icónica, a marca lançou, na passada semana da moda de Milão, uma colaboração especial com a estilista, diretora e fundadora da revista The Perfect Magazine, KATIE GRAND, para Outono-Inverno 2024. A parceria destaca a história, o espírito e o futuro da primeira marca global de roupas desportivas italiana e foi apresentada num longo e estreito túnel iluminado com diversas cores, que pulsaram ao ritmo das batidas do rapper americano SCHOOLLY D. KATIE GRAND explorou a história da FILA, focando-se em vários temas, incluindo ténis, montanha, água, atletismo, basquete, golfe e desportos motorizados, para apresentar peças escolhidas pelo seu valor histórico e beleza, mas reeditadas e redesenhadas para os dias de hoje.

“A FILA é uma das marcas de roupa desportiva de maior longevidade e o seu arquivo é fenomenal e extenso”, disse KATIE GRAND. “Encontrar livros incríveis cheios de ilustrações do designer PIERLUIGI ROLANDO, prateleiras e prateleiras de calçado foi super inspirador. Comecei com sete categorias de desportos pelas quais a FILA é conhecida –ténis, motocross, basquete, golfe, natação, montanha e aeróbica– e coloquei peças de arquivo em temas. Depois, trabalhamos para tornar o ajuste mais contemporâneo. É uma coleção especial para comemorar o 110º aniversário da FILA.”





YOU MUST WEAR



YOU MUST RIDE

40 ANOS

texto Maria São Miguel
fotografia João Paulo
styling e produção Joana Marques e
Caetana Agrela (ETIC)
hair e make-up Adriana Folgado
modelos Geovane Lemos

tshirt MERRELL, calças NEW ERA,
sneakers MERRELL 1TRL

www.merrell.com

Em 2021 a Merrell faz 40 anos! Nascida em 1981 nas montanhas do Vermont, em 4 décadas a Merrell manteve o trail no coração da sua filosofia, subiu montanhas, inspirou pessoas a sair de casa e desafiou milhares de pessoas a ultrapassarem os seus próprios limites. Pelo caminho apostou sempre em conforto e performance, inovou no desenvolvimento de novos produtos, patenteou tecnologias e cruzou fronteiras até chegar a cerca de 200 países e territórios.

A Parq através de um conjunto de estudantes da ETIC resolveu prestar uma pequena homenagem a Merrell tendo por mote - Não importa quem somos, de onde vimos, do que gostamos ou de como nos movemos - e os novos modelos da Merrell 1Trl, um linha que foi anunciada como parte da celebração dos 40, mas que marca igualmente um ponto de partida para coleções re-estilizadas de alguns modelos clássicos da marca, a pensa num público trendy e urbano.





VANS VANS VANS VANS VANS

VANS VANS VANS VANS VA

VANS VANS VANS VA



VANS VANS VANS VANS VANS

REEBOK + CARDI B REEBOK + CARDI B

REEBOK + CARDI B REEBOK + CARDI B

REEBOK + CARDI B REEBOK +



ADIDAS ADIDAS ADIDAS ADIDAS

ADIDAS ADIDAS ADIDAS ADIDAS

ADIDAS ADIDAS ADIDAS



ADIDAS ADIDAS ADIDAS ADIDAS

CONVERSE CONVERSE CONVERSE

CONVERSE CONVERSE CONVERSE

CONVERSE CONVERSE CONVERSE



PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM



PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM

PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM PALLADIUM

CONVERSE CONVERSE CONVERSE CONVERSE CONVERSE CONVERSE



CONVERSE CONVERSE CONVERSE CONVERSE CONVERSE CONVERSE

CONVERSE CONVERSE CONVERSE CONVERSE CONVERSE CONVERSE

LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF



LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF

LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF

LACOSTE LACOSTE LACOSTE LACOSTE LACOSTE LACOSTE



LACOSTE LACOSTE LACOSTE LACOSTE LACOSTE LACOSTE

LACOSTE LACOSTE LACOSTE LACOSTE LACOSTE LACOSTE

LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF LE COQ SPORTIF

GANT GANT GANT GANT GANT GANT



GANT GANT GANT GANT GANT GANT

GANT GANT GANT GANT GANT GANT

SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES
SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES SUNGLASSES

TOMMY HILFIGER TOMMY HILFIGER

ERTOMMY HILFIGER



TOMMY HILFIGER TOMMY HILFIGER

MARC JACOBS MARC JACOBS

BS MARC JACOBS



MARC JACOBS MARC JACOBS

ERTOMMY HILFIGER

BS MARC JACOBS

AS ANDRÉ ÓPTICAS

ANDRÉ ÓPTICAS ANDRÉ ÓPTIC

CHY GIVENGHY GIVENGHY GI

VENCHY GIVENCHY

GIVENCHY GIVENCHY GIVENC

AS ANDRÉ ÓPTICAS

ANDRÉ ÓPTIC

GIVENGHY

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN

GIVEN



EWWE LOEWE LOEWE

LOEWE LOEWE LOEWE LOEW

ERA CARRERA CARRERA C

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA



WE LOEWE LOEWE LOEWE LOE

LOEWE LOEWE LOEWE LOEW

ERA CARRERA CARRERA C

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

CARRERA

ATORE FERRAGAMO

SALVATORE FERRAGAMO SALV

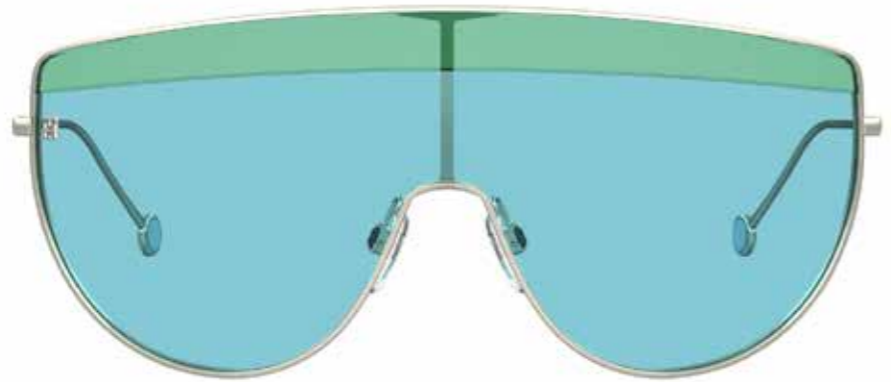


ATORE FERRAGAMO

SALVATORE FERRAGAMO SALV

GERTOMMYHILFIGER

TOMMYHILFIGERTOMMYHILFI



GERTOMMYHILFIGER

TOMMYHILFIGERTOMMYHILFI

N RAY BAN RAY BAN

RAY BAN RAY BAN RAY BAN RA



Y BAN RAY BAN RAY

BAN RAY BAN RAY BA

ADA PRADA PRADA

PRADA PRADA PRADA PRADA



PRADA PRADA PRA

DA PRADA PRADA PR

AMOR PIANO

MURAIIS



HÉLIO MURAIIS, co-fundador dos LINDA MARTINI, estreia-se em nome próprio. Motivo mais do que suficiente para nos reunirmos na sala de ensaios da banda, na sua produtora HAUS, para uma conversa vívida e fluida sobre a sua génese e a enorme satisfação que sente por finalmente o disco estar cá fora, mas também sobre o recurso à linguagem inclusiva e a criação de uma identidade artística própria. Ao fundo da sala, o piano, outrora de SUFJIAN STEVENS, também foi protagonista da nossa conversa.

entrevista por CARLOS ALBERTO OLIVEIRA
fotos ANA VIOTTI

Uma vez que álbum que acabou por ser lançado e levou tanto tempo desde a sua fase de conceção e depois adiado por causa da pandemia, gostaria de saber qual a sensação de finalmente te poderes dedicar em pleno a este projeto.

HÉLIO A sensação é a de alívio. Como sofreu várias datas de adiamento, já me estava a fazer confusão. Porque a primeira data coincidiu com o primeiro confinamento em 2020. Todos os artistas que tinham planeado edições para essa altura sofreram com isso. Depois houve um segundo momento em que anunciamos para final de setembro, início de outubro, coincidindo com a programação das salas de espetáculos, sendo que os promotores estavam ainda a descortinar como fazer espetáculos com a limitação dos lugares, acabaram por optar por adiar. Neste cenário, não seria a melhor altura e foi novamente adiado para janeiro que coincidiu novamente com um confinamento e só apresentámos uma nova data quando sentimos que íamos realmente desconfinar e que ia ser possível ter as lojas abertas para se poder vender o disco. O que está para trás do primeiro adiamento não me angustia, porque fui fazendo as coisas com muita calma, não tinha pressão nenhuma de qualquer espécie, a não ser a preocupação da pertinência de estar a fazer um disco a solo e se aquelas músicas seriam boas ou não. Mas gerir o stress de estar na iminência de editar numa data prevista e não saber como é que as pessoas iam reagir e depois a desilusão por não haver edição, a dada altura comecei a questionar se o disco era bom ou não. Senti necessidade de me afastar dele para depois poder fazer as pazes com ele.

Entretanto foram lançados 4 singles, levantando o véu sobre o disco, e não tendo ainda sido apresentado ao vivo, tens alguma noção da reação das pessoas?

HÉLIO Relativamente ao primeiro single *Não sou Pablo, nada muda* senti que havia uma estranheza porque as pessoas estavam habituadas a ver-me atrás de uma bateria e apesar de nos PAUS também cantar, é uma voz misturada com os outros, não havendo uma posição de destaque. As pessoas não estavam familiarizadas com o meu timbre, com a minha forma de me expressar e houve de certa forma uma estranheza. Com muitos dos artistas de que eu gosto, também houve inicialmente uma estranheza com a voz, nomeadamente com o CEDRIC BIXLER-ZAVALA, o vocalista dos AT THE DRIVE. Mas eu gosto disso porque havendo uma estranheza também há um fator distintivo. Com o tempo vem a habituação à vocalização do artista. Contudo, senti que isso se foi desvanecendo com o tema *Catatua* e com o lançamento dos restantes singles.

De facto, o single *Catatua* distingue-se dos outros por fugir à matriz mais pop e por se conseguir perceber melhor o teu timbre de voz.

HÉLIO Este disco possibilitou um processo de aprendizagem ao ser confrontado com a saída da zona de conforto porque não é imediato. Como baterista já tenho a minha identidade há muitos anos, tentando fugir dela a cada disco para não me repetir. Enquanto compositor estou a descobrir ainda, apesar de ter começado a compô-las há já muito tempo, nunca o fiz de uma forma muito consciente, com um objetivo muito definido nem com um prazo muito apertado. Mas tem sido um processo. Eu aprendi mais sobre mim enquanto compositor num ano, desde que começou a pandemia, do que nestes anos todos em que andei a compor este disco. Eu nunca compus preocupado com o timbre da minha voz ou tendo em atenção o meu tom, compunha simplesmente porque tinha vontade de fazê-lo. Ao piano ia encontrando estruturas melódicas e depois juntava as letras porque sempre gostei de escrever, mesmo para as minhas bandas mais antigas, sobretudo nos IF LUCY FELL e nos PAUS. Neste disco, nomeadamente no tema *O Outono* tive que aproximar a música ao meu tom, enquanto que no *Não sou Pablo, nada muda* não foi composto para o meu tom. Hoje em dia quando toco essa música na guitarra canto num tom bastante abaixo, canto mais próximo do que me é mais natural, num registo mais próximo da oralidade. Quando gravei o disco não tinha essa perceção.



Como sentes a passagem da bateria para o piano?

HÉLIO Foi um acaso. O tour manager de LINDA MARTINI, da altura, NUNO GERALDES, foi também tour manager de uma série de bandas como o GRIZZLY BEAR, AU REVOIR SIMONE e apanhou muitas bandas da cena Indie de Brooklyn como os ANIMAL COLLECTIVE. Quando SUFJAN STEVENS atuou em Portugal, em 2010, o NUNO GERALDES, foi convidado a um jantar com os músicos que tocavam com o artista. Depois no final do concerto disseram que o piano foi comprado só para fazer aquela tour e que aquele seria o último concerto e que o piano ou ia ficar abandonado no coliseu ou ia para o lixo ou, se quiséssemos, podíamos ficar com ele. E o piano veio parar à nossa sala de ensaios. Inicialmente era mais difícil para mim compôr numa guitarra, por isso pensei que, sendo o piano um instrumento meio cordas meio percussão, talvez fosse um instrumento melódico para compor bases melódicas.

Em termos de estrutura musical consegues criar uma matriz mais próximo do que pretendes compor?

HÉLIO Sim, há mais coordenação motora, tocas com os dedos todos. Curiosamente na bateria também, ao contrário do que as pessoas pensam. Assumem de imediato que tocar bateria é só braços, mas exige técnica de dedos para fazer os movimentos. Contudo o piano necessita de uma maior independência, sendo necessário tempo para o conseguir. Mas eu também nunca me interessei em ser excelente num instrumento específico. Prefiro ser razoável em vários e com isso divertir-me mais.

Dirias que o piano é mais melancólico?

HÉLIO Diria que sim. Com o piano tens a capacidade de encher mais as músicas. Talvez tenha sido por isso que eu tenha começado pelo piano, embora para algumas das músicas tenha passado da guitarra para o piano, como *Não sou Pablo, nada muda*. Senti que na guitarra soava a pouco encorpada e depois quando transpus para o piano já tinha mais consistência. Comparativamente, com o piano, consigo tirar mais sons em simultâneo do que na guitarra, permitindo aceder de imediato aos graves e aos agudos. Evidentemente que um bom guitarrista também faz isto muito bem, mas o piano é um instrumento bastante completo. Um bom pianista e que cante bem consegue encher uma sala.

Igualmente melancólico, e recorrendo à eletrónica, o tema *Oi Velho* encontra aí o seu expoente máximo.

HÉLIO Essa é uma música instrumental que foi feita em casa. Eu tinha escrito uma coisa menos prosaica sobre o meu pai. Anos após o falecimento do meu pai voltei ao Hospital onde morrera de cancro em 2012. Foi de tal forma fulminante que nem soubemos que tipo de cancro se tratava. Em 2019 voltei ao hospital para obter a informação porque na altura foi muito difícil falar com os médicos, por estarem sobre-lotados com reuniões de propaganda médica. Considero uma atrocidade estarem a ocupá-los de sobremaneira, retirando-lhes tempo com as famílias, não só para os informar sobre do que os pacientes estão a morrer aos seus familiares, como também apoiá-los no momento doloroso. Eu nem tive oportunidade de dizer ao meu pai do que é que ele estava a morrer. Foi estranho voltar ao mesmo sítio, ver as mesmas camas, sentir o mesmo cheiro e perceber que a única coisa que mudou foram as caras das pessoas. Escrevi sobre esta experiência e mostrei ao BENKE FERRAZ. Ele por sua vez, mostrou-me o áudio que tinha no telemóvel e eu reparei que tinha a expressão *Oi Velho* e pensei em aproveitar o que tinha escrito e adaptar àquela música triste. A música resultou num formato exclusivamente eletrotónico porque o BENKE a tinha produzido no computador. Mas há muitas outras. O *Até de manhã* tinha uma bateria, mas colocou muito Beats, muito 80. As baterias foram gravadas organicamente e depois saturadas. Brincou-se muito com o som, pondo reverses e delays, o que acabou por criar uma matriz eletrónica bastante forte em quase todas as músicas.

HÉLIO Umás mais do que outras, mas naturalmente, o tema *Oi Velho* é dos mais vincados. O tema *Bemvinda* foi feito para servir de passagem para o *Até de manhã*, que ligava os elementos eletrónicos para depois passar para o *Oi Velho*. Mas eu tinha interesse nisso porque tinha ouvido *MIX\$TAKE* do GIOVANI CIDREIRA, que o BENKE produziu, que era totalmente eletrónico.



Pode-se afirmar que essa via foi também para te demarcas dos PAUS e dos LINDA MARTINI. Quem ouve o disco se não te conhecer não associa.

HÉLIO Isso era uma das minhas grandes premissas. A partir do momento em que eu decidi gravar o disco, a grande decisão foi a escolha do produtor. Como não queria que soasse remotamente com as minhas bandas, escolhi o BENKE. E a bateria foi um dos maiores desafios. Foi das últimas coisas a definir porque eu não queria que soasse demasiado rock nem demasiado rítmica como nos PAUS. O BENKE parece que pintou as ondas e ao mesmo tempo parecia manipulá-las com as mãos, esborratando tudo de seguida. E com isso fez com que eu encontrasse um espaço que é meu. Eu sei que isso pode causar maior estranheza, mas ir para as proximidades das minhas bandas não era o pretendido, antes pelo contrário. Queria fazer uma coisa nova. Não tinha interesse em fazer uma coisa nova para soar a velho. Para isso não fazia outro projeto.

O disco contém a curiosidade de as músicas *Bemvinda* e *Acordada* se escrevem com um X em vez de assumir gramaticalmente o género da palavra. Isso revela uma preocupação com a questão da língua portuguesa não ser tão inclusiva como é o caso de outras línguas?

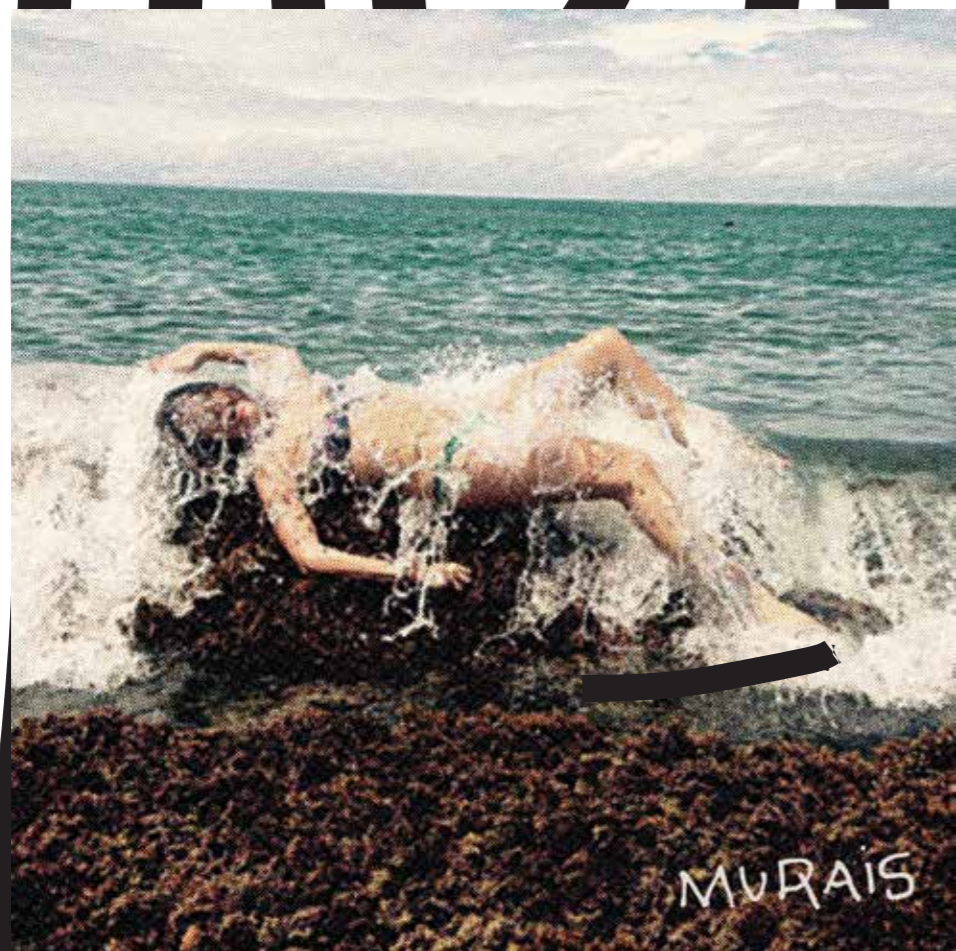
HÉLIO Sim porque na língua inglesa, por exemplo, não tens tanto essa distinção entre o feminino e o masculino. Defendo um mundo não binário e vincá-lo-ei sempre que possível nas coisas que faço. Faço-o no meu dia a dia quando escrevo publicamente e também achei que deveria fazê-lo no disco. O *Bemvinda*, na verdade como boas vindas deveria ter um hífen, mas não tem porque aquele é o nome próprio da canção. Sendo um nome próprio, não tem um hífen. Na verdade, teria escrito um “e” por ser mais inclusivo. Mas ainda há muita gente que me segue nas redes que não está familiarizado com a linguagem inclusiva. Isto faz com que se eu puser um “e” as pessoas interpretem mais com um erro ortográfico do que outra coisa. Quando coloco um “x” as pessoas questionam. E ao questionarem dão-me a oportunidade de explicar porquê. Como não quis definir o género do *Bemvinda* e *Acordada* porque a personagem dessas músicas não tinha género definido. E assim penso que qualquer pessoa pode relacionar-se com elas.

A linguagem inclusiva é uma ótima mensagem, sobretudo se as pessoas questionarem.

HÉLIO Considero que é importante. Há pessoas que me dizem que é um disparate usar, que as pessoas ficam ofendidas com qualquer coisa. Mas eu não concordo. Porque as pessoas que se sentem excluídas têm o direito de se sentir ofendidas e se eu estou consciente de que se usar um “e” ou um “x” vou estar a incluir mais pessoas porque é que não hei de fazê-lo? É só uma questão de me colocar no lugar dos outros.

E passa-se uma mensagem mais profunda, menos egocêntrica.

HÉLIO Eu só um homem Cis não tenho qualquer problema de identificação com o masculino. Eu sinto-me completamente encaixado na linguagem binária porque o sou. Mas há muita gente que não o é e tem todo o direito a não ser excluída. Contudo penso que tem que haver uma razoabilidade, não fazendo parte de uma comunidade não binária, é importante não roubar voz a quem de direito. E depois há pessoas que se esquecem um bocadinho disso.



Num certo sentido, bandas como o FADO BICHA já se depararam com uma situação semelhante. A banda ao homenagear ELZA SOARES com *Mulher do fim do mundo* nos seus concertos, adaptaram a letra por serem confrontados com a questão de estar a tirar a voz a quem de direito.

HÉLIO Um dos problemas que nós temos neste momento são as trincheiras. Porque é verdade quando tu assistes a um ato de violência fica difícil olhar para o lado, mas também ficas muito revoltado quando vês alguém ser sujeito a violência, uma pessoa revolta-se e critica de uma forma dura, mas é preciso atender o outro lado. Aqui há tempos, no meio académico, ouvi um especialista sobre a forma como os académicos, tendencialmente brancos, acabam por levar avante a narrativa sobre as pessoas vítimas de racismo. Continuamos a contar a história do mundo sob o ponto de vista do homem branco privilegiado. Os grandes pensadores sobre as questões raciais continuam a ser as pessoas brancas e que não dão espaço às pessoas racializadas para serem atores e atrizes nesta discussão e produção de ciência. Percebo a exigência do lado de quem sente que alguém está a roubar o lugar de fala. No caso do FADO BICHA fizeram-no com o melhor das intenções, mas foram chamados à atenção e depois retrataram de uma forma diferente. O diálogo é que é interessante. Falar e criticar não é necessariamente negativo. Temos todos a aprender, evoluir e a tornarmo-nos melhores quanto mais discutirmos os assuntos sem clu-bismos, colocarmo-nos humildemente no lugar do outro e a ouvir a outra pessoa para perceber a razão dos seus sentimentos. O objetivo do questionamento é tornarmo-nos num mundo mais inclusivo e respeitoso para toda a gente.

Provavelmente é um reflexo de estarmos muito focados nas redes sociais, que piorou com a pandemia, tendo o virtual ganhado uma dimensão demasiado importante na vida das pessoas. Sobretudo por as pessoas terem a liberdade para expôr o que pensam assumindo que têm a liberdade para inclusive ofender. Num certo sentido, a pandemia veio fechar mais as pessoas.

HÉLIO Eu concordo contigo. Veio extremar as posições das pessoas. O que é um contrassenso, porque se as pessoas comunicarem presencialmente dão-se mais, cria-se mais espaço para o diálogo e a troca de ideias diferentes, o que nos permite evoluir enquanto pessoas.

Voltando ao disco. Finalmente vais começar a apresentá-lo em concertos ao vivo. Acredito que estejas com uma enorme vontade e irás fazê-lo com apenas alguns músicos convidados. Poder-se-ão esperar concertos mais intimistas?

HÉLIO A pandemia veio impor normas de segurança que obrigou a reformular as atuações ao vivo. Houve sobretudo a necessidade de pensar cada espetáculo de acordo com os músicos, sendo que nem todos participarão nas datas todas. Basicamente tenho o MIGUEL FERRADOR, que toca teclados e dispara samples, mais os baixos, o JOÃO CABRITA a tocar saxofone, o JOÃO VAIRINHOS na bateria e pontualmente o cantor PAIS e a CATARINA MUNHÁ.



Partindo da recente colaboração musical entre DOMI e MIRAI que acabam de lançar o tema *Toque* aproveitamos o clima de cumplicidade que se gerou entre os dois e pedimos ao MIRAI que nos desse a conhecer melhor o amigo através de uma entrevista. Procuramos neste artigo ampliar a estética que os dois músicos desenvolveram no video-clip do tema.

Qual é a tua maior influência na música portuguesa?

DOMI Gosto bastante de música portuguesa, sou daquelas pessoas que mesmo não sabendo o nome da banda ou do artista sabe a música do início ao fim. O estilo que mais me influenciou a nível nacional foi o Rock, principalmente dos anos 80, RUI VELOSO, XUTOS E PONTAPÉS, UHF, TÁXI e outros tantos.

Quando eras mais novo, que desportos praticaste?

DOMI Pratiquei inicialmente Ténis dos meus 5 aos 10 anos, gostei da experiência e até que tinha jeito, mas depois surgiu a paixão pelo surf. Andei numa escola durante dois anos e depois comecei a praticar sozinho se bem que sem muita frequência, o que não me permitiu evoluir muito, acho que o faço mais pela sensação de estar em contacto com a natureza. Aos 14 anos foi quando descobri o desporto que pratiquei mais tempo e ao qual me dediquei mais, o basquetebol. Fui federado 6 anos e cheguei a integrar o 5 ideal do Algarve no meu último ano de Júnior. Depois abandonei quando sai da cidade, ainda jogo mas apenas na rua.

Antes de te tornares um artista de música, o que pensavas fazer como profissão?

DOMI Em pequeno lembro-me de não ter uma ideia fixa do que queria ser. Por volta do 3º ano queria ser piloto da fórmula 1, até tive um bolo de aniversário da Ferrari alusivo a isso mas passou-me rápido. Não muito mais tarde o gosto pelo palco surgiu através do teatro, e desde logo soube que tinha jeito para fazer algo relacionado com o meio artístico, mas ao mesmo tempo não tinha grande ambição, achava que me devia focar na escola e ter uma profissão de renome como advogado, até certo ponto achava que esse era o caminho. Mas sinto que não tinha mesmo um “sonho” em me tornar algo, apesar de sentir que era especial.

Vias-te a fazer uma novela?

DOMI Sem dúvida, desde a minha experiência em teatro que a televisão era algo que me passava pela cabeça, sei que se algum dia me surgir algum tipo de proposta na área aceitarei sem hesitar e terei oportunidade de mostrar outras facetas, como a representação, que me são naturais, até mesmo antes de ser o DOMI.

O que achas mais importante naquilo que tas a transmitir quando escreves as tuas músicas?

DOMI Aquilo que é mais importante é dar brilho ao que aparentemente é normal, embelezar com as palavras de forma a tornar o simples em algo muito próprio, como se só eu, DOMI, pudesse ter dito tal coisa ou de uma tal forma, fazer transparecer essa autenticidade

Para ti o que é que é alcançar o pico da felicidade?

DOMI Eu acredito que a felicidade são momentos, não existe uma linha contínua de felicidade, nunca se alcança o pico de felicidade por mais do que momentaneamente e muitas vezes nem é perceptível. Acho que a percepção mais clara de felicidade é quando menos esperas, é algo que se revela e está reservado a ti sem tu saberes, daí ser aquilo que procuras, está sempre à espreita.

Deves um pedido de desculpas a alguém?

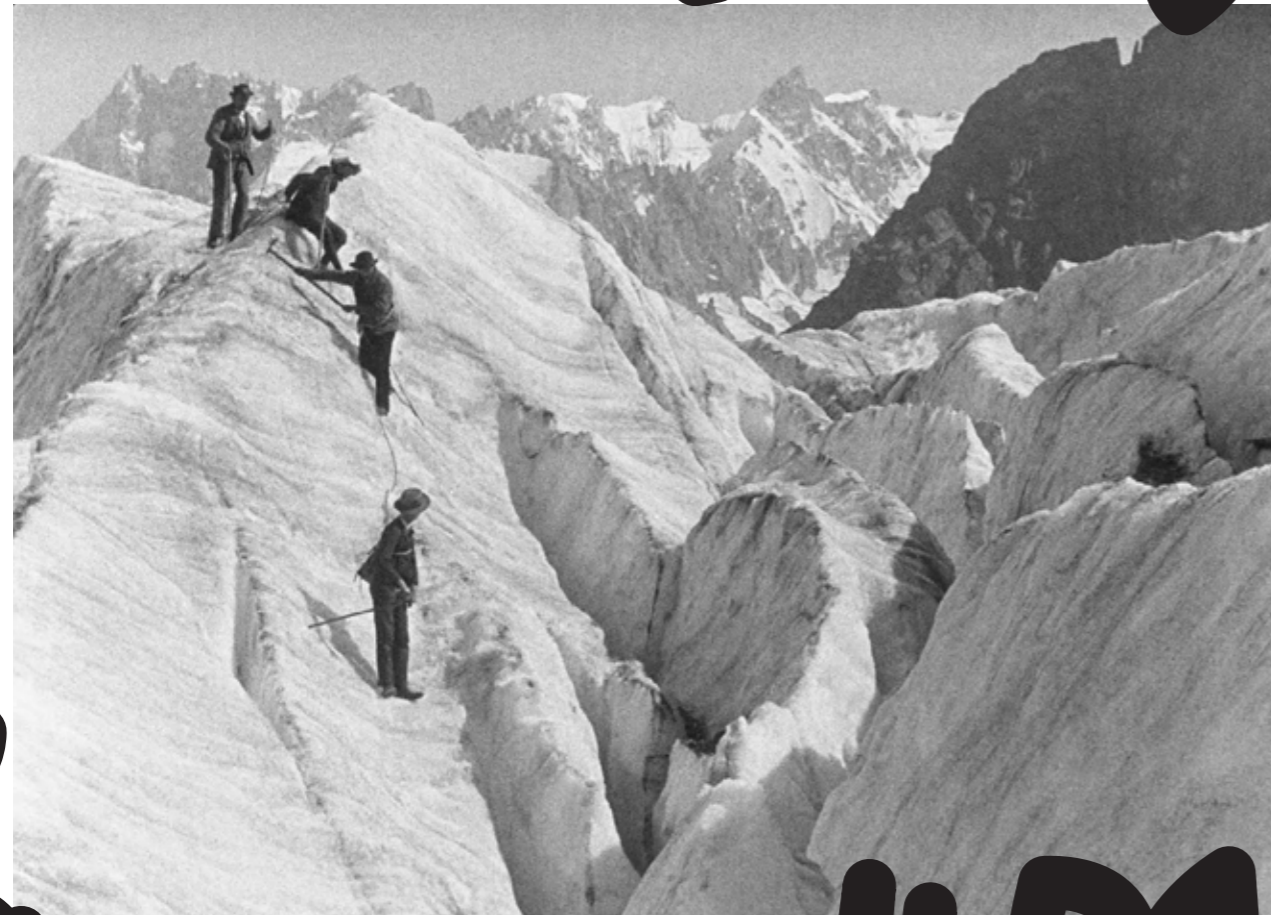
DOMI Creio que sim, na minha opinião é hipócrita aquele que pensa que não. Para saber pedir desculpa é importante perceber o quanto perdemos por não o termos feito. E de referir que pedir desculpa não se resume à palavra, há gestos e atitudes que falam por si.

entrevista por MIRAI
fotos JOÃO BARREIROS
produção SOFIA DE CARVALHO
direção criativa JOÃO BARREIROS
make-up MARGARIDA SEQUEIRA
hair PEDRO TROCADES

roupa @ptrocades e jóias @tous

Agradecimentos ao White Hotel e a Universal Studios





HISTÓRIA DO CINEMA DOCUMENTAL

texto RAFAEL MOREIRA



↑ curta metragem dos irmãos Lumière, realizada em 1890

← *Le Voyage dans la lune* (1902) de GEORGES MÉLIÈS

Todos nós crescemos com a sétima arte, mas nem todos sabem qual a sua origem.

Por vezes considerados os pais do cinema, AUGUSTE e LOUIS LUMIÈRE foram os pioneiros do que diz respeito à exibição de imagens em movimento. Inventaram o cinematógrafo e em finais do século XIX fizeram a sua primeira exibição ao público. O trabalho destes irmãos consistia em produções curtas, documentários inicialmente utilizados como forma de divulgação das próprias invenções.

AURÉLIO DA PAZ DOS REIS, também fez parte da história desta temática ao qual é considerado o introdutor da indústria cinematográfica em Portugal. Quando soube o que os irmãos LUMIÈRE tinham construído, partiu para França e adquiriu um exemplar em 1896. Realizou e ainda nesse ano exibiu 27 filmes ao público na cidade do Porto.

GEORGE MÉLIÈS também foi um dos grandes responsáveis pela evolução do cinema mundial sendo considerado um dos mais criativos artistas. Criou efeitos como stop-action (consistia em parar a câmara com as pessoas em movimento), utilizou técnicas como alta velocidade e as múltiplas exposições permitidas para filmagens. Foram mais de 400 as produções que mostram truques de efeitos especiais como por exemplo personagens que desaparecem no ar ou a transformação de pessoas em animais. Uma riqueza de linguagens vistas como um espetáculo para este cineasta.

Depois, conseqüentemente a tecnologia começou a sua evolução. Surgiu o cinema mudo que trazia consigo uma maior flexibilidade devido às câmaras leves e o equipamento do geral reduzido. Os anos 20 contaram com o aparecimento do som que, pelo contrário, aumentou os custos, o peso do material e a dificuldade de transporte. Nos anos 50 foi quando surgiu a captação do som sincronizada com o vídeo, que permitiu uma pior liberdade de criação com equipamentos silenciosos e portáteis. A câmara conseguia, finalmente, sair do tripé. Os anos 60, vieram literalmente dar cor à tão conhecida “caixa mágica”, que conseqüentemente trouxe consigo um aumento considerável dos seus custos.

Rapidamente com a sua irreverência, não foi difícil tornar-se o principal meio de difusão. O século XX foi marcado pela popularidade de exibição de documentários na televisão aberta. A par deste acontecimento, decorria a primeira

revolução industrial em que seria impossível não mencionarmos a internet, porque foi quando o computador começou a ganhar o espaço e o poder que tem nas nossas vidas. A partir do ano de 2000 a internet começou a atingir velocidades de navegação, na troca de dados e informações, autonomia, flexibilidade, proatividade e criatividade.

Com isso, o documentário também sofreu alterações e com ele, vieram alguns formatos diferentes, mas que muitas vezes são confundidos como por exemplo a reportagem. Enquanto que o documentário as imagens são o elemento mais importante, e acabam com a obrigatoriedade da utilização de uma voz off, e trata-se de um retrato mais completo possível. Ou seja, são géneros completamente diferentes, aproximam-se na possibilidade de tratamento do mesmo material, mas afastam-se na maneira como o fazem. Um jornalista e um autor de documentários têm princípios diferentes. Até porque o documentário não obriga a noticiar, descrever, explicar, publicar... é um argumento sobre o mundo.

Nos dias de hoje o documentário é nada mais nada menos que um género cinematográfico que acarreta consigo o objetivo de apresentar uma visão mais alargada da realidade. Pode ser visto através de uma tela (seja ela de um smartphone, de um tablet ou um computador), e com isso, para auxiliar a narrativa podem ser utilizados arquivos históricos, imagens e/ou entrevistas de forma a visar a sua construção orgânica. Para a realização de um documentário são necessários três grandes processos: pré-produção, produção e pós-produção. Na produção, antes das filmagens é necessário definir o tema abordado, definir o público alvo e organizar todas as burocracias e declarações a serem assinadas para as respetivas cedências de direitos de imagens. Na produção (durante as gravações), para além das entrevistas é necessário gravar cenários, depoimentos e todos os planos gravados à posteriori necessários para cobrir na totalidade o tempo necessário para o documentário. Contanto com a pós-produção que não passa da respetiva edição (sendo esta a cor, infografias ou oráculos).

Para além destes fatores, há recursos necessários que já vêm intrínsecos nos três aspetos anteriores abordados, como por exemplo a presença de um narrador (locutor ou personagem), reconstrução dos factos ou até mesmo a demonstração histórica que comprove a veracidade. Tal como



nos afirma a plataforma online “Português”: “o documentário não se preocupa muito com a fidelidade ao real por tratar-se de um discurso pessoal”.

SUGESTÕES DO EDITOR

José e Pilar (2010) de MIGUEL GONÇALVES MENDES

Miguel Gonçalves Mendes retrata a relação entre JOSÉ SARAMAGO e PILAR DEL RÍO. Mostra o dia-a-dia do casal em Lanzarote e Lisboa, na sua casa e em viagens de trabalho por todo o mundo, *José e Pilar* é um retrato surpreendente de um autor durante o seu processo de criação e da relação de um casal empenhado em mudar o mundo –ou, pelo menos, em torná-lo melhor.

48 (2011) de SUSANA SOUSA DIAS

Partindo de um núcleo de fotografias de cadastro de prisioneiros políticos da ditadura portuguesa (1926-1974), *48* procura mostrar os mecanismos através dos quais um sistema autoritário se tentou autoperpetuar durante 48 anos.

É na Terra, Não é na Lua (2012) de GONÇALO TOCHA

Um operador de câmara e um técnico de som chegam ao Corvo em 2007, a ilha mais pequena do arquipélago dos Açores. Filmado durante alguns anos, auto-produzido entre chegadas, partidas e regressos, o filme é como um diário de bordo de um navio e transforma-se numa manta de retalhos de descobertas e experiências, acompanhando a vida quotidiana de uma civilização isolada no meio do oceano.

Terra de Ninguém (2013) de SALOMÉ LAMAS

Paulo oferece retratos sublimados das crueldades e paradoxos do poder assim como das revoluções que o depuseram, apenas para erguer novas burocracias, novas crueldades e paradoxos. O seu trabalho como mercenário encontra-se na franja destes dois mundos.

E Agora, Lembra-me (2015) de JOAQUIM PINTO

Joaquim Pinto convive com o VIH e o VHC há quase 20 anos. Este filme é o caderno de apontamentos de um ano de ensaios clínicos com drogas tóxicas e ainda não aprovadas para o VHC.

Uma reflexão aberta e eclética sobre o tempo e a memória, as epidemias e a globalização, a sobrevivência para além do expectável, a dissensão e o amor absoluto.

Pára-me de Repente o Pensamento (2015) de JORGE PELICANO

A lucidez e a loucura vivem juntas. Do mundo exterior chega um ator que procura o seu personagem para uma peça de teatro, submergindo no mundo interior dos esquizofrénicos. Os utentes são parte do processo de construção do personagem. O personagem nasce e o cinema documenta.

A Joca do Lobo (2016) de CATARINA MOURÃO

Parte documentário, parte ficção, um filme sobre o escritor TOMAZ DE FIGUEIREDO. Um olhar que abre as portas secretas de uma vida que deixou apenas o seu trabalho para a memória dos seus filhos e dos seus netos. Na sua antiga casa, vivem os segredos e os acontecimentos inesperados.

Ama-San (2017) de CLÁUDIA VAREJÃO

Um mergulho, a luz do sol do meio-dia atravessa a água a pique. O ar que está nos seus pulmões terá que chegar até que se consiga arrancar o haliote. Estes mergulhos são dados no Japão há mais de 2000 anos pelas Ama-San.

O Labirinto da Saudade (2018) de MIGUEL GONÇALVES MENDES

Aos 94 anos, o escritor e filósofo EDUARDO LOURENÇO projeta pelos espaços da sua memória as perguntas que até hoje nele perduram. *O Labirinto da Saudade*, um filme sobre uma “nação condenada desde a sua origem a esgotar-se em sonhos maiores do que ela própria”, mas também a celebração da vida e obra de um dos maiores autores da cultura Portuguesa.

Até que o Porno nos Separe (2019) de Jorge Pelicano

Uma mulher de 65 anos chamada Eulália descobre que o seu filho que emigrou para Alemanha dá pelo nome de Fostter Rivieira e se tornou o primeiro ator gay português de reputação internacional. Da indignação e desgosto à tentativa desesperada de compreender o filho, Eulália embarca numa viagem emocional atribulada que põe à prova os seus valores, expectativas e percepções da realidade.



↑ *48* (2011) de SUSANA SOUSA DIAS

← *Até que o Porno nos Separe* (2019) de JORGE PELICANO

↳ *until you and i died and died again* (2020),
Festival Iminente, Monsanto, Lisboa

TÂMARA ALVES



No panorama da Street Art portuguesa, TÂMARA ALVES é um dos nomes que não precisa de apresentações, dada a constância de encomendas e produções em murais que foi realizando ao longo do país. A sua imagética tem-se completado em obras que realiza sobre papel ou tela e seja desenho ou pintura há uma persistência para representações femininas. Refere nesta entrevista que considera importante que sejam as mulheres a dar uma visão de si mesmas e tem pena de verificar que haja tão poucas mulheres na street art. Na sua obra encontramos mulheres urbanas com almas de guerreiras que nos seus sonhos são igualmente lobas, o que no seu entender são apenas mulheres que seguem os seus instintos e que esse lado selvagem que procura, pouco tem a ver com uma ideia de agressividade. Olhando para as suas imagens nomeadamente as produzidas para a Galeria Municipal Alves Redol na Amadora, percebemos que as suas mulheres estão sempre num limiar de um estado a outro: entre o sonho e o despertar, entre o urbano e a natureza, entre humano e o animal. No seu conjunto procuram desenhar o seu próprio destino.

Como surgiu esse convite para fazeres um individual na Galeria Municipal de Arte Artur Bual, na Amadora?

TÂMARA O convite decorre após várias peças realizadas para a Amadora. Inicialmente, tive um convite para pintar um pequeno quiosque inserido no festival Poesia na Rua organizado pela Câmara da Amadora. Eles gostaram e voltaram a convidar-me no ano seguinte propondo-me desta vez uma parede de grandes dimensões. Foi então que apareceu *Ophelia*, dentro do contexto do mesmo festival. Logo, nessa altura, surgiu o convite de expor na Galeria o que acabou por acontecer só agora, mas depois de ter sido adiada repetidas vezes, dada a circunstância da pandemia

A exposição tem como título *But first, some rebellion* – a referência à rebelião tem aparecido várias vezes ao longo da tua obra. Que sentido dás à palavra?

TÂMARA De início, quando comecei a preparar as peças, tinha como ponto de partida a tal *Ophelia* que aparecia no mural, uma mulher que não é submissa ao homem, nem à sociedade em geral e que é dona da sua história. Ou seja, o contrário da Ophelia que nos é dada por SHAKESPEARE. Contudo, porque a exposição foi sendo adiada e tive tempo de ir olhando para o que já tinha terminado, comecei a produzir algumas mudanças. Mantive uma certa melancolia nas personagens

que compõem a exposição mas elas agora estão prontas para a acordar. Mas acordar para o quê? É uma rebelião que pode ser silenciosa mas que pode despertar uma inquietação no espetador, criar expectativas sobre o que vai acontecer. Será que são fugitivas? São selvagens? São figuras femininas mas eu não discrimino relativamente ao género. Também podem ser homens ou animais. Por isso o que prevalece nesta rebelião é um sentimento de que há aqui qualquer coisa que está a acontecer. Uma leve inquietação ou um burburinho. Prefiro deixar estas histórias sempre em aberto

Estas figuras são recorrentes. Elas vão te contando histórias de uns anos para os outros?

TÂMARA Acho que são sensações, começaram em 2019 quando inaugurei uma exposição na galeria Underdogs intitulada, *When the rest of the world has gone to sleep*. A história começa pela noite, e as figuras que represento contam uma história quando as luzes da cidade caem e todos se recolhem: amantes, lobos, que caminham descalços pelo alcatrão quente, esfomeados, uma história bastante urbana. São histórias que vou contando na minha cabeça. Essa inquietação e busca de sensações fortes estão na base deste imaginário, mas ao mesmo tempo conjugam-se com a calma e o silêncio na noite. Há sempre amor nessas histórias, porque não gosto de contar histórias agressivas. Conto histórias com sensações fortes mas positivas. É verdade que vou repetindo algumas personagens mas, necessariamente vão-se transformando ao longo do tempo, não são exatamente as mesmas. A próxima exposição que já vem aí, até poderia ser vista como uma continuação da que decorre na Amadora, mas desta vez dá-se uma espécie de catarse em que as peças vão estar maioritariamente rasgadas. Contudo o rasgar surge mais como um processo de sedução. Desta vez elas também refletem o facto de ter estado tanto tempo fechada na presença dessas personagens e da minha relação com o processo de as compor e descompor no papel. É como se essas histórias agora fossem flashes algo que me vinha à memória, incompletas.

Voltando à questão da rebelião, encontras essa rebelião na questão feminista que está associada à tua obra e na street art?

TÂMARA Acho que o facto de ser mulher e de ter voz na rua tem de fazer de mim feminista. Há 10 anos tinha mais a provar do que tenho agora,



↖↑ *But first some rebellion* (2021), pintura,
Galeria Municipal Alves Redol, Amadora



↑ *When the Rest of the World Has Gone to Sleep* (2020), Underdogs, Lisboa

porque a street art era um movimento ainda muito ligado ao graffiti e tu não supunhas que uma mulher pudesse andar a saltar muros e a pintar as casas de toda a gente. Hoje as circunstâncias são outras, até porque as pessoas que querem ir para a rua pintar em grande escala podem vir das Belas-Artes, têm um percurso académico e não estão diretamente ligadas ao graffiti. Relativamente ao feminismo acho que as minhas mulheres mudam a forma como nós somos representadas no mundo da arte. Interrompem ideais masculinos que impunham um tipo de nós, representando com mulheres estendidas nas camas ou sentadas no sofá, submissas ao olhar do homem e espetador. Gosto que as minhas mulheres sejam donas da sua própria história. A balança esteve sempre desequilibrada e procuro de alguma forma participar nesse equilíbrio necessário para os dias de hoje.

Porque achas que há tão poucas mulheres na street art?

TÂMARA Já pensei muito sobre isto. Acho que tem mesmo a ver como a sociedade se organiza, como somos educados e que papéis nos são designados. Imagino que muitas mulheres achem que a street art não seja para elas e acredito que há realmente algo a fazer neste campo. Eu fui educada de forma a que o meu género não me impusesse limites e por isso achei que seria capaz de fazer qualquer coisa. Contudo tenho a noção que está estabelecido que uma mulher não deve andar a saltar muros ou pela noite a pintar paredes, ou ligada a qualquer tipo de trabalho designado “masculino” Estas ideias ainda pesam muito nas mentalidades gerais. Há que fazer uma mudança gigantesca de mentalidades antes de chegarmos aqui e ter muitas mais mulheres na street art.

Mulheres nas artes plásticas até há muitas e foi crescente em todo o século XX, mas se calhar estão ainda restritas ao espaço interior.

TÂMARA Há muitas sim, mas por exemplo, em áreas como a da escultura penso que seriam ainda menos porque é uma técnica que está associada a um trabalho duro, masculino, especialmente se estamos a falar em trabalhar em pedra ou em grande escala. Mas seriamente vejo isso como limitações que estão intrínsecas numa sociedade tipicamente condescendente machista que nos retira dessas posições e que nos faz acreditar que não seremos capazes de carregar uma pedra subir a um andaime e por aí...

E tu lembras-te quando foi a primeira vez que tiveste que te debater com a grande escala. Lembras-te das emoções desse dia?

TÂMARA Primeiro que tudo lembro-me das vertigens. Eu tenho muitas vertigens e ao longo dos tempos fui apenas conseguindo controlar essa fobia, lutando contra mim própria, isso para perceberes até onde vai o meu amor por aquilo que faço. Em cada parede que começo tenho sempre um período de habituação porque as vertigens continuam lá, só vão ficando mais fáceis de lidar. Mesmo agora, na última parede que eu fiz, aos 13 metros de altura, lá no topo, não deixei de ter as pernas a tremer e sentir o corpo a paralisar. Preciso de voltar a descer para voltar a subir. É como se estivesse constantemente a desafiar-me, nunca é fácil. Lembro-me de estar a pintar uma parede com 4 metros de altura no Plano B em 2010, antes de vir para Lisboa e só o facto de subir 3 degraus num escadote me perturbava. Por isso foi um longo caminho até agora.

Tu quando estás a pintar os teus grandes murais, tens a ajuda de alguém é um trabalho muito solitário?

TÂMARA Toda a gente me diz que devia pedir ajuda, porque quanto maior é a parede, maior o nível de dificuldade. Se for necessário sei que tenho com quem possa contar, mas habituei-me a trabalhar sozinha e passou a ser algo que faço naturalmente.

Uma das figuras recorrentes no teu trabalho são os animais selvagens, estou até a lembrar-me daquele lobo sobre um carro que fizeste para a última edição do Festival Iminente. Como é que surgem esses animais e se relacionam com o universo urbano?

TÂMARA Há muito tempo atrás quando comecei a definir mais o meu trabalho, que é muito figurativo e onde dou relevo ao retrato comecei também a juntar influências do universo das tatuagens e comecei quase espontaneamente a desenhar tigres e a estudar ao mesmo tempo o significado deles. Passava tudo por um processo de definir a minha mensagem enquanto artista. Esta ideia de equivalência de igualdade entre o homem e o animal ganhava rumo no meu pensamento. Se nos aceitarmos como seres animais, tudo se torna mais fácil relativamente a respeitar o próximo, sem desigualdades de género, raça, etc.

TÂMARA Eu comecei a incluir animais nas minhas



← ↑ *When the Rest of the World Has Gone to Sleep* (2020), Underdogs, Lisboa



↑ *We Are The Flowers* (2021), mural, Bairro do Esteval, Montijo

pinturas para criar metáforas para estes instintos que existem em nós mas estão reprimidos talvez pela rotina do dia a dia. Comer quando temos fome, fazer amor, chorar quando temos vontade, parece fácil sermos honestos com o nosso corpo mas é mais difícil que aparenta. Um rugido de um tigre quando estamos frustrados ou um uivo de um lobo por sentirmos a falta de um ente querido, é algo com que todos nós nos conseguimos identificar.

TÂMARA No desenvolvimento do trabalho o lobo passou a ser prevalecente, porque é um animal que nos é mais familiar, também porque sendo um animal solitário também não sobrevive sem a sua matilha. Nessa altura lia igualmente um livro feminista, mulheres que correm com lobos, que também ajudou a consolidar esse imaginário de forma muito instintiva.

Achas que o teu trabalho é algo mais instintivo ou algo mais pensado? Como foi evoluindo ao longo dos tempos esta questão?

TÂMARA Quando penso no meu trabalho fico sempre muito inquieta, sinto um desassossego e esse fogo tem que sair eventualmete. Mas sou uma pessoa que pondera muito o que vai fazer, demoro mais tempo a pensar no significado do que na execução. Leio, vou procurando significado na poesia, para ver se consigo formar imagens na minha cabeça e só a partir daí resolvo materializar no papel. Ou seja demoro mais tempo a encontrar o conceito do que a executá-lo.

O desenho flui muito mais facilmente?

TÂMARA Sim flui, mas eu preciso de explicar as imagens que crio para mim, o que torna o processo menos imediato.

E que leituras te estão a influenciar no momento?

TÂMARA Esta exposição que estou a preparar agora para a Underdogs, surgiu por exemplo da leitura de AL BERTO um poeta que gosto de re-visitar. Ele tem uma compilação que se chama *Uma Existência de Papel*, onde fala do papel, da escrita e da folha e de como não há fronteiras entre isso e o corpo. Achei interessante refletir sobre isso porque era o que estava a procurar transmitir neste momento. O facto de trabalhar na rua, o carácter efémero e a ideia de abandono tornam-se ideias fortes em toda a equação da criação. Agora estou a rasgar parte dos meus desenhos e sinto nisso uma ligação muito directa com essas palavras do AL BERTO, com o facto

de rasgar o papel, a materialidade desse corpo e todo o lado efémero.

Podes dar uma antevisão do tua exposição na Underdogs?

TÂMARA Desta vez vai ser diferente, porque eles convidaram-me para expor na Capsula E vou encarar a cápsula como um espaço mais íntimo e propício para uma instalação. Como referi aparecem pinturas rasgadas. Gosto de trabalhar com essa ideia de fragilidade da aguarela que está na base destes trabalhos que ao serem rasgados ou pintados de negro conferem algo mais rígido na sua impressão geral.

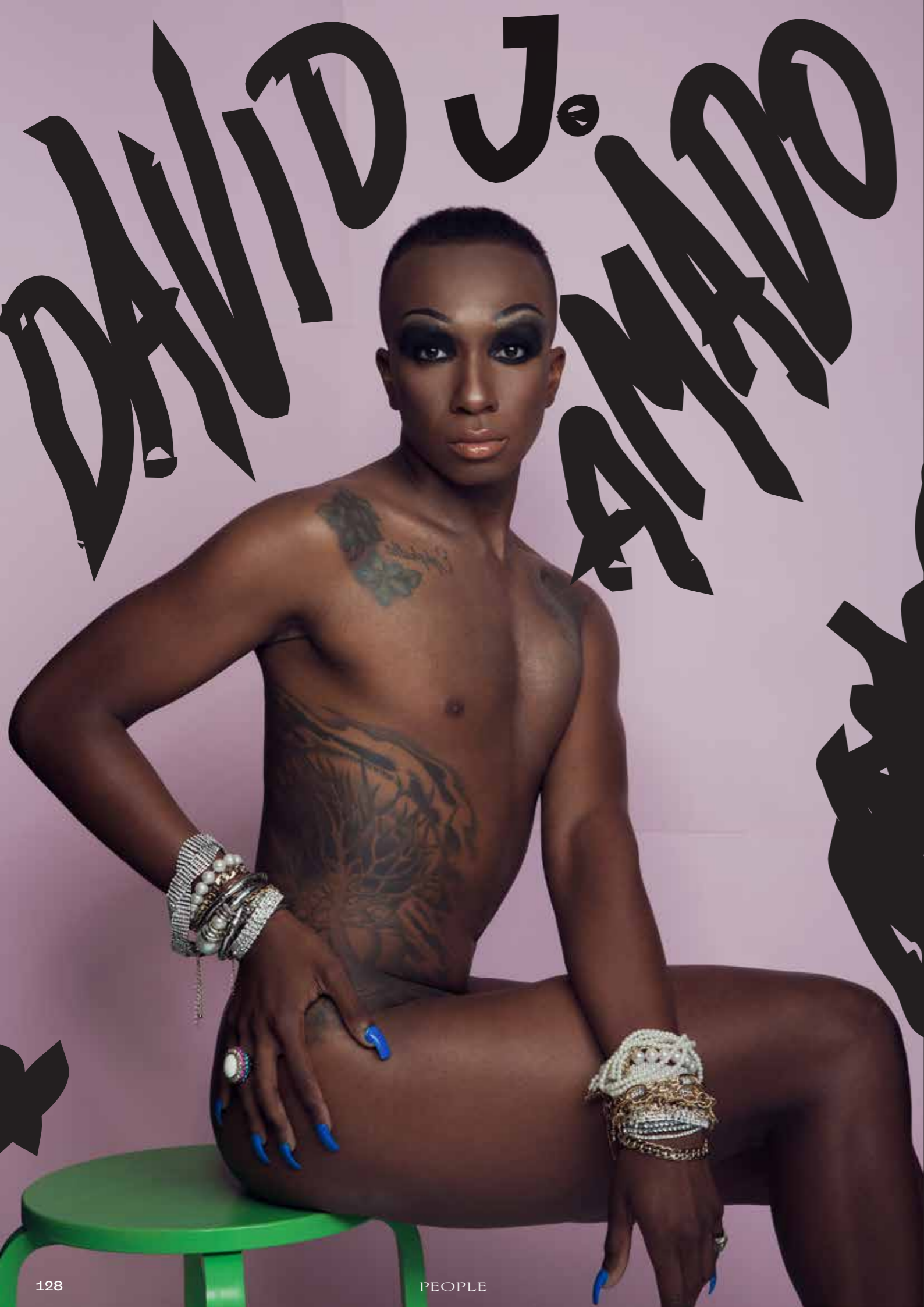
Tens muitos colecionadores, gostas de conhecer os teus colecionadores?

TÂMARA Não conheço todos, mas em geral gosto de os conhecer, saber que tipo de pessoas são, gosto da relação que se possa proporcionar. Para além do trabalho na rua sempre tive um trabalho para pequenos formatos, mais adequado a uma galeria. Um artista faz de tudo um pouco, é claro. Ter por detrás uma estrutura com a Galeria Underdogs facilita muito, são uma equipa incrível. Isso liberta-me para fazer outras coisas

Também recibes encomendas privadas?

TÂMARA Peças comissionadas? Sim, desde peças para casas privadas ou hotéis, etc.

entrevista por FRANCISCO VAZ FERNANDES



DAVID J. AMADO sonha. Sonha tanto que realiza. Da sua experiência de vida que uniu à arte para trazer representatividade. O que é ser negro e gay num mundo onde há racismo e homofobia. Num mundo em que há pessoas à nossa volta que ainda têm medo de serem quem são, pessoas que são diminuídas pela sociedade ao ponto de sentirem que não têm lugar em lado nenhum. Ou se tiverem, é dentro de uma caixa com um ou vários rótulos. Com *Velveteen*, um filme que pretende através da dança dar vida, dar forma, dar espaço e dizer-nos que somos todos livres para voar! Com um coração tão grande quanto a sua vontade, DAVID J. AMADO assume a realização do seu primeiro filme, já com novos projectos em vista. De artista independente, realizador, coreógrafo e bailarino temos a certeza que está no lugar certo, no momento certo e nós estamos cá para o aplaudir!

Como surgiu a ideia para este projecto e como foi colocá-lo em prática?

DAVID A ideia de *Velveteen* sempre viveu dentro de mim de alguma forma. É vagamente baseado em minha experiência como um homem negro queer, vivendo num mundo que valoriza a heteronormatividade e a branquitude. Desde que me lembro, sempre me senti “diferente” ou “outro” devido às minhas identidades. Mesmo quando eu não entendia o que significavam “Negro” e “gay”, ainda me senti um forasteiro. E esses sentimentos de me sentir constantemente como se fosse “diferente” e, portanto, “menos do que”, minaram minha autoestima e minha capacidade de me sentir amável. Não viver de acordo com o padrão de normalidade fez com que eu sentisse defeito e nem mesmo digna de existir.

DAVID À medida que fui crescendo, comecei a compreender que havia muitos outros homens que se sentiam da mesma maneira. Homens como eu, cujas identidades e histórias estavam sendo apagadas e sufocadas de vergonha; a nossa própria vergonha que nos obrigou a negar quem somos e a vergonha dos outros que os obrigou a nos calar quando tentamos falar as nossas verdades. Em resposta a isso, tornou-se minha missão contar nossas histórias para que pudéssemos sair da escuridão, nos encontrarmos e criar um porto seguro. Era minha esperança que o *Velveteen* nos humanizasse, servisse como um espelho para negros queer e nos mostrasse que somos amáveis. Que se encaixe no padrão não é um requisito para ser adorável.

DAVID Montar o filme foi uma das experiências mais difíceis da minha vida, sem sombra de dúvida. Por um lado, foi fato de eu ser um artista independente a realizar meu primeiro filme no meio de covid-19. Porém, também foi difícil porque o projeto enfrentou muito racismo e homofobia na sua produção. Muitas organizações e associações tentaram impedir a produção do *Velveteen*. Muitas queriam que continuássemos a viver em silêncio e vergonha. Que não fizéssemos barulho.

DAVID A experiência de fazer o filme, espelhou a história que é contada dentro do filme. Foi uma jornada de grande resistência, muitas vezes me sentindo sozinho e desesperado. Foram as pessoas que conheci no processo de fazer o filme, a maioria delas negras e queer, que me ajudaram a mudar da perspectiva e terminar o processo. Que me ajudaram a não esquecer quem sou. Foi essa comunidade de artistas, nomeadamente o produtor musical, XU LOPES, que me impediu de desistir de mim próprio e do projeto.

O que é que aconteceu, neste caso até a título pessoal (se o puderes fazer, claro) que te fizesse expor e querer transmitir esta mensagem?

DAVID O título do filme *Velveteen* é inspirado no livro infantil *The Velveteen Rabbit* (“O Coelho de Veludo Falso”), que conta a história de um coelho de brinquedo que quer se tornar um coelho de verdade, e acredita que a única forma de se tornar “real” é por ser amado e aceite.

DAVID Mesmo quando eu era criança essa história sempre ressoou em mim, porque mesmo sem entender o porquê, sempre me senti diferente de uma maneira desviante. E passei muitos anos da minha vida tentando ganhar o amor dos outros para ser e sentir “real”. Meu desejo de terminar o filme e contar essa história de amor-próprio e cura coletiva veio do desejo de me curar e de um sentimento de responsabilidade social. Não sou o único que lidava com essa carga mental e emocional de sentir inválido, e queria me liberar e liberar os outros.

DAVID Eu esperava que o filme servisse como uma afirmação da nossa beleza e poder quando nos encontrarmos em tempos sombrios de dúvida e ódio de nós mesmos. Que *Velveteen* podia nos lembrar quem somos quando esquecemos, como a comunidade das artistas no filme fizeram para mim.



total look CYBERTOKIO



vestido CYBERTOKIO
mangas FRANCISCO FELIX



David, és bailarino, coreógrafo e professor. De futuro que podemos esperar ou o que estás a preparar profissionalmente?

DAVID O futuro é incerto, mas seja que for, vou criar. Continuarei a usar minha voz para elevar aquelas que são marginalizadas e silenciadas. Continuarei a montar trabalhos centrados em negros queer e que contam nossas histórias. Pretendo continuar a desenvolver minhas habilidades de cineasta com meu próximo projeto, que será um EP audiovisual que explora e comemora a sexualidade gay masculina. Enquanto *Velveteen* é uma obra mais pesada emocionalmente, o próximo projeto será uma celebração da vida queer. Um projeto alegre. Por ser um álbum, a música será o foco central com todos os vídeos dirigidos e coreografados por mim. A música é uma das maneiras rápidas de transmitir uma mensagem, e pretendo criar conteúdo que possa nos espelhar de volta para nós mesmos numa luz positiva e multidimensional.

DAVID Além disso, há muito tempo que sonhava começar um projeto de ação social na Amadora que oferecesse aulas de dança clássica a 50 crianças gratuitamente. Um programa pré-profissional de um ano para 25 meninos e 25 meninas. A dança clássica é o meu verdadeiro amor, e é importante para mim diversificá-la e torná-la acessível a todes. Eu gostaria de formar aqueles que foram excluídos da dança clássica e continuar a contar histórias mais inclusivas com ela.

entrevista por PATRÍCIA CÉSAR VICENTE

foto AL&K @landkphotography
direção criativa DAVID J. AMADO + CYBERTOKIO
styling CYBERTOKIO @cybertokio
beauty RAFAEL BASSAKIN @rafaelbassakinmakeup
modelo DAVID J. AMADO @davidjamado
estúdio FREDERICO TELES @fredericoteles_oficial,
DANDYBLOCK



ANTÓNIO CASTRO

Se a moda é uma performance, ANTÓNIO CASTRO continua a encenar, peça a peça, algumas das mais opulentas histórias no seu universo fantástico. Com uma linguagem visual apurada, os códigos são reescritos com conceitos que privilegiam a exploração têxtil, a utilização de excedentes e a reimaginação de períodos históricos.

À PARQ, o designer português fala sobre uma visão da moda cheia de possibilidades e de experimentação. Cai o pano e começa o espetáculo. Que comece o Ato I.

O teu trabalho apresenta uma estética muito singular e excêntrica. Como é que a descreverias?

Eu não acho que a minha estética seja excêntrica, acho que eu dou muita atenção às texturas e à materialidade das peças. Muitas vezes são peças criadas a partir da exploração têxtil. Eu acho que há um interesse que eu tenho, inerente a muitas coleções, do barroco, que me leva a ter um interesse pela ideia de opulência e exuberância, mas com uma interpretação contemporânea. Não acho que haja propriamente uma excentricidade na minha estética, tenho muitas influências no meu processo e que gosto de cruzar coisas inesperadas.

De que forma recordas as tuas primeiras experiências no mundo da moda?

A minha primeira experiência, e que acaba por formar bastante a minha identidade enquanto designer foi uma apresentação que eu fiz em Paris, no metro, numa estação de comboio. Foi durante a Paris Fashion Week, a fevereiro de 2018, e era uma um corredor que liga três estações de metro e uma estação de comboio e esse corredor está bastante decadente, tudo encarnado e tem muitos detalhes cinzentos e teve muito a ver com a própria coleção, que era cinzenta. Os modelos começavam-se a despir e os fogos eram em ceras encarnadas ou as camisas eram encarnadas. Houve uma performance em que os meus amigos, modelos, estavam constantemente a passar as pessoas que estavam a utilizar os transportes públicos nesse dia e, portanto, foi um happening. A partir disso, houve um interesse da Moda Lisboa e fui convidado a fazer parte do Workstation.

Além de Portugal, estudaste em Londres e já trabalhaste em Paris. Quais as diferenças mais notadas entre os diferentes cenários de moda?

Eu acho que o contexto de Londres está ligado à minha experiência enquanto estudante e isso tem uma ligação mais a uma experiência académica, talvez mais experimental e sem tanto constrangimento do mercado de trabalho. Mas eu fui encontrando essa mesma experiência em Paris, portanto eu acho que Londres é uma cidade criativa pela não restrição e Paris é uma cidade criativa por ser mais conservadora. Ambas têm formas de libertar e de expressar criatividade por sentidos opostos. E depois eu acho que Lisboa é muito diferente e a minha própria experiência é muito diferente.

De que forma é que cada cidade influenciou o teu estilo de design?

O que influencia mais tem a ver com as pessoas e não com as cidades. Acho que tem a ver com as pessoas com que me rodeio, que vou conhecendo em cada cidade e acho que, nesta última coleção, apesar da separação física e do não poder viajar, houve uma colaboração e um cruzamento criativo entre vários amigos e novas pessoas de cada cidade. Eu fui obrigado a ficar em Portugal depois do Natal, já tinha começado a desenvolver o trabalho em Londres para a apresentação e continuei a desenvolver um trabalho em Portugal. Depois, voltei em fevereiro para Londres onde continuei a trabalhar no filme e na coleção e, ao mesmo tempo, a colaborar com um editor em Paris. Portanto, acho que até o facto da pandemia enfatizou esta ideia de comunidade entre as várias cidades.

Venceste o prémio L'Oréal Professionnel Creative, da Central Saint Martins, de 2021. Este reconhecimento acrescenta pressão ao trabalho a desenvolver?

Não acho que acrescente pressão, acho que foi um prémio ótimo e é muito bom reconhecimento pelo trabalho e pelo meu interesse contínuo pelos têxteis e pelas técnicas artesanais.

É frequente explorar novos códigos de género nas coleções. Acreditas que a moda deve ser disruptiva na descodificação de normas sociais?

Eu acho que torna as coisas mais interessantes se a moda for disruptiva, mas acho que é importante e cabe ao designer que quer criar uma disruptão saber a que é que está a ir contra. Acho que é importante também o próprio designer





saber se faz sentido no seu contexto enquanto designer. Acho que isso também está ligado à ideia dos valores enquanto designers.

Um dos principais traços das tuas peças passa pela reutilização de tecidos e aposta em novas técnicas têxteis. Qual o papel da exploração têxtil no teu trabalho? A minha formação inicial é têxtil. Naturalmente, às vezes tenho curiosidades em fazer experiências têxteis e essas experiências desenvolvem e podem ser aproveitadas e incluídas independentemente do conceito ou acabam por fazer sentido incluí-las num conceito, portanto é como ter uma biblioteca de experiências e, ao mesmo tempo, há muitas vezes experiências e exploração têxtil que veem diretamente ligadas ao conceito da coleção e que se relacionam mais diretamente com as coleções.

Quais são as tuas principais referências no mundo da moda?

São muitas e vastas. Desde JEAN PAUL GAULTIER, CHRISTIAN LACROIX, UNDERCOVER, mesmo a própria MARGIELA e GALLIANO. Interesse-me muito por peças históricas e tenho muito interesse em fazer visitas a arquivos de Museus. Tive a oportunidade de aceder aos arquivos do Museu Nacional do Traje, em Lisboa, e de poder tirar os moldes de várias peças para roupas numa das coleções.

Da desconstrução de silhuetas do passado a criações que são uma janela para o futuro, as peças são muito variadas. Inspiraste mais no passado, no presente ou no futuro?

Nos três. Acho que, para mim, faz sentido ser os três. De perceber e de referenciar o passado, estar a par do que passa no presente e sempre pensar o futuro.

Preferes trabalhar com técnicas artesanais ou optar pela exploração de processos mais mecânicos e tecnológicos?

Os dois. Eu interesse-me muito pelos dois e tenho muito interesse especialmente quando os posso cruzar. Um dos desenvolvimentos têxteis chave foi uma colaboração que eu fiz com a Citex, que é uma empresa de bordados italiana, e grande parte do processo é feito manualmente, desde a escolha dos desperdícios, à reparação, e depois o processo é feito numas máquinas enorme de bordados e a própria conclusão do tecido é toda feita manualmente. Portanto, eu acho interessante quando há essa mistura de técnicas e de possibilidades.

Como é que achas que vai ser o futuro da moda?

O futuro da moda passa muito pela possibilidade de haver muitos futuros.

Se puderes deixar um legado no mundo da moda, qual gostarias que fosse?

O maior legado possível seria um trabalho com consistência constante e a continuação do meu interesse pelo têxtil.

entrevista por DANIEL BENTO

TAROT HOJE

No desenvolvimento do Tarot contemporâneo, tal como o conhecemos hoje, há três momentos-chaves que vale a pena analisar. O primeiro momento acontece durante o séc. XIX quando alguns círculos cultos da melhor sociedade passam a formar grupos esotéricos para debater alguns aspectos relacionados com o espiritualismo e rituais mágicos, alimentados pelo conhecimento que chegava das descobertas sobre culturas ancestrais. Essa curiosidade culminou no primeiro baralho de tarot moderno conhecido como o *Rider Waite-Smith* criado pela ilustradora PAMELA COLMAN SMITH sobre a orientação de A.E.WAITE, publicado em 1909.

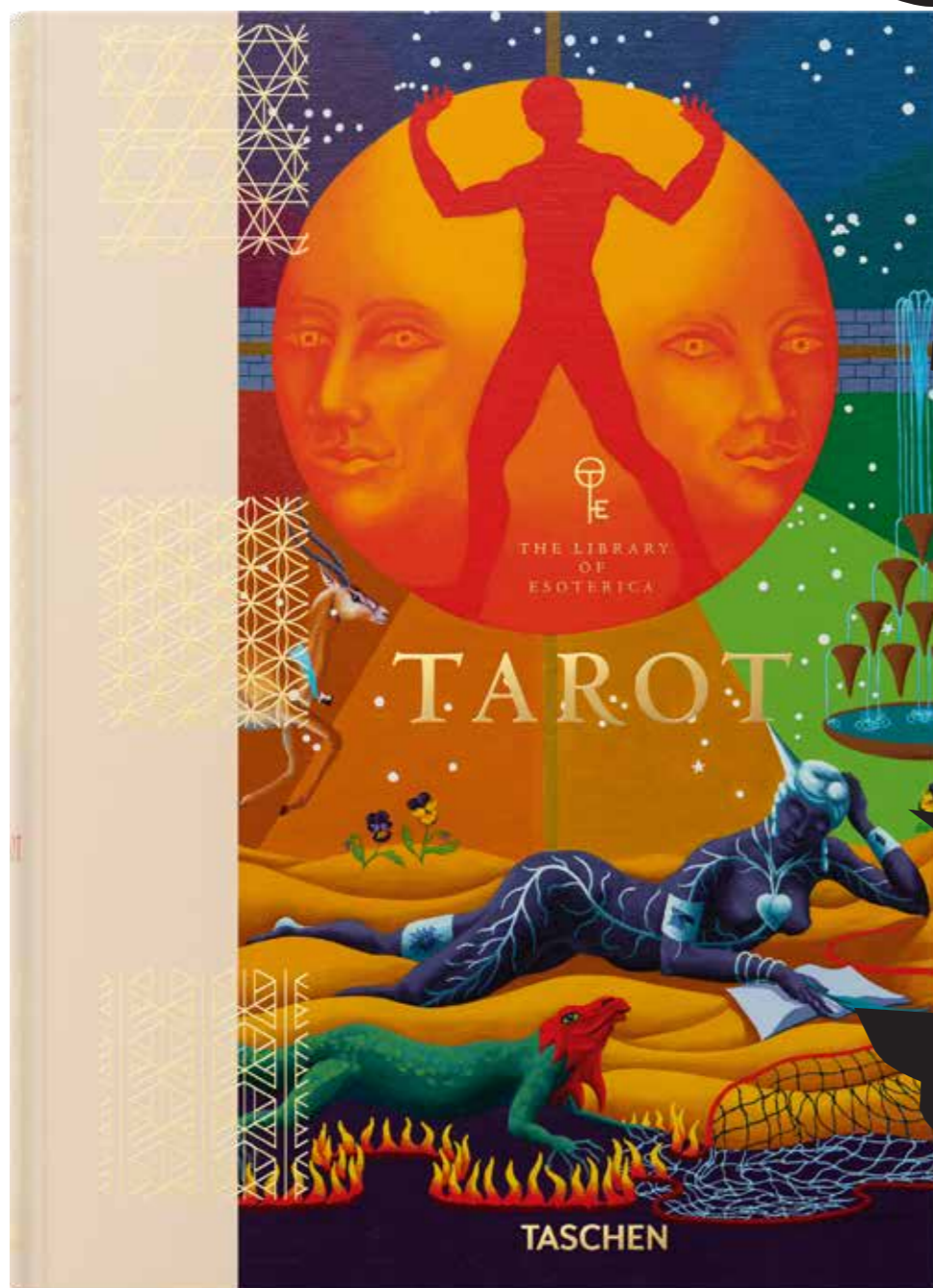
meios de reprodução gráfico mais acessíveis. Formas de financiamento como o crowdfunding, entre outros, são vias que permitiram um criador poder sonhar lançar o seu próprio baralho. Ou seja, neste momento assistimos a uma proliferação de autores dispostos a criar e a publicar propostas mais pessoais, trazendo assim uma maior diversificação, o que faz com que hoje o Tarot seja um veículo para pensar nas mudanças e nas questões referentes à identidade que atravessam a sociedade. Em conclusão, o Tarot vive hoje o seu grande momento.

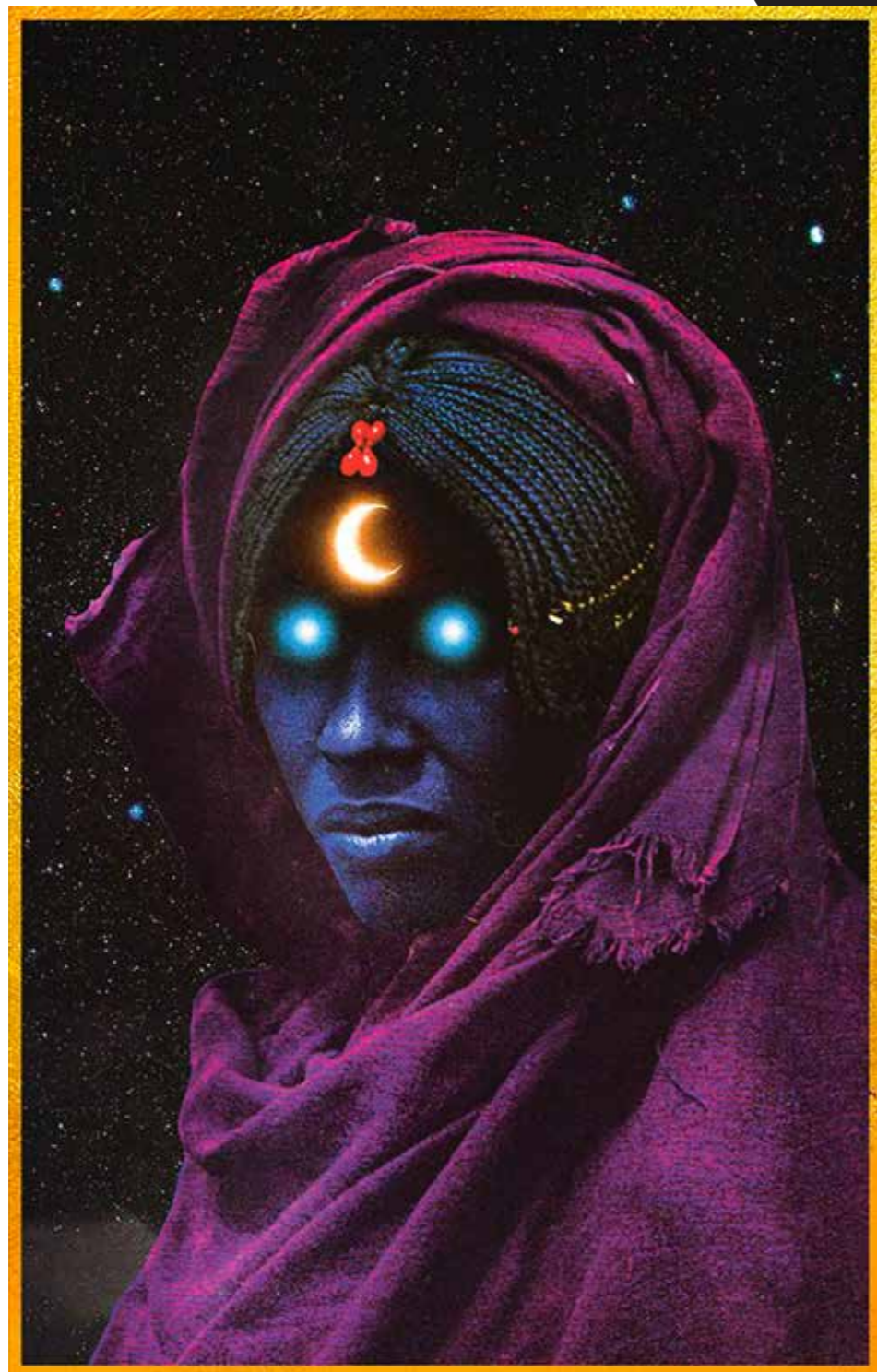
As raízes do Tarot são muito antigas e é consensual que remontem ao séc. XV, na Itália, onde só era acessível a uma elite muito restrita. Ou seja, o oposto da atualidade, onde a diversidade é a palavra de ordem, tanto ao nível das propostas criadas como daqueles que o procuram. Até certo ponto, cada geração tem sugerido reinterpretações dos seus símbolos e adaptando-os as suas circunstâncias, o que tem permitido que o seu interesse se mantenha vivo, pondo à prova a sua própria capacidade de sobrevivência ao longo dos tempos. Apesar de toda a evolução, o baralho de Tarot básico tem-se mantido igual desde a sua origem. Pelo menos estruturalmente. Há 78 cartas que incluem 22 arcanos maiores (trunfos) onde consta por exemplo, a morte, o eremita, os amantes, etc. Juntam-se depois 56 arcanos menores, 4 naipes de 1 a 10 e 4 figuras, uma composição em tudo semelhante a baralho de cartas que usamos para jogar. Com variações mínimas um baralho tem que conter este conjunto de critérios para ser considerado um baralho de Tarot. Qualquer outra coisa seria então considerado um oráculo com igual interesse e também usado para práticas divinatórias. Contudo, não é tarot.

Os movimentos de contracultura que decorrem nos anos 60, proporcionam um segundo momento, em que novamente renasce o interesse pelo Tarot. Os movimentos ligados aos hippies e os beatniks absorveram alguns aspectos do universo do Tarot, procurando explorar o potencial que aí encontraram em termos de libertação da mente. Foi nessa mesma época que o *Tarot Thoth* de ALEISTER CROWLEY ganhou popularidade apesar de ter sido publicado muitos anos antes. Tendo por base imagens desenvolvidas entre CROWLEY e a pintora Lady FRIEDA HARRIS, o *Tarot Thoth* foi largamente apreciado pela geração da idade de aquário devido a densidade simbólica das suas referências e pela estética apurada baseada numa aliança entre geometria projetiva e o estilo Art-Déco.

Muitas vezes as pessoas ficam surpreendidas que o aspecto divinatório que em geral associamos ao Tarot seja até algo relativamente recente. Antes do séc. XX o Tarot era essencialmente usado como jogo de apostas, o que significa que esse aspecto de previsão tem passado por uma certa transmutação ao longo do tempo. Na introdução do livro que acompanha o baralho *Tarot Lua*, a sua criadora, MAREE BENTO, cita PHILIPPE ST GENOUX para frisar que segundo este estudioso, o Tarot tem mudado muito ao longo do seu percurso no tempo e que “quando esqueces a ideia de prever o futuro e comesças a ganhar a experiência de jogar as cartas como um espelho da psique, nesse momento o Tarot torna-se um caminho para a sabedoria.”

Mais recentemente voltamos a assistir a uma proliferação de edições baralhos de Tarot a que não é alheio, o interesse das novas gerações e os





Taschen, *High Priestess* em *Manzel Tarot* (2016),
de MANZEL BOWMAN

É nesse ponto que o Tarot se encontra hoje; menos previsão de futuro e mais como ferramenta para objetivos introspectivos, meditativos e terapêuticos que levam a um autoconhecimento. Mais que isso possibilita uma estrutura que lança os indivíduos para um quadro de vida mais criativo. Estes são alguns dos aspectos que são valorizados na publicação da Taschen, *Tarot*, onde aparece de forma muito atualizada as várias perspectivas desse universo. Este é o primeiro livro de uma nova série que a editora alemã quer desenvolver sobre o conhecimento esotérico, tendo já anunciado uma segunda publicação, desta vez sobre astrologia.

O *Tarot* da Taschen mantém aquele formato de Coffee Table luxuoso a que a editora já nos habituou. É um livro com muitas páginas, ricamente ilustrado acompanhado por textos de vários autores que criam uma perspectiva rica do universo do Tarot. Pessoalmente, o que mais me marcou foi o impacto das imagens ampliadas, especialmente para quem está habituado a ver essas composições ilustrativas em tamanho reduzido, no final de contas, no formato de uma carta. Ampliadas a extensão das páginas da Taschen essas imagens são amplamente apelativas, surgem na sua verdadeira dimensão, de obras de arte. É muito fácil ficar fascinado e seduzido pelos caminhos que os criadores percorrem para alcançarem numa perspectiva pessoal esse universo simbólico. No fundo é isso que tem sido o motor que nos tem levado a manter o interesse pelo tarot, a perspectiva de um diálogo que é encetado com os autores na reinterpretação pessoal desse universo simbólico proposto. Não há significados fixos e, como tal, são livres de interpretação sendo as criatividades apresentadas pelos autores um ponto de partida. As cartas propostas vão provavelmente facultar uma interpretação de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Por tudo isso, a Taschen dá conta que o impacto do mundo do Tarot não se reduz às cartas, dando também conta de muitas artistas que criam telas baseadas em arquétipos intemporais como o amor, os amantes, a lua...

Como referi, o universo do Tarot tem vivido na última década uma verdadeira explosão, um facto que não passou despercebido neste coletânea da Taschen que dá uma ampla visão dos baralhos criados nos últimos anos. Apesar de dar um panorama bastante completo, obviamente não esgota, tudo o que foi possível criar nos últimos anos. Entre as referências incluídas, uma das mais interessantes parte dos UUSI, um atelier de artistas de Chicago que na época atual são considerados figuras chaves para compreensão do renascimento do Tarot. Já produziram vários baralhos e gostam de se referir às cartas como objetos intemporais contemplativos que saíram da masmorra do New Age e entraram no mundo atual. O seu baralho, *Pagan Otherworlds*, um dos mais representativos, mistura referências ao xamanismo, ao folclore europeu, gerando alusões ao retorno à natureza. As imagens propostas nas suas cartas surgem a partir de composições de pinturas a óleo que eles próprios criam. São imagens que acabam por ser minimais, onde prevalece uma ideia de espaço vazio com céus a perder de vista, levando-nos facilmente a um sentimento de contemplação.

Para além do que fica apontado pela Taschen, há muitos outros que seriam necessários referir. O baralho *Lua Tarot*, da luso americana MAREE BENTO, residente em Portland, é um desses exemplos. A sua curiosidade reside na forma como manipula digitalmente gravuras esquecidas do séc. XIX, dando um aspeto final de algo antigo e histórico ao seu baralho. Contudo, numa segunda análise sobre as imagens que o compõem, revela uma preocupação de que seja um baralho inclusivo, o que lhe dá uma dimensão muito contemporânea. Inclui representações pertinentes da comunidade afro-americana durante o séc. XIX e altera o sentido de alguma imagética cristã predominante. Por exemplo, retira a carta de julgamento que passa a ser uma carta de evolução, o que considera ser mais inclusivo na sociedade atual.



*Empress do Dust II Onyx Tarot (2016),
de COURTNEY ALEXANDER*



*Ace Pentacles do Dust II Onyx Tarot (2016),
de COURTNEY ALEXANDER*



*Justice do Dust II Onyx Tarot (2016),
de COURTNEY ALEXANDER*



*King of Wands do Lua Tarot (2020),
de MAREE BENTO*



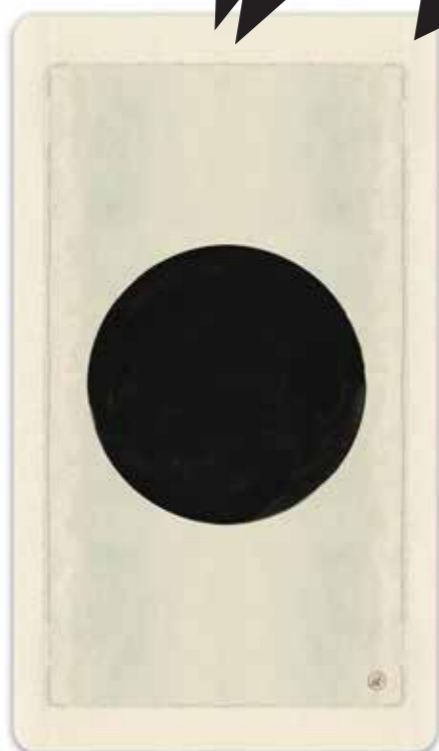
*Queen of Wands do Lua Tarot (2020),
de MAREE BENTO*

*Judgement/Evolution do
Lua Tarot (2020),
de MAREE BENTO*



Taschen, *Tarot of the Golden Serpent* (2013), de SEBASTIAN HAINES

The Pagan Otherworlds Tarot (2016), de UUSI



Outra artista não incluída mas que tem tido uma grande projeção nos últimos tempos, é COURTNEY ALEXANDER, uma artista que explora a narrativa da sua identidade enquanto Fat Black Queer Femme. Após as Belas-Artes ela fez um Crowdfunding que tinha como proposta juntar os meios financeiros para publicar um baralho que tinha por base um conjunto de pinturas realizadas no decorrer do seu final de curso. Juntou na altura 30 mil dólares e assim nasceu o baralho *Dust of Onyx*, um baralho que, que foi um sucesso gigantesco tendo-se esgotado rapidamente. Já vai na segunda edição, onde mais uma vez recorreu a um financiamento através do crowdfunding arrecadando desta vez 50 mil dólares para concretizar o seu propósito. São valores que acabam por ser reveladores do interesse que a nossa sociedade tem hoje pelo Tarot. As imagens que COURTNEY ALEXANDER propõe para as suas cartas refletem expressões relativas ao debate que hoje em dia se tem sobre o género. Procurou que todos se sentissem incluídos e fez prevalecer as influências da sua cultura pop, dando relevo a ícones da sua geração, como GRACE JONES. Tal como COURTNEY ALEXANDER referiu, todo o seu processo inerente a criação do seu baralho foi uma oportunidade pessoal para repensar a sua relação com as conotações sociais relativas aos “pretos”, à ideia de escuridão, procurando encontrar um ponto de fuga mais positivo. Concluiu que foi da escuridão que nasceu o nosso universo.

Estes são apenas alguns exemplos de artistas que estão a reinterpretar o Tarot moderno, abrindo novos significados, num mundo acelerado e impessoal dominado pela tecnologia. São criativos que mantêm o interesse por uma antiga estrutura iconográfica, porque nesta ainda lhes permite perspetivar um lugar para todas as identidades e se torna um poder de expressão e um espelho das mudanças de valores do séc. XXI.

NEW ERA fotografia DIANA NETO @diananetophoto
styling SARA SOARES @cest.fantastique assistida por MARINE SIGAUT @mar___s___igu
makeup SARA MARQUES DE OLIVEIRA @dapperfish hair DORA @flowbydora
modelos IGOR SILVA @flawless_boy3 KIMBERLEY PEARL @kimberley.pearl CRISTIANA MORAIS @cristianamora
JOANA ARIEIRO @joanaarieiro @modelsfactory THOMY @diasdechuvaseca @karacteragency



Igor veste casaco e calças HIBU STUDIO,
corpete BOUDOIR THRIFTS



Joana veste top e calças LIDIJA KOLOVRAT,
luvas VENTURA VENTURA, brincos BEATRIZ JARDINHA



Cristiana veste top e calças KAHUMBI by NAÁRA SATURNINO, brincos e anéis BEATRIZ JARDINHA





Thomy veste camisa REW, corpete RICARDO ANDREZ,
calças ANTÔNIO CASTRO, chinelos LIDIJA KOLOVRAT



Kimberley veste vestido CONSTANÇA ENTRUDO,
crinolina DINO ALVES



fotografia JOÃO LUÍS @joaopnluis
produção ANDREIA VALENTE @_andrea_valente_
styling por ANDREIA VALENTE @_andrea_valente_ CAROLINA CANAS @nikalo
makeup FILIPA VILLAR AFONSO @meetmyfaces.makeup
hair OKSANA GRYBINNYK @oksygrybinnyk assistida por KATYA SELEZNOVA
modelos ERLMOM @erlomcastro XAVIER REIS @xaviereis @karacteragency



INTO THE ROSE GARDEN...



Xavier veste blazer DONNA NOIR, calças GIOVANNI GALLI, colares BEATRIZ JARDINHA e ELISABETTA FRANCHI
brinco BEATRIZ JARDINHA, anel ROCHA CARVÃO

Elrom veste camisa RELISH, casaco FRED PERRY,
colar e anel ROCHA CARVÃO, pulseira EUGÉNIO



Erlom veste casaco DINO ALVES, camiseta SCOTCH&SODA calções FILA, sneakers NEW BALANCE

Erlom veste casaco DINO ALVES,
camisola SCOTCH&SODA,
calções FILA, mala OLYMPIA LE TAN

Xavier veste camisola LACOSTE, calças VANS





Erlom usa colar e anel ROCHA CARVÃO



Erlom veste calções LE COQ SPORTIF

Xavier veste calções LEVIS, brincos BEATRIZ JARDINHA



Erlom veste camisa RELISH, colete SCOTCH&SODA,
saia MOLLY BRACKEN, sapatos MERRELL,
pulseira BEATRIZ JARDINHA, anéis TOUS



Erlom veste camisa SCOTCH&SODA,
calções LACOSTE, cinto RELISH, anel BEATRIZ JARDINHA



Erlom veste casaco SCOTCH&SODA,
colete MISSONI, calças NEW BALANCE,
sapatos FRED PERRY

Xavier veste casaco, calças e sapatos TOMMY HILFIGER,
brincos BEATRIZ JARDINHA



Erlom usa vestido ALVES GONÇALVES,
toucados CATA VASSALO, sapatos MERRELL



Xavier veste casaco LEVIS, camisola RELISH, calças SCOTCH&SODA, meias LE COQ SPORTIF, sneakers NEW BALANCE, brincos TOUS, toucado CATA VASSALO

Erlom veste camisa SCOTCH&SODA, calções LACOSTE, cinto RELISH, anel BEATRIZ JARDINHA



Erlom usa alfinete ROCHA CARVÃO



Xavier veste casaco DINO ALVES,
calças SCOTCH&SODA, brincos TOUS

Erlom veste camisa RELISH, colete SCOTCH&SODA,
saia MOLLY BRACKEN, sneakers MERRELL,
pulseira BEATRIZ JARDINHA, anéis TOUS

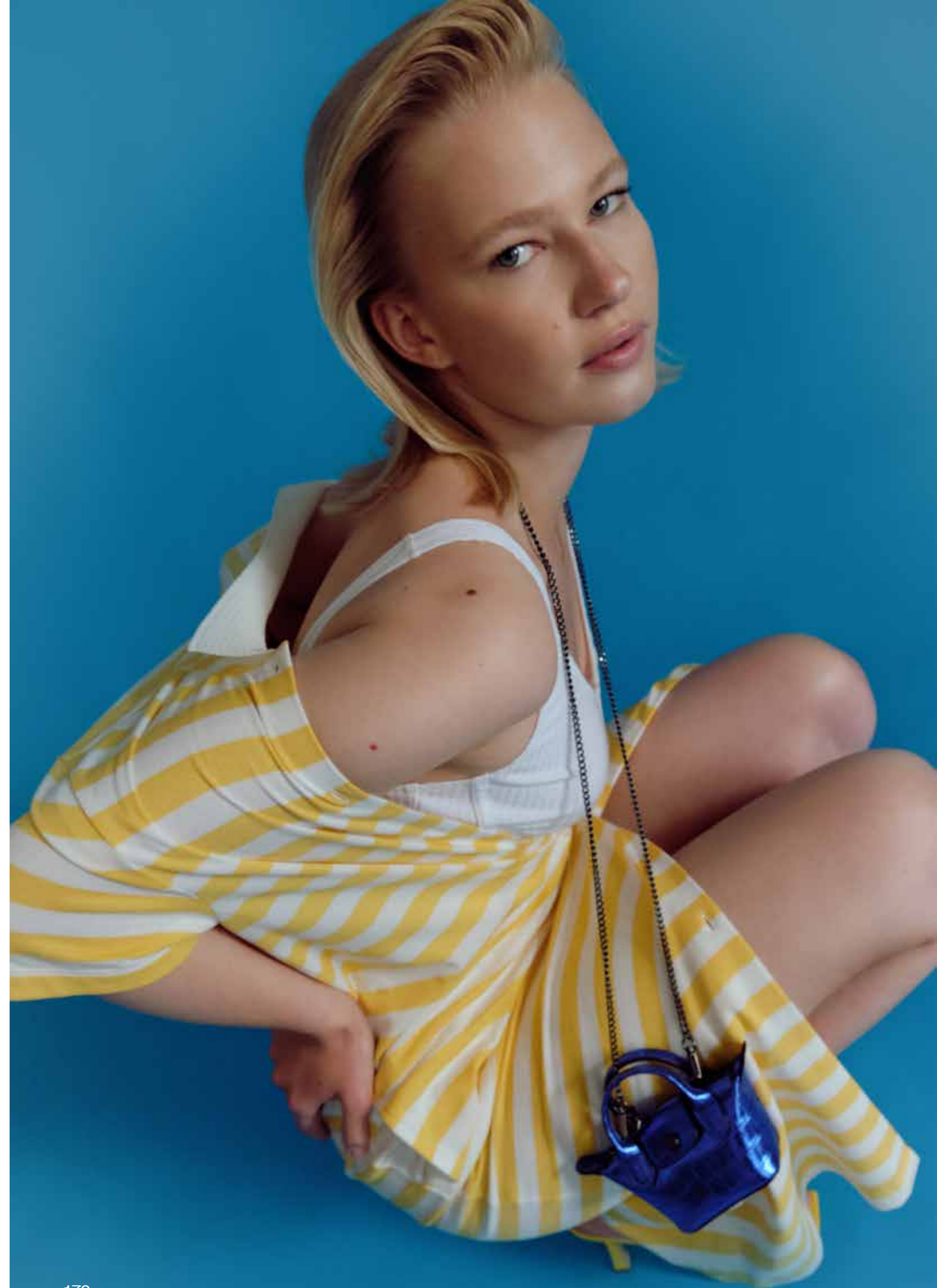


-wearing our jewels

FORWARD fotografia JULIE DIMITROVA
direção criativa e styling DANIELA GIL makeup NATA MIRKINA hair OKSANA GRYBINNYK
modelo VALERIIA MERZLIKINA just models lisboa



Body TEZENIS, vestido LACOSTE, sapatos GUESS,
mala LONGCHAMP





Blazer GONÇALO PEIXOTO, brincos MASS LEE

Vestido ALVES GONÇALVES, brincos MASS LEE





Top GONÇALO PEIXOTO, calças SCOTCH&SODA





Blazer GONÇALO PEIXOTO, sapatos GUESS,
brincos MASS LEE



Casaco LONGCHAMP, collans CALZEDONIA,
brincos MASS LEE



Top GUESS, calções TEZENIS, anéis MASS LEE



Top GUESS, calções TEZENIS, collans CALZEDONIA, brincos MASS LEE



Casaco LONGCHAMP, collans CALZEDONIA, brincos MASS LEE

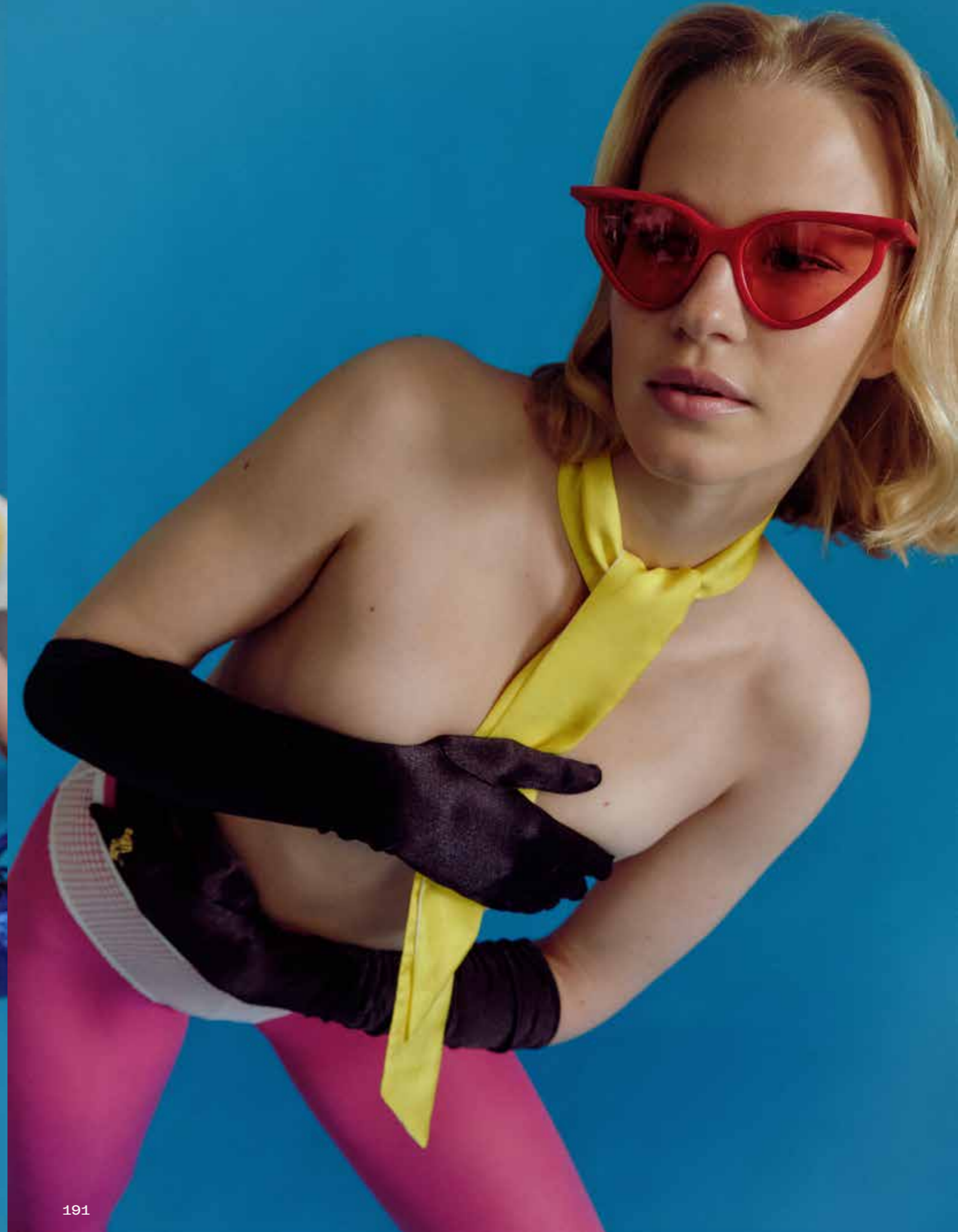


Top LONGCHAMP, óculos GUCCI

Óculos BALENCIAGA, collans CALZEDONIA,
cuecas TEZENIS, lenço GIL, anel MASS LEE



Body TEZENIS, vestido LACOSTE,
saltos GUESS, mala LONGCHAMP



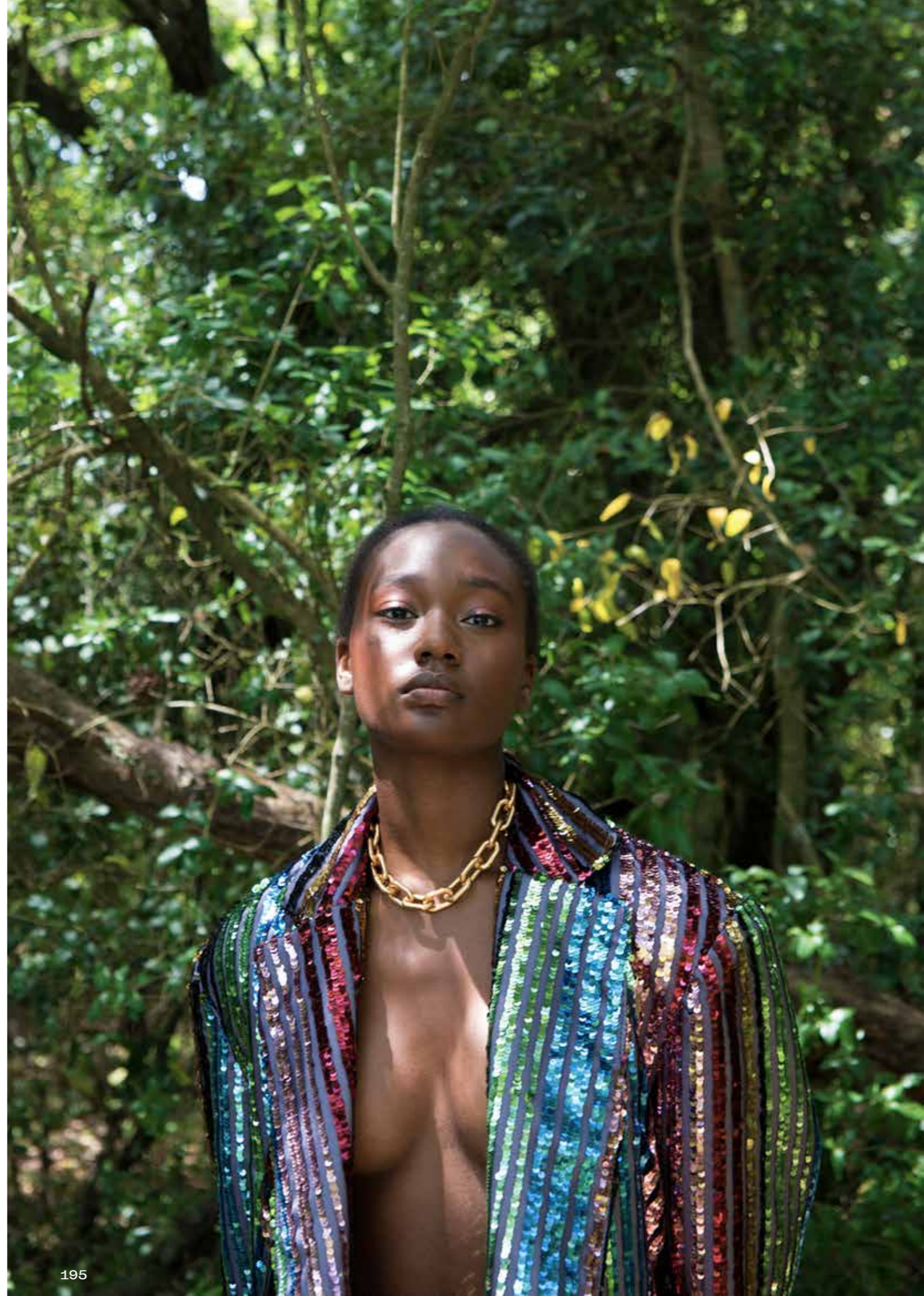


Vestido ALVES GONÇALVES, body TEZENIS,
botas DR MARTENS, brincos MASS LEE



BFFS fotografia SARA DE JESUS BENTO @sarjbento
styling BEATRIZ CARDOSO @tiz.fashiondesign makeup FILIPA VILLAR AFONSO @meetmyfaces.makeup
modelos MARIANA KAPA centralmodels GEIZA centralmodels JANINA TATI da banda agency

Janina veste blazer TIZ FASHION DESIGN, colar H&M



Geiza veste t-shirt e saia FOUR SOUL,
colete H&M, sandálias H&M, choker X



Janina veste fato lantejoulas TIZ
FASHION DESIGN, ténis SANJO

Mariana veste blazer TIZ FASHION DESIGN,
biker shorts H&M, meias HAPPY SOCKS,
sandálias BUFFALO

Mariana veste conjunto branco FOUR SOUL,
mangas balão BUZINA BRAND



Mariana veste blazer TIZ FASHION DESIGN, anel H&M

Janina veste blazer TIZ FASHION DESIGN, colar H&M



Mariana veste conjunto, top,
biker shorts e anel H&M



Mariana veste body e calças FOUR SOUL,
mangas balão BUZINA BRAND

Janina veste blazer TIZ FASHION DESIGN,
top GONÇALO PEIXOTO, calções GUESS

Geiza veste top GONÇALO PEIXOTO

Mariana veste blazer TIZ FASHION DESIGN,
bucket hat FILA, conjunto, top,
biker shorts e anel H&M



Geiza veste conjunto rosa, saia e top FOUR
SOUL, colete e sandálias H&M, choker X

Janina veste blazer TIZ FASHION DESIGN, calções GUESS,
top GONÇALO PEIXOTO, sandálias PALLADIUM, brincos X

Geiza veste top FOUR SOUL,
colete H&M, gargantilha X



Janina usa vestido BUZINA BRAND, camisa GUESS,
sandálias PALLADIUM, brincos e pulseira H&M



ALLONE fotografia PEDRO AFONSO @pedroafonsoqram
direção criativa ANA MAGALHÃES @anadotmagalhaes styling LUCIA VALDEVINO @luciavaldevino
makeup RAQUEL SOEIRO @raquelsoeiromakeup hair EDGAR VENÂNCIO @edgarvenanciohairstylist
modelos KAROLINA LATOSZWESKA l'agence SEBASTIAN karakter models
vídeo e realização BRUNO NACARATO @brunonacarato
câmaras FRANCISCA ALVES @kiwicecream MARIANA BARROS @mariana.1.4 estúdio AV82 STUDIO @av82studio
revelação SAGRADA PELÍCULA @sagradapelicula



Karolina veste jumpsuit ANDRÉ JORGE

Sebastian veste túnica DAVII



Sebastian veste túnica DAVII, calças 0.9 VÍRUS



Karolina veste jumpsuit ANDRÉ JORGE



Karolina veste blusa e leggings ALEXANDRA MOURA



Karolina veste blusa e leggings ALEXANDRA MOURA

Sebastian veste body 0.9 VÍRUS



Sebastian veste top ANDREIA REIMÃO
e vestido ALVES/GONÇALVES



Karolina veste blazer RAFAEL
FERREIRA e vestido DINO ALVES



Karolina veste blazer RAFAEL FERREIRA



Sebastian veste peitilho VALENTIM QUARESMA
e casaco LIDIJA KOLOVRAT



Karolina veste blazer ANDREIA REIMÃO



Sebastian veste peitilho VALENTIM QUARESMA
e casaco LIDIJA KOLOVRAT



Sebastian veste vestido/poncho ARIYAKI



Karolina veste vestido RITA IBS



Karolina e Sebastian vestem top e fato ANDREIA REIMÃO

ANDRÉ ÓPTICAS – TIVOLI FORUM

texto Maria São Miguel

Enquadrada no espaço comercial de maior luxo em Lisboa, o Tivoli Forum, a ANDRÉ ÓPTICAS abriu no passado dia 05 de Abril a sua mais recente loja na Avenida da Liberdade. É o segundo estabelecimento nesta avenida e sendo muito menor foi toda desenhada ao detalhe, como se fosse uma jóia, para frisar o carácter de exceção deste novo espaço. De resto os serviços são os mesmos e os clientes habituais sabem o que encontrar. Uma seleção criteriosa de modelos de óculos onde a raridade e a exclusividade são a principal proposta, não descartando peças de coleção, vintage. Depois o amor e o conhecimento sobre o que fazem aliado ao atendimento esmerado, explicam o facto da ANDRÉ ÓPTICAS se ter tornado em Portugal uma referência na área

Fundada em 1981, ao longo dos últimos 40 anos a ANDRÉ ÓPTICAS levou a sua paixão por óculos mais além. São exemplos, a exposição no MUDE, em 2014, em que foram expostas mais de 400 peças do acervo da marca, ou, mais recentemente, em 2019, a abertura do seu atelier no coração do Chiado. Esta inauguração trouxe consigo a criação da sua própria insígnia, a *Family Affair*, que passou a permitir aos clientes da marca criarem os seus próprios óculos à medida e de forma personalizada, produzidos artesanalmente com materiais da mais alta qualidade.



ANDRÉ ÓPTICAS
Tivoli Forum
Av. da Liberdade 180, loja 4
Lisboa

@andreopticas



WOW – MUSEU DA MODA E DOS TÊXTEIS

texto Maria São Miguel



A WOW do Porto que nasceu no espaço reconvertido das caves Taylors em Gaia, oferece, entre muitas atrações, uma nova novidade de dimensão nacional. Num dos seus edifícios acaba de se instalar o novíssimo MUSEU DA MODA E DO TÊXTIL. Trata-se de uma área aproximada de dois mil metros quadrados, organizada em dois pisos. O primeiro, versa sobre a indústria têxtil em Portugal onde os visitantes podem conhecer a importância daquele setor no desenvolvimento da região Norte de Portugal, bem como na economia nacional. Há documentação que parte do século XV e percorre a sua evolução, culminando aos dias de hoje onde se abre espaço a várias oficinas que revelam os processos produtivos desde a fiação, debuxo, tecelagem, tinturaria, até à confeção e montra. O segundo piso é dedicado à moda de autor portuguesa, ao calçado nacional e à arte da filigrana. Há uma segmentação, onde encontramos primeiramente, uma sala dedicada aos pioneiros: EDUARDA ABBONDANZA e MÁRIO MATOS RIBEIRO, ANA SALAZAR, JOSÉ ANTÓNIO TENENTE, JOÃO TOMÉ e FRANCISCO PONTES ou MANUELA GONÇALVES. Depois outra vocacionada para uma geração de criadores que reenche na atualidade as semanas de moda portuguesas: MIGUEL VIEIRA, LUÍS BUCHINHO, NUNO BALTAZAR, FÁTIMA LOPES, MARIA GAMBINA, FILIPE FAÍSCA, LUÍS CARVALHO, ANABELA BALDAQUE, DIOGO MIRANDA, HUGO COSTA, ALEXANDRA MOURA, RICARDO PRETO e CARLOS GIL, entre muitos outros. Por fim uma sala para os criadores emergentes, ESTELITA MENDONÇA e GONÇALO PEIXOTO, onde também ganha destaque, os expositores de acessórios mais excêntricos desenvolvidos para desfiles e que evidentemente encontram aqui o lugar certo para serem cuidados e preservados.

WOW
MUSEU DA MODA E DOS TÊXTEIS
Rua do Choupelo, 39
Vila Nova de Gaia

Seg. → Sex. | 12h → 19h
Sáb. → Dom. | 10h → 19h

VALSA: NO CORAL COLECTIVO

texto Francisco Vaz Fernandes

COLECTIVO CORAL
Rua Angelina Vidal, 13-25 – Graça
Lisboa

@valsavalsavalsa
@coralcolectivo

A VALSA foi concebido por duas amigas brasileiras, MARINA e NIKA. Desde 2018 tem sido um bar com vontade de ser um centro criativo dada a quantidade de atividades culturais programadas mensalmente para animação do espaço. Na VALSA promovem a diversidade e tornou-se um laboratório para artistas e criadores que queiram experimentar novos formatos. Nos seus 3 anos de existência a VALSA trouxe nomes relevantes para o cenário independente luso-brasileiro como KARINA BUHR, LETRUX, FERNANDO CATATAU, JOSYARA, GIOVANI CIDREIRA, HELIO FLANDERS, FADO BICHA, MARIA REIS, SURMA, GABRIEL FERRANDINI e outros tantos somando mais de 400 atividades culturais.

O percurso não tem sido fácil, e o último ano lançou desafios que fizeram com que as duas mentoras tivessem que repensar o seu modelo, tendo decidido sair da Penha de França, onde se tinham estabelecido originalmente para se deslocarem para a zona da Graça, onde abriram portas recentemente, partilhando o espaço com outros projetos semelhantes. Ou seja, a VALSA encontra-se com o CAFÉ MORTARA e ARTESANALIS dando origem ao COLECTIVO CORAL.

Não é uma fusão. Cada uma destas formações mantém uma gestão e personalidade própria mas certamente todos nós ficamos a ganhar com a multiplicidade de atividades que vão ser possíveis nessa conjugação de esforços.

A VALSA vai ter duas salas, uma, essencialmente verde dedicada à cultura, onde acontecem concertos, DJ sets, e workshops. Na outra sala, de cor mostarda, ressalta o carácter híbrido e temos um bar e uma mercearia. Vão ter que conviver com as famosas pizzas de fermentação natural do THIAGO, que já tinha provado que uma valsa só se dança a três. Juntam-se ainda as massas caseiras feitas à mão pelos MORTARA, e outros produtos caseiros e cervejas artesanais selecionados pela ARTESANALIS. Ou seja um espaço híbrido, coletivo, com uma curadoria diversa que reúne ideias, comida, bebida e cultura, feito por pessoas que valorizam os processos coletivos, descomplicadas e artesanais. Tudo gerado com afeto e respeito. Venha então a valsa.

↓ Marina, Nika e Thiago, membros da Valsa - foto de Alex Rajan



OTRO

texto Francisco Vaz Fernandes

Situado numa paralela recatada da Av. da Liberdade, em Lisboa, o restaurante OTRO propõe aos seus clientes uma nova carta assinada pelo chef VÍTOR SOBRAL num universo exclusivo, luxuoso e requintado. Mantém algum dos clássicos da casa como o foie gras, servido com figos secos confitados, cebolinhas e cássis (24 EUR) ou o carpaccio de novilho, com legumes marinados, vinagrete de trufas e cogumelos (49,50 EUR), mas também traz novidades próprias para esta estação quente, como o atum fresco de escabeche e maracujá (21 EUR) que foi a minha entrada. Levemente braseado, o sabor tostado combinava com o crocante dos frutos secos e uma emulsão levemente ácida do maracujá. Tudo acompanhado por excelente Espumante Soalheiro, Alvarinho Bruto. Nada mais perfeito.

O chef VÍTOR SOBRAL mantém o bacalhau entre os pratos principais, com referência às tradições gastronómicas portuguesas de que é exemplo Bacalhau de Forno, aqui com lavagante, ameijoas, mandioca, coco e especiarias (35 EUR). Contudo a nova carta apresenta uma alternativa, mais veranil, o Bacalhau fresco em Panko, creme de laranja, coco e couve

chinesa (24 EUR). O que sobressai é o crocante do panado num estilo oriental, a contrastar com a textura cremosa de um bacalhau fresco no interior. Com um sabor a bacalhau muito menos prenunciado, para além da diferença de texturas é exaltado a tropicalidade que resulta da mistura da laranja com o coco. Para terminar outra inovação da carta, o bolo de queijo com caramelo salgado e amêndoas (14,50 EUR) que aparentemente tem surgido como uma das tendências na área da doçaria. Os novos fãs não vão ficar desapontados. Quem não ficaria derretido com o caramelo salgado, uma das melhores invenções de sempre!

Evidentemente, o OTRO é um prolongamento da “A experiência que o grupo conquistou ao longo dos últimos cinco anos, estendendo-se agora à arte de bem comer e conviver” e passem as restrições sanitárias, o restaurante está pronto a ganhar uma dimensão mais feérica. A mesa de Dj já lá está na sala de jantar e promete ampliar o som mais ao final da noite para embalar o último copo dos presentes ou dar um caloroso bem-vindo a um cliente mais tardio, que procure uma refeição à última da hora.

↓ Atum fresco de escabeche e maracujá



↑ Bolo queijo caramelo salgado e amêndoas

↓ Bacalhau fresco em panko, creme laranja, coco e couve chinesa



BOMAU

texto Francisco Vaz Fernandes

Os acasos têm dessas coisas. Não fosse a filha de um casal americano de origem indiana ter uma relação amorosa com um português e provavelmente o BOMAU e Lisboa estariam muito longe de qualquer plano de KANAN e VIJAY JAYACHANDRAN. Mas o acaso quis que este casal de arquitetos viesse conhecer os pais do rapaz e as viagens a Portugal acabaram por se suceder e deram tempo para estudar um novo projeto na área da restauração na zona do rato.

Esta mudança que até pode parecer radical, mas foi atenuada, porque traziam a ideia de abrir um espaço que fosse local de partilha e um prolongamento da sua própria casa. Os dois gostavam de cozinhar, e propunham trazer o que já faziam para si, uma alimentação saudável e equilibrada inspirada nas suas tradições asiáticas em fusão com a cozinha do mundo. Receitas vegetarianas ganhavam algum relevo, mas não eram exclusivas. Por isso para KANAN e VIJAY a mudança mais radical foi a questão da escala. Passaram de pequena, a uma família alargada. Este espírito de comunidade começa na equipa multicultural, onde todos são co-proprietários e em que cada um colocou um pouco de si desde início do projeto.

Pode-se então dizer que a comida do BOMAU é caseira e não é admitido um único produto processado. Todos são feitos por eles e mesmo o molho de ketchup, como gostam de frisar, é um produto fresco realizado pelo equipa. Ou seja, a ênfase no BOMAU é a qualidade dos produtos frescos, de onde se procura extrair o máximo de sabor dentro de um quadro de sustentabilidade que traz o desperdício na sua cozinha quase ao nível zero. Uma prática que os obriga, desde já a ser criativos.

Os “burgers” são um dos produtos estrelas do BOMAU e podem vir numa tábua de 3 (12 EUR). São de num formato reduzido mas que estão longe de serem mini. É uma opção que surgiu no decorrer da experiência com os clientes que perante opções tão particulares e diferentes acabavam por querer experimentar vários ao mesmo tempo. Pessoalmente fiquei rendido ao “burger” de peixe, o *Lemon Grass Fish Slider* com espinafres. Na boca, é macio, suculento com uma explosão de sabores ao final. Acompanhado pelo sumo do dia, abacaxi, maçã e hortelã consegui-me transportar do Rato para um qualquer destino paradisíaco. Experimentei igualmente, o de cogumelos *Chipotle Mushroom Slider* com repolho branco, cebolas maceradas e coentros, a novidade da estação e ficou igualmente aprovado. Não optei pelo clássico, o de carne de vaca, mas considereei positivo que um espaço que se quer inclusivo não se encerre em ideais extremistas.

Na verdade, a carta da BOMAU é bastante plural e foi pensada para satisfazer um cliente a qualquer hora do dia sem se prender a horários e ofertas para almoço. Por exemplo os *Poppyseed Cupcakes* (2,5 EUR), que são outro dos pontos altos da casa, podem tanto ser servidos como sobremesa, no final de uma refeição, como acompanhados com café ou um cappuccino nas primeiras horas do dia. O mesmo diria sobre os “burgers”; uma unidade (5 EUR), pode acompanhar bem uma cerveja artesanal, a Corvo, ao meio da tarde. E porque não olhar para os starters do carta como um acompanhante de um Gin Sour de Tomilho e Limão (7 EUR). Ao almoço provei os chips de Mandioca (3 EUR) e os veggie Fritters (5 EUR), acompanhados de um molho delicioso que serviam perfeitamente essa função. Ou seja, no centro de Lisboa, com uma explanada rodeada por árvores é um sítio altamente recomendado a qualquer hora do dia.



BOMAU
Rua Alexandre Herculano, 61
Largo do Rato, Lisboa

Seg. → Sex. | 10h → 22h30

@bomaulx



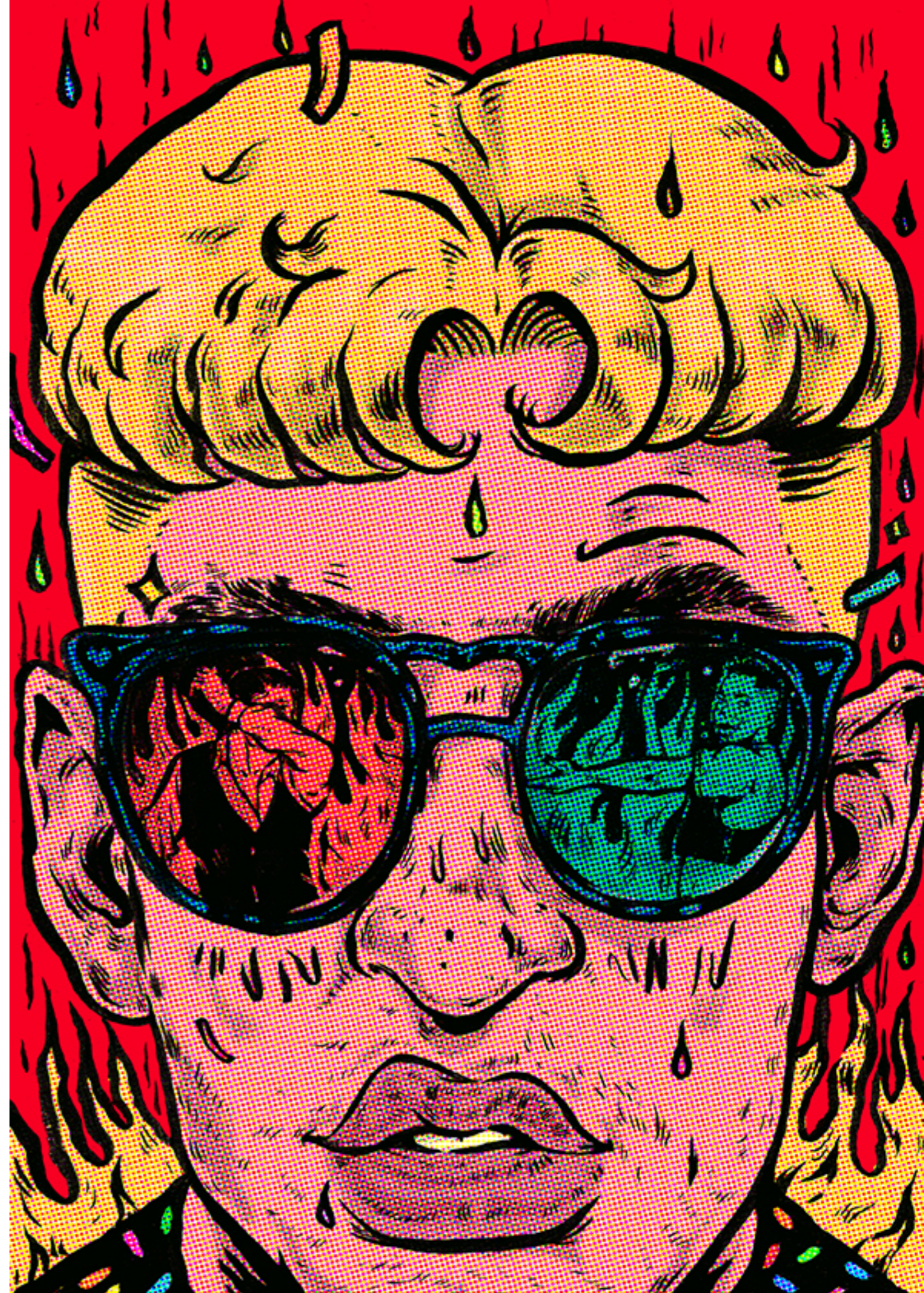
“TANGO, MACARENA E AMOR”

texto PATRÍCIA CÉSAR VICENTE
ilustração NICOLAE NEGURA

Acho que toda a gente tem uma ideia do amor. Qual ideia ao certo? Uma ideia que encaixe nas diferentes fases da vida de cada um. Há séculos e séculos que escritores, aspirantes a escritores e simples mortais que desabafam com o papel fazem descrições do amor. Fruto de experiências ou falta delas. Aprofundam os sintomas e causas do amor ao sentirem e por observarem padrões de comportamento quando o assunto é Love. E aqui sim, refiro-me ao amor romântico, ao amor que as músicas pop dizem que “somos um só e não precisamos de mais ninguém para sermos felizes” e depois vai daí que percebemos que é só mesmo a música que foi escrita por alguém nos seus primeiros dois meses de namoro, de caso, lance ou algo do género. Podem escolher um nome mas estão a ver ao que me refiro, não estão? Nem sequer sabemos quanto tempo é a dita fase inicial. Para muitos é o primeiro ano, outras vezes não chega a uma semana. Sim, eu sei. Mas há pessoas que não permanecem muito tempo na nossa vida. Aprendemos o que temos a aprender e seguimos em frente. De forma inconsciente confundimos o amor eterno com uma paixão efémera, confundimos um amo-te com um “por enquanto estamos bem”, confundimos um para sempre com um até daqui a

um mês. E mesmo com séculos e séculos de histórias de amor testemunhadas e escritas em livros continuamos sem saber ao certo como é que vai ser quando é a nossa vez. Podemos pedir opiniões, lançar cartas, fazer psicanálise, estudos sociais que nunca sabemos como é que vai ser nem quanto tempo vai durar. Porque às vezes tem tudo para dar certo e depois não dá, e também há caso que tem tudo para dar errado e até corre bem. As opiniões que formamos acerca do amor vão mudando de acordo com as pessoas que deixamos entrar ou sair da nossa vida. Mudam de acordo com os diferentes momentos da nossa vida, o que procuramos no outro muda à medida que nos vamos conhecendo melhor e percebemos o que realmente admiramos e queremos por perto. E depois temos as cedências, até onde devemos ceder ou não. Nas relações há que ter flexibilidade e não é só na cama. Mas até onde é que devemos ser flexíveis e estabelecer barreiras. E é aqui neste ponto que cada um tem as suas. Assim como a sua flexibilidade também o nosso coração se pode tornar limitado quando o assunto é aceitar algo que já não o faz feliz. Basicamente andamos a fazer o jogo das cadeiras, aquele em que estamos todos a correr à volta das cadeiras e quando a música pára temos de nos sentar. Só que não

há cadeiras para todos. Uns têm a sorte de estar no lugar certo e sentam-se, outros sentam-se ao colo de alguém, outros empurram quem for preciso para se sentar e depois há os doidos que preferem continuar a correr à volta das cadeiras mesmo quando a música pára só para não terem de ir à luta por um lugar para se sentarem. Eu entendo. Por vezes estas coisas do amor podem ser piores do que a selva e se o nosso animal spirit for uma preguiça...fica difícil. Nestas coisas do amor dizem que quando um não quer dois não dançam. Acho que sim, que é verdade. Mas reparem na quantidade de casais que querem dançar os dois, no entanto, uma pessoa está a dançar um lindo tango enquanto que a outra pessoa está a dançar freneticamente a Macarena. Pode ser uma combinação gira, mas geralmente há um que desiste que o outro dance no seu ritmo. O amor é um caminho de duplo sentido, sentido inverso, sentido proibido, sentido obrigatório e outras vezes parece que não tem sentido nenhum. Contudo, o amor continua a ser um motor, tem uma força que até os mais resistentes temem, tem um poder que ninguém consegue definir e acima de tudo, continua a ser um dos maiores privilégios da humanidade. E se este amor não for para sempre? Nós também não fomos feitos para vivermos para sempre e desejamos viver.



PARQ

follow us

www.facebook.com/parqmag

www.parqmag.com

www.instagram.com/parqmag/